

AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: Elysió de Carvalho



Anno II. N. 14. Fevereiro de 1923.

Preço: 1\$000

AMERICA BRASILEIRA

RESENHA DA VIDA NACIONAL

Director: ELYSIO DE CARVALHO

Secretario da redacção: LUIS-ANNIBAL FALCÃO

SUMMARIO DESTE NUMERO

POLITICA FERROVIARIA DO BRASIL.....	REDACÇÃO.
INDICES DA FORMAÇÃO BRASILEIRA.....	RENATO ALMEIDA.
VARNHAGEN	J. CAPISTRANO DE ABREU.
POMBAL E A CIVILISAÇÃO BRASILEIRA.....	ELYSIO DE CARVALHO.
O GENIO PENINSULAR.....	ANTONIO SARDINHA.
ANTONIO SARDINHA, POETA DO LUSITANISMO.....	LOBO D'OLIVEIRA.
A ARTE PORTUGUESA NO BRASIL.....	LUIS-ANNIBAL FALCÃO.
A EVASÃO DA AGUIA.....	ADRIEN DELPECH.
O SYMBOLISMO NA ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA..	HERMES DA FONSECA FILHO.
CANDÉA DE ARGILA	EDEC.
NOTAS & COMMENTARIOS.....	REDACÇÃO.
NOTULAS	REDACÇÃO.

REPERTORIO

Vida internacional ; Homens e cousas estrangeiras ; Da America Espanhola ; Portugalla ; Historia ; Autores e livros ; Revistas e jornaes ; Syllogeu ; Associações scientificas e literarias ; O Brasil no estrangeiro ; Notas diplomaticas ; Defesa da raça ; Boletim militar ; Theatro ; Artes e artistas ; Avisos.

ILLUSTRAÇÕES DE DI CAVALCANTI

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL		VENDA AVULSA	
Para o Brasil.	10\$000	Numero do mez	1\$000
Para o Exterior	12\$000	Numero atrazado.	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 96, 3.º

Tel. Norte 6011

RIO DE JANEIRO - BRASIL

Caixa Postal 1223

AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 14



RIO DE JANEIRO



FEVEREIRO, DE 1923



ANNO II

POLITICA FERROVIARIA DO BRASIL

Não sabemos as disposições do governo actual no attinente á questão ferroviaria no Brasil, porquanto, preocupado grandemente com a crise economica, não tem dirigido sua attenção para outros assumptos, que exigem, no entretanto, o maior zelo e cuidado. Seja como fôr, temos que fazer uma administração dinamica, queremos dizer, procurando amparar as difficuldades economicas e as deficiencias financeiras sem parar o progresso, sem entrar nenhuma das forças que envolvem o crescimento do paiz e o seu futuro. O problema das estradas de ferro é dessa ordem. Como se sabe, a guerra desorganizou de tal fórma as nossas estradas e tornou tão difficil a reforma do material, que os capitalistas estrangeiros solicitaram do ex-presidente Epitacio Pessoa, logo depois de eleito e quando se encontrava ainda na Europa, que orientasse sua politica viaria no sentido de facilitar a situação das estradas, ameaçadas porventura de um desastre sem precedentes. Não vamos argumentar, mostrando a necessidade de estradas de penetração, pois já é um truismo, de que mais ninguem precisa ser convencido, simplesmente insistir na necessidade de procurar uma politica que harmonise os interesses da viação com os reclamos das companhias, de sorte que nem o transporte venha a sofrer, nem sejam prejudicadas as empresas. No Brasil, excepto em São Paulo, onde as estradas prosperam, porque o café pôde supportar tarifas de resistencia, a situação geral das companhias é de desequilibrio, pois, de um lado, as despesas são cada vez mais elevadas, pelo encarecimento do material, aggravado pelo cambio, elevação de salarios, etc., e, do outro, as tarifas não podem crescer proporcionalmente, em virtude das zonas percorridas não permittirem essa alta. O caso da Viação Ferrea do Rio Grande do Sul, antiga *Auxiliaire* é tipico. Encampada a estrada, passada ao governo estadual, este teve de elevar as tarifas de 300 %, com o que ainda as manteve abaixo das de muitas outras estradas. Mas, o Estado não supportou e o commercio de madeiras, sobretudo, veiu a sofrer consideravelmente, fechando-se muitas serrarias. Emquanto as populações se queixam das estradas, estas se queixam ao governo do regime tarifario, que não pôde ser mais alterado, sem entrar o transporte, que deixaria de ser feito. Nessas condições, pre-

cisa o governo attender e conciliar essas divergencias, que não podem continuar e, se persistirem, levarão á nossa viação ferrea a uma desorganização completa. A officialização das estradas, como se vae tentando fazer, com as ultimas encampações, é um regime duvidoso e a experiencia, uniforme em toda parte, o desaconselha, como vicioso e errado. Basta lembrar que, em mãos do governo, por ocasião pa guerra, as estradas norte-americanas, começaram a dar *deficits*, como sempre deram as allemãs dirigidas pelo Estado.

Entre nós, temos vivido em constantes experiencias, muitas das quaes abandonadas antes de verificado seu possivel resultado. Os arrendamentos, as garantias de juros, a officialização, têm sido successivamente executados, com exito problematico. Sem duvida alguma, o governo passado procurou socorrer ás nossas estradas e minorar-lhes as difficuldades, mas nem sempre lhe foi possivel, sobretudo com o *Great Western* de Pernambuco e a Viação Bahiana, que, como disse o Sr. Pires do Rio, no seu ultimo relatório ministerial, se debatem 'no meio de grandes difficuldades para servirem as importantes regiões que atravessam'. Embora solucionando alguns casos, como o da Sul-Mineira, da *Auxiliaire*, da Theresopolis e da Tocantins, o governo Epitacio Pessoa não pôde dar um cunho novo ao problema, que permanece, desafiando a sagacidade de nossos estadistas. Porque não se pôde particularizar a questão, nesta ou naquella estrada, uma vez que abrange um problema amplo, com multiplas faces, a technica, a economica, a financeira e a topographica, para só falar nas mais importantes. Além disso, esses aspectos se relacionam ás zonas servidas pelas estradas, á situação das companhias e ás finanças estaduais e federaes. A magnitude da questão é que a complica, mas não seria possivel solvel-a, dividindo-a, como tem sido o engano de nossos estadistas. Apenas ha a excepção de S. Paulo, pois, como dissemos, o café supporta as alta tarifas, que lhes permittem lucros compensadores. Mas, não havendo no Brasil, por enquanto, outros productos de resistencia, pois a differença que vae entre o café e qualquer dos productos, que têm figurado em segundo logar na nossa balança mercantil, é simplesmente espantosa,

temos que procurar um meio de resolver o problema viario com certa unidade, attentas ás condições regionaes, mas sem essas perturbadoras divergencias, que tanto o complicam. Além disso, obedecendo o plano das nossas estradas de ferro a uma ligação dos grandes centros dos Estados, de Belém do Pará ao Rio Grande, entroncando-se os trilhos de uma estrada noç de outra, o que, de futuro, obrigará ao trafego mutuo, não poderemos permanecer com essa variedade de systemas de desorganização indiscutivel. Constitue esse ponto uma das maiores difficuldades, como se pôde ver: nessa interessante comparação que foi feita entre a *Viação Bahiana* e a *Mogyana* de S. Paulo. Em 1920, aquella tinha em trafego *1.956,465 klms. e esta 1.688,171 ou seja uma differença para menos de 267,748 klms. Pois bem, enquanto a primeira rendeu 9.586.041\$303 a segunda rendeu 31.670.951\$492, ou sejam mais 22.084.910\$189. Esses algarismos dispensam commentarios e si dessemos o quadro das rendas de nossas estradas, em relação á sua kilometragem e regiões percorridas, poderíamos fazer o mais interessante diagramma de desequilibrio.

Ora, o problema das estradas de ferro é daquelles que não se podem adiar nem procrastinar. E' preciso encarar de frente, resolutamente, adoptando um plano de acção energico, e abandonando de vez essa perpetua indecisão que tem caracterizado nossa politica nesse particular. Temos fortes capitaes nacionaes e estrangeiros empregados nas nossas estradas e nós bem sabemos que, consoante a velha imagem de Spencer, ellas são, para o organismo da nação, as arterias e as veias por onde circula a riqueza, que a mantem e desenvolve. Abandonal-as seria provocar o colapso, evitado pelo governo passado, cuja actuação embora benefica não pode ser mais do que topica, sem a extensão e amplitude necessarias. Cabe ao governo actual retomar o estudo apurado da magna questão, porque só poderemos resolver a crise financeira que nos assoberba pelo aparelhamento economico do paiz. Não serão as medidas de emergencia que solucionarão a crise nacional, mas a propulsão da potencialidade inestimavel de sua economia, que se multiplica e avigora. Mas, então, das nossas estradas, organisadas e com o frete modico, dependerá o incremento do commercio, pela exportação, donde advirá o ouro para a obra gigantesca do progresso do Brasil.

INDICES DA FORMAÇÃO BRASILEIRA

Na renovação dos estados de nossa historia, que se intensificam e apuram, ha uma tentativa salutar, mas não é ainda o verdadeiro criterio a que devem obedecer, pois permanece o substracto do exaggero, que não conduz á perfeição. Do methodo quasi que exclusivamente decriptivo passamos ao hyperbolico, segundo o qual todos os dados da formação brasileira são vistos através das lentes poderosas de um arraigado nacionalismo, deformador da verdade e que nos propôrã equações porventura insolúveis, diante das quaes havemos de findar desiludidos e melancolicos. Repete-se o erro do exaggero da natureza, que dissemos portentosa e prodiga e nos desenganamos depois, vendo-a insidiosa e malevola, para cair num scepticismo enervante e amargo. O vicio romantico se renova. Agora, é commum nos estudos de historia, um tom lyrico e declamatorio, de perpetua exaltação, que torna os nossos feitos sem precedentes, os nossos herões super-homens, os nossos avoengos varões formidaveis. O patriotismo perde o senso da realidade e opera-se aquillo que o Sr. Oliveira Vianna chamou, com certa impropriedade aliás, de "idealismo utopico", segundo o qual vamos fazendo a hypertrophia da historia patria. É preciso, desde já, insistir nesse "engano ledô e cego", evitando a desillusão do dia em que a fortuna o dissipar, depois de ter viciado toda uma geração, que nelle se fôr fiar. O que precisamos é estudar a historia com menos enfeites e mais criterio, procurando através dos acontecimentos successivos a constancia das leis que se affirmam, como filões preciosos de ensinamentos. A historia não pôde ser uma diversão mental, um jogo de mentiras luzidas e controversias brilhantes, mas um campo de experiencia, onde todos os valores são ponderaveis e o mal se pesa com o bem, para o equilibrio das realidades.

Um admiravel exemplo desse esforço acaba de dar o Sr. Victor Vianna no *Historico da Formação Economica do Brasil*, que, aliás, não refoge a certos exaggeros em voga. Mas, procurando a razão de ser dos phenomenos, e não se contentando com as apparencias, annulla-se, em parte, o excesso na apreciação destas, pelo rigor na determinação daquelle. Este livro conta-se entre os ensaios mais estimaveis da producção moderna sobre o Brasil, pois nelle o seu autor estuda a base economica do paiz á luz de sua formação ethnica, social e politica, na relatividade de suas contingencias proprias, na dependencia do meio e em função do dynamismo americano. Não sendo a economia um factô isolado, antes o que mais directamente se entronca na cadeia das resultantes da vida de um paiz, o Sr. Victor Vianna, partindo da "predestinação americana", phenomeno maravilhoso que deslumbrou os europeos e os levou á cavallaria dos mares, em busca de novos mundos, conclue muito logicamente de que o movel dessa aventura foi a ante-visão do *el-dourado*, reluzindo aos seus olhos fascinados. Estuda como e porque os europeos vieram para a America, mostra a colonização ingleza criando os Estados Unidos e as formações hispano-americanas, para depois se deter nos fundamentos de sociologia brasileira, donde conclue as bases da nossa economia, tiradas de razões doutrinares e contingencias do meio, obedecendo a regras invariaveis e pré-estabelecidos. O seu ponto de partida é a justificação intelligente e brilhante do que chamou a especialização, motivada pelo factô das metropoles prohibirem que as colonias produzissam ou manufacturassem productos seus, obrigando-as, portanto, a especializarem o trabalho, nos artigos de que careciam. "Eu considero toda essa legislação feroz e prohibitiva como que a providencia admiravel de

uma espantosa predestinação". O mercantilismo foi, pois, e indiscutivelmente, o factor do desenvolvimento americano, o factor do concepção que pela primeira vez se fixa em nossa historia. Compara bem essa influencia benefica a nossa economia, quando o trabalho livre seria talvez impossivel. Para o Sr. Victor Vianna a nossa historia é uma maravilha, mas veio determinada pela grandeza de nossa posição geographica, de seu immenso territorio, que o torna o maior paiz da terra, porque foi o unico que se formou tão grande com "uma só nação, por uma só nacionalidade, com as mesmas aspirações nacionaes". Foi o milagre de unidade, que constitue o mais admiravel phenomeno de nossa historia, ainda por explicar sufficientemente. O nome commum freme em toda parte, nas longinquas selvas do extremo norte, no chapadão do nordeste, no centro do paiz, mas cidades florescentes, nas cochilas gauchas. Mas, como se criou esse nome commum? O milagre foi da terra ou do homem? ou foi o nome que exigio tão grande patria? Nessa origem mysteriosa de nação está porventura o segredo de tantos outros problemas inquietantes de nossa adaptação ao meio. Quando não o deciframos, soffrermos a tragedia de uma deharmonia com o *habitat* prodigioso e esquivo, que deslumbra, mas melancoliza.

Não passou despercebida ao Sr. Victor Vianna, cuja envergadura de sociologo é das mais apreciaveis, a innumeravel theoria de factos que actuou na nossa independencia politica, corrigindo o lugar commum de que essa libertação, como a dos demais povos americanos, foi devida exclusivamente ás guerras napoleonicas. Elas apressaram a obra dos "independentes", mas foi a mentalidade nova desses homens, filhos de uma terra nova, que os moveu, facilitados é certo pelo phenomeno europeu do grande Corso. Nesse ponto a reivindicación é uma necessidade. Foi o espirito americano, nos Estados Unidos, na Argentina, no Chile, no Mexico, ou no Brasil, que ralou e exigio seu governo proprio, sua propria lei, sua economia autonoma. Em toda parte, a questão economica foi o movel da rebeldia fremente. Se, entre nós, não surgiu em 22 é que já vinha de longe e brotou da sujeição economica o primeiro grito de revolta. "A independencia — explica o Sr. Victor Vianna — teria sido promovida mais cedo se D. João VI não viesse trazer, em 1808, a liberdade commercial. Quando o desvario das Côrtes de Lisboa pretendeu recolonizar, todos os homens influentes do Brazil protestaram. Era preciso a independencia politica, porque não seria possivel discutir mais de leve ou de longe a possibilidade de uma limitação da liberdade commercial e industrial" E' que os homens se agitam pelo interesse e a independencia era a liberdade da riqueza.

A obra americana levanta a questão ethnica. Não vamos discutil-a, nos limites deste simples artigo, mas apontar a solução do Sr. Victor Vianna, que parece mais accorde com os factos, com as contingencias da nossa formação e com o espirito americano. No assumpto, é difficil fallar sem preconceitos. Estes criam doutrinas, modificam e deformam theorias, ao sabor variavel das suas predilecções. O Sr. Victor Vianna mostra que o preoccupação americana de sermos brancos puros é um "daltonismo scientifico e ethnographico", porquanto em todo

o continente americano "a mestiçagem fez-se em larga escala" e, do caos ethnico resultante será difficil verificar a pureza branca. Além disso, contesta o principio das raças superiores, com que, por um instante, os Gobineau, os Lapouge, os Chamberlain e outros fascinaram a mentalidade moderna. A supremacia do branco puro é quasi uma idealidade. Se as raças chamadas inferiores tendem a desaparecer no Brasil é "porque o que caracteriza a raça como consciencia, como nacionalidade, como ideal, não é a lingua. O homem vale pelo que pensa e elle pensou na lingua do seu grupo. Por isso o ramo ethnico primitivo que impõe o seu idioma domina os demais e os assimila". Mas, nessa solução, perdura a incognita: porque e como um grupo conseguiu impor sua lingua? Deve ser por um phenomeno mais complexo de adaptação, que convém estudar em cada caso. Na America o europeu não representava apenas o elemento ethnico, mas o civilizado, em face de duas raças primitivas e incultas. Mais do que o sangue valia a força, a astucia e a cultura. O problema só se resolveria por si, no caso das tres raças se encontrarem em igual estado de civilização. Do contrario, as influencias mutuas se complicam, porque as târas do sangue branco, civilizado, eram superiores ás do negro e do indio. O sangue brasileiro não é composto de elementos iguaes, logo predominou o mais forte, mas os outros não se annullaram, sobretudo o negro. Basta lembrar nomes eminentes de brasileiros mestiços, para verificar o asserto. Bastaria citar Gregorio de Mattos, José Mauricio e Machado de Assis. O nosso typo ethnico, caldeado nos homens brancos, negros e bronzeados, sobretudo nos dous primeiros entre si, soffreu a influencia do meio, fez-se na terra e se libertou dos elementos formadores. Descendente de estranhos, fez-se brasileiro e, si vingou, foi pela força mesma dessa independencia. Como o *yankee* não é ingles, não somos portugueses, nem pretos, nem caboclos, mas brasileiros, uma raça nova, com indices adaptados ao meio, com uma lingua igual, mas cada dia mais livre de portuguezes, no accento, na syntaxe e no vocabulario. Somos e precisamos ser diferentes. O que nos falta é uma cultura nossa, apenas iniciada pela geração moderna, a quem cabe fazer a independencia intellectual e economica do Brasil. "Só os ultimos trinta annos, escreve judiciosamente o Sr. Victor Vianna, appareceram dirgentes e intellectuaes com a cobardia intellectual sufficiente para repetirem os erros, os abusos, as mentiras convencionaes dos europeos. E' contra esse snobismo suicida, é contra esse pedantismo doentio, é contra esses lugares communs dos desanimados, de cobardes intellectuaes, que a nossa geração se levanta e protesta, affirmando a serena confiança no futuro e na grandeza da patria" Essa obra de revisão dos nossos valores ha de reintegrar o Brasil na posse de sua grandeza, como uma Patria admiravel e forte, que caminha para a luz.

Não seria possivel apontar todas as suggestões do magnifico ensaio do Sr. Victor Vianna, que merece de quantos amam e prezam o estudo dos problemas nacionaes a attenção detida e aprofundada. Abordando-os, ás vezes por alto, como elementos de raciocinio, levanta neste livro um schema do dynamismo brasileiro no tumulto contemporaneo, de que esperamos um soerguimento maravilhoso, animado de força, de belleza e de ideal. Caminhemos, aperfeiçoando-nos!

Renato ALMEIDA

VARNHAGEN

Esta biographia de Francisco Adolpho de Varnhagen, escripta por Capistrano de Abreu, foi publicada no *Jornal do Commercio* de 16 e 20 de Dezembro de 1878. Não é trabalho completo ou definitivo, mas, ainda assim, muito pouco ha que acrescentar ao formoso bosquejo, traçado logo após a morte do fundador da historia nacional. Ha quarenta e quatro annos Capistrano, que mal havia ultrapassado a casa dos vinte, já se mostrava um conhecedor profundo das nossas cousas, da nossa gente e dos nossos costumes, um espirito lucido e um critico penetrante, ao mesmo tempo que escriptor brilhante. As idéas, os conceitos e os commentarios de que está cheio o artigo têm tanta frescura que imaginamos ser uma pagina recente do rejuvenecedor dos nossos estudos historicos. Transcrevendo-o, julgamos prestar uma dupla homenagem a Varnhagen, no momento em que o *Instituto Varnhagen*, pelo órgão brilhante de Celso Vieira, commemora a sua vida e a sua obra, e a Capistrano de Abreu, o mestre que todos nós admiramos e veneramos.

I

A patria traja de luto pela morte de seu historiador; — morte irreparavel, pois que a constancia, o favor e desinteresse que caracterisavam-no, difficilmente se hão de ver reunido no mesmo individuo; — morte imprevista, porque a energia com que acabára a reimpressão de sua *historia*, o vigor com que continuava novas emprezas, a confiança com que architectava novos planos, embebeção numa doce esperanza de que só mais tarde nos seria roubado, depois de por algum tempo gozar do descanso a que lhe dava direito meio seculo de estudos e trabalhos nunca interrompidos.

Filho da nobre provincia de S. Paulo, illuminava-lhe a fronte a flamma sombria de Anhanguera. O desconhecido atrahia-o. Os problemas não solvidos o apaixonavam. Codices corroidos pelo tempo; livros que jaziam esquecidos e extraviados; archivos marcados com o selo da confusão, tudo vio, tudo examinou. Pelo terreno fugidio das duvidas e das incertezas caminhava bravo e sereno, destimido bandeirante á busca da mina de ouro da verdade.

Muito moço tivera de acompanhar o pai a Portugal, e no exilio, ao halito perfumoso da saudade, infiltrára-se-lhe um patriotismo profundo e casto. A patria apparecia-lhe suave e virginal, envolta em um nimbo vago e puro, como a memoria de um ente amado que não tornamos a ver, e pelos campos em que brincára, pelos mattos, a cuja sombra se acolhéra, pelos céos, sob cuja cupola abria os olhos á luz da existencia, eram as suas mais ternas e mais cordias aspirações.

A essas aspirações veio dar nova força a campanha que fez sob as ordens do Duque de Bragança, o heróe legendario que a seus olhos de fervido realista symbolizava a alma da patria. O estudo das sciencias physicas que então cursava não conseguio concentrar em si o pensamento que inquieto almejava por outros obje-

ctos. Persistente como já então nos apparece, dominado pelo respeito do que considerava dever, pôde levar a termo o tirocinio aademico; porém no cultivo das sciencias não era o esmero das observações, a belleza do methodo e das experiencias, a força e o alcance das theorias e generalizações que dispertava-lhe o interesse ou incitava a actividade; era a applicação que de seus conhecimentos podia fazer á patria, o dia que projectava sobre as cousas nacionaes.

Um livro existia, vasto como uma encyclopedia, interessante como um romance, fértil como um punhado de verdades, — roteiro, chorographia, historia natural, chronica. Longo tempo inedito, fôra afinal publicado pela academia de sciencias, porém, mutilado, anonymo, inçado de erros, eivado de incorrecções. Varnhagen determinou as posições geographicas; identificou as especies biologicas, corrigio os erros do copista e do escriptor, provou a authenticidade do escripto de modo irrefragavel, ao mesmo tempo que descobriu o nome do autor, — Gabriel Soares de Souza.

Grande parte das *Reflexões Criticas* sobre o livro deste, — o primeiro trabalho que imprimio, — perderam a actualidade em consequencia de novos estudos posteriores, em que ninguem entrou com capital maior que o d'elle. Quando foram publicadas produziram o effeito de uma revelação, abriram um mundo novo ás investigações de todos aquelles que se occupavam de nossos annaes.

Esta obra e a que de collaboração escreveu sobre a Chorographia Caboverdeana mostram-no indeciso, fluctuando entre as sciencias positivas e a historia. A historia pertencem todas as outras publicações suas; a contar do *Diario de navegação de Martim Affonso*, preito rendido a S. Paulo, na pessoa de povoador e primeiro donatario da capitania.

Depois embarca para o Brazil e durante o tempo que aqui demora, communica ao Instituto Historico o fogo que o abrazava. Percorre a provincia de seu nascimento, mas não é só o sentimentalismo que guia-lhe os passos na peregrinação: é a sina do futuro historiador que investiga os cartorios, compulsa as bibliothecas dos mosteiros, examina os padrones de outras eras, colhe glossarios e tradições, e nas localidades commenta e verifica os dizeres de Taques e Frei Gaspar da Madre de Deus.

Voltando a Portugal, nomeado addido á nossa legação, não arrefece um instante. Na *Revista do Instituto* pullulam as memorias que envia, como os documentos que offerece, e quasi não ha sessão em que seu nome não appareça. De frente com essas occupações que satisfiziam outros menos ambiciosos, ou fatigariam outros menos diligentes, leva os encargos de editor: reimprime o *Caramuru* e o *Uruguay* e publica a até então desconhecida *Narrativa de Fernão Cardim*, o provincial jovial, bonanchão e *viveur*, tão familiar aos leitores das minas de prata.

Aos tempos que passou em Lisboa ou aos que de perto seguem-se, prendem-se duas obras importantes: o *Florilegio de Poesia Brasileira*, com um esboço de historia litteraria, onde tem ido beber, — muitas vezes sem confessal-o, todos os que se tem occupado com o assumpto, e a edição do *Roteiro da Costa*, de Gabriel Soares, um dos seus maiores e melhores titulos á gratidão do porvir.

Em Madrid, para onde mais tarde foi removido, possui-o o mesmo espirito febril, e a idéa, que tornára-se fixa, da historia patria. Em Simancas, como em Sevilha, na Bibliotheca Columbiana

como na do Escorial collige a messe opulenta que ninguem ainda teve tão completa, e, quando enfim sahio á luz a sua *Historia*, podia gabar-se de que um só factio não existia que não tivesse pessoalmente examinado, ao passo que os factos materiaes por elle descobertos ou rectificados igualavam, senão excediam, aos que todos os seus predecessores tinham aduzido.

Exgotada a primeira edição da *Historia*, com uma rapidez que entre nós ha poucos exemplos, não se dá pressa em reimprimil-a: enfeixa novos dados, visita as provincias; explora todos os logares historicos, sóbe ao Rio da Prata, tendo á mão o roteiro de Pedro Lopes; imprime ou reimprime manuscripts raros ou curiosos. Do Paraguay traz as obras de Montoya, hoje tão decessiveis e uteis graças a elle e a Platzmann. No Chile discute os diarios de Colombo, e procura fixar a posição da verdadeira Guanahani. No Perú, em Venezuela, em Cuba, como em S. Petersburgo, Stockolmo e Rio de Janeiro, em todos os logares que habita ou atravessa levado pelos deveres de diplomata ou caprichos de turista, principalmente em Vienna onde ultimamente residia, deixa traços fulgurantes de sua passagem em paginas inspiradas pelo amor do futuro da patria e dominadas pela preocupação constante de seu passado.

Se a historia do Brazil occupa as suas faculdades, não as occupa exclusivamente, aqui publica o *Livro das Trovas e Cantares, Cancioneiro do Conde de Barcellos*, o *Cancioneiro da Vaticana*, que tanto concorreram para o conhecimento da poesia portugueza antiga. Alli edita as obras de Vespucci, escreve-lhe a biographia, commenta-o, defende-o, sustenta os seus direitos á descoberta do continente que guarda o seu nome. Além vulgarisa a obra de Garcia d'Orta, rara tanto como preciosa, ou a carta por Colombo escripta ao voltar da primeira viagem. Hoje bate-se com d'Avesac, Major e Nettcher; mais tarde disserta sobre as novellas e livros de cavallaria portugueza, e affirma a origem turania dos povos americanos. Por fim entrega-se aos trabalhos de pura fantasia: na *Lenda de Sumé* celebra a tradição encontrada pelos primeiros exploradores de um homem que ensinára os indigenas a agricultura, no drama de *Amador Bueno* mostra-nos a litteratura nacional como a comprehende, e introduz-nos na sociedade dos tempos colonias.

Sempre e sempre perseguia-o a idéa da historia patria. Emquanto não publicava a nova edição, ou antes a refusão e o remodelo da obra, escreve um dos mais nobres capitulos, a *Historia das Lutas Hollandezas*, em cuja confecção empregou documentos abundantissimos, descobertos nos exames em que procedeu nos archivos de Amsterdam e Haya.

Depois de constante revisão que levou-lhe mais de 20 annos, publicou de novo a *Historia Geral do Brazil*, e para tornar o preço menos elevado cede aos editores a propriedade da edição sem retribuição alguma.

Como corda a seus cabellos brancos, sonha uma terceira edição para que desde então começou a preparar-se, e promette-nos a *Historia da Independencia*, infelizmente destinada talvez a não ver a luz. Em seguida, abandona a posição commoda e brilhante de nosso ministro em Vienna, para nos confins de nossos sertões procurar um logar pela posição defensavel, pela situação central, pelas condições hygienicas, proprio a servir de capital a esta patria que tanto amava e que não mais deveria ver.

Enquanto demorou nesta cidade examinou os pamphletos, jornaes e memoria contemporanea do primeiro reinado que ia agora historiar; publica na *Revista do Instituto* o texto mais completo e fiel que possuímos da carta encantadora de Vaz de Caminha. De passagem por Porto Seguro, reconhece as localidades que viu Cabral na sua viagem afortunada: apenas chega a Vienna, envia-nos folheto rectificando um erro que deixava escapar quando confundio em um dous botanicos brasileiros.

Pouco antes de morrer, quando a enfermidade mortal obrigava-o a guardar o leito, escrevendo a um amigo, o Dr. Ramiz Galvão, muito digno director da Bibliotheca Nacional, quasi nem allude ás dôres que o conserva prostrado e impotente: sobre questões de historia patria, sobre pontos obscuros que deseja esclarecidos, sobre manuscriptos cuja existencia deseja conhecer é que rola toda a carta.

Nobre e tocante vida votada ao trabalho!

Grande exemplo a seguir e a venerar!

II

Descoberto este continente, aquelles mesmos que tinham chamado Colombo de visionario foram os primeiros a achar facilissima a empreza e a gabar-se de poder executá-la. Depois que Varnhagen publicou a sua historia, e apresentou a massa cyclopéa de materiaes que accumulára, muitos julgaram-se aptos a erguer um monumento mais consideravel e atiraram-lhe censuras e diatribes que profundamente pungiram-nos. Tambem elle tinha muitos pontos vulneraveis. Era dos homens inteiriços, que não apoiam sem quebrar, não tocam sem ferir e matam moscas a pedradas, como o urso do fabulista. Em muitos pontos em que a sua opinião não era necessaria elle a expunha complacentemente, com tanto maior complacencia quanto mais se afastava da opinião commum. Suas reflexões ás vezes provocam um movimento de impaciencia que obriga a voltar a pagina ou a fechar o volume. Muitos assumptos sem importancia ou de importancia secundaria, só occupam-no por serem descobertas suas. A polemica com João Lisboa, em que tinha talvez razão, porém, em que teve a habilidade de pôr todo o odioso de seu lado, converteu em inimigos seus os numerosos admiradores do grande Maranhense. Homem de estudo e meditação, desconhecia ou desdenhava muitas das tyrannias que se impõem com o nome de conveniencias. Sensível ao vituperio como ao louvor, se respirava com delicia a atmospheria em que este lhe era queimado, retribuia aquelle com expressões nada menos que moderadas.

Essas feições são que geralmente se associam no espirito do leitor brasileiro ao nome de Visconde de Porto Seguro. Ninguém procura sob as apparencias rudes do homem verdadeiro, — o trabalhador possante, o explorador infatigavel e mergulhador que muitas vezes surgia exausto e ensanguentado, trazendo nas mãos perolas e coraes. Parece que domina-nos a fatalidade de perceber os objectos sob os aspectos mais desfavoraveis; uma idiosyncrasia tinge tudo em negro ou amarello; cedemos a uma predisposição pessimista, nihilista, anarchica, talvez bebida com as aguas ou talvez inspirada com as nossas brisas, talvez herdada dos Tupys, que, segregados por lutas intestinas e rivalidades perpetuamente renascentes, não conseguiram fundar um estabelecimento analogo ao que se encontrou no Mexico ou no Perú.

Entretanto é difficil exagerar os serviços prestados pelo Visconde de Porto Seguro á historia nacional, assim como

os esforços que fez para elevar-lhe o typo. Não limitou-se a dar o rol dos reis, governadores, capitães-môres e generaes; a lista das batalhas, a chronica das questiuiculas e intrigas que referiam no periodo colonial. Attendeu sem duvida a estes aspectos a uns porque dão meio util e empyrico de grupar os acontecimentos. a outros porque rememoram datas que são doces ao orgulho nacional, ou melhor esclarecem as molas que activam sob as diferentes acções. Fez mais. As explorações do territorio, a cruzada cruenta contra os Tupys, o augmento da população, os começos de industria, as descobertas de minas, as obras e associações litterarias, as communições com outras nações, assumem lugar importante em sua obra.

A sua opinião sobre os Tupys tem encontrado geral desfavor: julga que a compressão exercida sobre elles era mais que necessaria, era indispensavel, e aos seus olhos as bandeiras que os paulistas levaram até ás missões jesuiticas eram a solução mais natural que se poderia imaginar. Sem querer defendel-o, pode-se em todo o caso chamar a attenção para as circumstancias attenuantes. Elle não collocou o debate no terreno abstracto da justiça, porém, no da conveniencia e da utilidade. Na tragedia que desenrolava-se nas pampas platinas e nos campos amazonicos, não via a braços a liberdade e a escravidão, porém, jesuitas que queriam isolar os caboclos para convertel-os em instrumentos de manejos politicos, e patriotas que queriam incorporal-os á civilização transformada em forças vivas do progresso. Quem compara o Estado de S. Paulo com a calma podre daquelle cemiterio de um povo que se chama Paraguay; quem não esquecer que nestes dous lugares funcionaram o systema que elle defende e o que combate, hesitará certamente antes de condemnar o historiador. Além disso o exagero a que depois levou uma idéa justificavel, se não justa, a principio não existia: brotou de contradicções vehementes e polemicas irritantes. Acresce emfim que o espirito introspectante, natureza subjectiva, determinava antes por impulsos intimos que por influencias extrinsecas. Varnhagen não primava pelo espirito comprehensivo e sympathico que imbuindo o historiador dos sentimentos e situações que atravessa — torna-o contemporaneo e confidente dos homens e acontecimentos.

A falta de espirito plastico e sympathico — eis o maior defeito do Visconde de Porto Seguro. A historia do Brasil não se lhe figurava um todo solidario e coherente. Os prodromos da nossa emancipação politica, os ensaios de affirmacão nacional que por vezes percorriam as fibras populares, encontram-no severo e até prevenido. Para elle a conjuração mineira é uma cabeçada, é um conluio; a conjuração bahiana de João de Deus, um cataclysmo de que rende graças a Providencia por nos ter livrado; a revolução pernambucana de 1817 uma grande calamidade, um crime em que só tomaram parte homens de intelligencia estreita ou de caracter pouco elevado. Sem D. Pedro a independencia seria illegal, illegitima, subversiva, digna da forca ou do fuzil. Juiz de Tiradentes e de Gonzaga, elle não teria hesitado em assignar a mesma sentença que o Desembargador Diniz e seus collegas.

Mesmo assim a obra de Varnhagen impõe-se a nosso respeito, e exige a nossa gratidão e mostra um grande progresso na maneira de conceber a historia patria. Já não é a concepção de Gandavo e Gabriel Soares, em que o Brasil é considerado simples appendice, de Portugal,

e a historia um meio de chamar a imnigracão, e pedir a attenção do Governo para o estado pouco defensavel do paiz, sujeito á protecção. Não é a concepção das chronicas ecclesiasticas, que vêm simplesmente uma provincia onde a respectiva congregação prestou serviços que procuram realçar. Não é de Rocha Pita, atormentado pelo prurido de fazer estilo, imitar Tito Livio e achar no solo americano scenas que relembram as que se passaram na Europa. Não é de Soutney, atormentado ao contrario pela impaciencia de fugir ás sociedades do velho mundo, visitar paizes pouco conhecidos, saciar a sede de aspectos originaes e perspectivas pittorescas, a que cedem todos os poetas transatlanticos, desde os autores de Atala e do Corsario até os das Orientaes e Clara Gazul. Não. Varnhagen attende sómente ao Brasil, e no correr de sua obra procura sempre e muitas vezes conseguiu collocar-se sob o verdadeiro ponto de vista nacional.

E' pena que ignorasse ou desdenhasse o corpo de doutrinas creadoras que nos ultimos annos se constituiram em sciencia sob o nome de Sociologia. Sem esse facho luminoso, elle não podia ver o modo porque se elabora a vida social. Sem elle as relações que ligam os momentos successivos da vida de um povo, não podiam desenhar-se em seu espirito do modo a esclarecer as diferentes feições e factores reciprocamente. Elle poderia escavar documentos, demonstrar-lhe a authenticidade, solver enigmas, desvendar mysterios, nada deixar que fazer a seus successores no terreno dos factos: comprehender, porém, taes factos em suas origens, em sua ligação com factos mais amplos e radicaes de que dimanam; generalizar as acções e formular-lhes theorica; represental-as como consequencias e demonstração de duas ou tres leis basilares, não conseguiu, nem conseguiu-o-hia.

Fal-o-ha alguém? Esperemos que sim. Esperemos que alguém, iniciado ao movimento do pensar contemporaneo, conhecedor dos methodos novos e dos instrumentos poderosos que a sciencia põe á disposição de seus adeptos e leve o edificio cujos elementos reuniu e preparou o Visconde de Porto Seguro.

Signaes de renascimento nos estudos historicos já se podem perceber. Publicações periodicas vulgarizam velhos escriptos curiosos, ou memorias interessantes que esclarecem pontos obscuros. Muitas provincias comprehendem as respectivas historias. Periodos particulares, como a revolução de 1817, a conjuração mineira, a independencia, o primeiro reinado, a regencia, são tratados em interessantes monographias. Por toda a parte pullulam materiaes e operarios, não tardará talvez o architecto.

Que venha e escreva uma historia da nossa patria digna do seculo de Comte e de Herbert Spencer. Inspirado pela theorica da evolução, mostre a unidade que ata os tres seculos que vivemos. Guiado pela lei do *consensus* mostre-nos o *rational* de nossa civilização, aponte-nos a interdependencia organica dos phenomenos, e esclareça uns pelos outros. Arranque das entranhas do passado o segredo angustioso do presente, e liberte-nos do empyrismo crasso em que tripudiamos.

Mas ah! bem pouco digno serás de tua missão, ó nobre pensador, se não sentires a gratidão inundar-te o peito, se não sentires o respeito e a veneração dominarem a alma, se não ajoelhares fervoroso e recolhido ante o tumulo de um grande combatente, que jamais abandonou o campo — Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro.

J. Capistrano de A B R E U

POMBAL E A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

NO GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA AOS 29 DE AGOSTO DE 1922

SOB A PRESIDENCIA DO EMBAIXADOR DE PORTUGAL

Antes de tudo permiti-me uma breve confissão. O insignissimo Marquês de Pombal, com ser uma das personalidades que mais impressionaram o meu animo de historiador e mais contribuíram para illuminar a minha visão esthetica do mundo, é ainda uma figura sobremaneira predilecta ao meu affecto. Quando o Gabinete Português de Leitura, pelo órgão de seu dedicado secretario, me honrou com o convite para discorrer esta noite acerca da influencia desse grande lusitano na civilização brasileira, longe estava de supôr o douto instituto que corria ao encontro de um intento assaz remoto. Muito seria para folgar podesse agora, neste momento em que se balança o nosso activo moral de um seculo de vida emancipada, recompôr inteira ou simplesmente gizar, aviventando com o estylo e ataviando com as circunstancias, a fecunda e gloriosa actuação exercida pelo famoso ministro de D. José I sobre o desenvolvimento politico e social da nossa punjante nacionalidade. Sem reflectir um instante, acceitei o encargo, que só depois comprehendí ser commettimento para engenhos portentosos e exegetas da estirpe Carlyleana, porque o grande Marquês é um homem deante cuja grandeza fallecem todas as audacias da incompetencia e se annulla toda a boa vontade dos inofinos. A sua biographia é materia prima de essencia superior, que só poderá ser rastreada por um Hegel ou um Taine. Aqui, a extremada admiração, a estima e a sinceridade talvez compensem a ausencia de fulgor do discurso. Como quer que seja, vou falar-vos de Pombal com enthusiasmo e com orgulho, mas com veneração que se esteia nos alicerces da realidade, e com essa ufania que tem raizes no sangue. Fundirei o ephemero laurel com o metal modestissimo da minha palavra incolor, desornada e sem valia.

A LENDA DO ABBADE NEGRO

O Marquês de Pombal é, não só uma das mais notaveis individualidades que appareceram na historia portugueza, com os mesmos direitos á gratidão e ao respeito dos posterios que o mestre de Aviz, o Condestavel e o Principe Perfeito, mais ainda, pela sua profunda influencia no tempo e por um conjunto de predicados pessoas excepcionallissimos, vulto dos maiores do seu seculo. Comtudo, nenhuma figura foi tão mal julgada e mais discutida como a sua, e em todas as linguas cultas se escreveram louvores e diatribes, sem que nessa copiosa bibliographia de memorias, ensaios e pamphletos, compostos em sua vida e depois da sua morte, exista o livro definitivo que retrate a personagem com sufficiente exactão e narre com verdade os factos que andam deturpados pela malevolencia dos adversarios ou pela lisonja dos panegyristas. No entanto, é preciso lembrar que alguns escriptores, não só portugueses, mas inglezes e francezes, mediante novos estudos e luzes, em trabalhos de critica e de erudição se bem que incompletos e imparciaes, tornando mais comprehensivel o espirito social e o caracter da reforma pombalina, têm cooperado para solapar a lenda de despota rude, crudelissimo, sem entranhas, com que se pretende negar a obra politica do Marquês. Os que leram, por exemplo, o quadro, admiravel pela riqueza de colorido e valioso pelo cunho de exactidão, que do reinado de D. José I traccjoo Latino Coelho em sua *Historia Politica e Militar de Portugal*, ou, o que é melhor, os que conhecem a monographia desse escriptor impressa no Brasil por occasião do centenario do nascimento do estadista, não esqueceram de certo o perfil de Pombal, com o seu aspecto severo e imperturbavel, com animo resolutivo e inflexivel, com seu humorismo austero e polido, com a superioridade de es-

pirito e de cultura sobre os companheiros na obra notabilissima da implantação do regime moderno na monarchia lusitana, com sua intelligencia lucida e harmoniosa, ostentando, em summa, um bello equilibrio moral e mental, e terão se convencido de que não foi elle apenas o apologista irreductivel da tyrannia, o politico inexoravel e tenebroso do seculo XVIII portuguez, o *bourreur de crânes* de Camillo Castello Branco, que, para maior cumulo do enxovalho, inventou a falsidade do *Abbate Negro e da preta escrava Martha Fernandes* para desnobrecer-lhe a ascendencia paterna e deprimir a figura senhoril do conde de Oeiras. Aliás, sabido é que Camillo, escriptor cujos dotes peregrinos fizeram delle um dos mestres mais eminentes da literatura peninsular, não foi isento de paixão e limpo de fél. Alma torturada, que grandissimas catastrophes domesticas traziam num estado de depressão moral lastimavel, temperamento combativo e insulado dentro de uma inexprimivel amargura, escusado é dizer que frequentemente molhou até ao topete a sua penna máscula no remoque, na ironia, na galhofa, tendo sido, no dizer de Eça de Queiroz, o homem que melhor soube descompôr o seu semelhante no idioma luso. Dest'arte, não é de estranhar que, endurecido no habito de semear apodos e acicaladas ironias, se lembrasse o solitario de S. Miguel de Scide de escrever contra a gloria do homem que foi a sua *bête noire*, e a quem consagrava des-affecto systematico. "O meu odio, grande, entranhado e unico na minha vida, ao marquês de Pombal", dizia elle (*Perfil*, VII). Por largo tempo, empenhou-se o Cardeal Diabo da literatura portugueza em reunir documentos desfavoraveis para formular o seu libello, e deu-nos depois, em 1882, o *Perfil do Marquês de Pombal*, composto com azedume e sem respeito pela verdade historica, só com o unico proposito de vingar no estadista os agravos da Companhia de Jesus e da nobresa, negando-lhe o genio politico, depreciando os seus dons pessoas, conjurando-o de anathemas e assignalando-o, por fim, como um monstro de malvadez. Para o eminente romancista, Pombal era tambem o *homem de cabellos no coração*. Na penosa e ingloria tarefa de demolidor, o destimido polemista foi com consciencia até adulterar a historia, deturpar a lenda e deformar a realidade. "Bosquejei a biographia de um homem feroz, diz elle no proemio, e não me esqueci de assignalar o maior numero de accessorios e contingencias que o fizeram tão cruel... typo emblematico do poder absoluto que a um tempo, tritura fidalguia e ralé, e simultaneamente sobrepunha na cabeça corôas healdicas, perpetuando-as pelas geraçoens porvindouras com os vinculos e morgadios proprios e usurpados." Malsinando-lhe a progenie, diz, sarcasticamente, que Sebastião José de Carvalho e Mello, é neto do padre Sebastião da Matta Escura, abba de Foscôa, por autonomasia o *Negro*, por ser neto da preta Martha Fernandes. De facto, com malevola insistencia, escreveu elle a pagina 283 da diatribe: "Talvez que Sebastião de Carvalho, neto do padre Sebastião da Matta Escura, nunca reflectisse em um momento de lancinante consciencia que nas fêbras do azorrague do colono havia sangue da sua avô Martha, a negra. No Brasil, vae grande jubilo por descender da preta o Marquês de Pombal. Joaquim Manoel de Macedo, fallecido no corrente anno de 1882, escreveu na *Historia do Brasil* que Sebastião José de Carvalho descendia de uma *brasileira*. Porém, quem asseverou ao historiador Macedo que a escrava do padre Sebastião não procedia da Africa? Eu suspeito que o padre da Matta Escura floresceu e fructificou antes do descobrimto do

Novo Mundo, porque um seu neto chamado abba *Negro*, por haver herdado alguma tinta da pelle da avô, é do principio do seculo XV." Não é fóra de proposito divulgar aqui, embora de passagem, que o nosso senador Candido Mendes de Almeida, na obra *Direito civil ecclesiastico brasileiro* (Garnier, 1866, I, LXVI) tambem por odio votado ao Marquês, pretendeu ligar a ascendencia de Pombal a principes herodianos da Judéa, attribuindo-a a um filho de Herodes, supposto ter vindo á antiga Lusitania, através da Gallia e da Espanha, e habitado nas proximidades de Pombal ou Redinha, o que não passa de outra fabula engendrada pelos accerrimos defensores do jesuitismo, taes como Fr. Bernardo de Britto, Faria e Souza, Antonio de Souza Macedo, Sepp e outros. A origem da lenda está numa informação insidiosa do cruso vicentino frei João de Santa Maria de Jesus, mediocre chronista que Camillo (*Perfil*, 181), para seu uso, diz "ser genealogico de fama e polpa", sem deixar de reconhecer que é "mordaz e detrahidor dos Carvalhos da rua Formosa". Não vacillou Camillo em valer-se da infâme noticia do conego Santa Maria para deslustrar a estirpe do Marquês de Pombal, que é apresentado tambem como "heretico e usurpador de vinculos", referencias aos de Montalvão, de Carvalho e da casa dos condes de Autoguaia. Ora, tal historia, que o odio camiliano deu vulto, e vulto tamanho que ainda agora um historiador como Oliveira Lima não vacillou em acceita-la (*O movimento da Independencia*, 29), e defendeu ardidamente, é tudo quanto ha de mais fabulosa, e, ainda que verdadeira, era o caso de inquirir o que tem ella com a gloria de Pombal, visto como, á luz da anthropologia, o facto da descendencia negra não impediria a existencia de qualidades excepcionaes, do mesmo modo que a circumstancia de ser filho natural e de mãe incognita não evitou a Camillo ser o escriptor privilegiado que foi. Não creio fazer-se mister assignalar, que, naquelles tempos, o preconceito da côr difficultava a ascensão, na ordem politica e até na civil, áquelles, que não podiam comprovar ser de raça portugueza ou europeia, taes como os descendentes de moiros, judeus e negros, e as habilitações dos avós de Pombal para o bacharelato, as ordens militares e o santo officio, e bem assim o registro das mercês de D. Pedro II (XI, 202) falam em favor da pureza do sangue pombalino. Quer pelo lado paterno, quer pelo materno, e principalmente por este ultimo, procede o Marquês de Pombal de nobresa limpa, extrema de sangue negro ou sarraceno. Numa interessante monographia sobre os *Antepassados do Marquês de Pombal*, publicada em 1905, em Lisboa, o erudito Pedro de Azevedo estudou a ascendencia paterna da familia dos "Carvalhos da rua Formosa", como era conhecido o morgado do Marquês, desfazendo erros, esclarecendo definitivamente duvidas e até rectificando allegações do proprio pae de Pombal Manuel de Carvalho Athayde, autor da obra *Theatro Genealogico, que contem as arvores de costados das primeiras familias do Reyno de Portugal*, impressa clandestinamente em 1712, sob o pseudonymo de D. Tivisco de Nozao Zarco y Colone. De investigação em investigação, livros de linhagens, chronicas de familias e registos de habilitações da nobresa, chegou á certeza de que a lenda do Abba Negro e da preta escrava Martha Fernandes é falsa. Verificou, baseado em documentos da maior authenticidade, extrahidos principalmente dos códices do Santo Officio e das Ordens Militares, que os antecedentes paternos de Sebastião José de Carvalho e Mello são de "nobre geraçam e de parentesco de fidalgos

de *cótas d'armas*", e bem assim provou á saciedade que Antonio de Carvalho, em 1640, abbade da igreja de S. João da Pesqueira e depois Villa Nova de Foscôa, filho de Belchior de Carvalho, nascido em 1532, e neto de Sebastião de Carvalho, capellão de D. João III e beneficiado da igreja de Sernancelhe onde residia, é que deu origem a suppôr-se era neto de uma negra barregã, escrava do padre Sebastião de Carvalho. O avô de Carvalho, antes de ser clérigo, tivera de Leonor Dias, mulher solteira, a Belchior de Carvalho, legitimado por carta de 26 de Janeiro de 1555, conforme documento que exhibe o autor do *Antepassados do Marquês de Pombal*, o qual casou com Veronica Pinto, filha de Pedro Rodrigues de Souza, primeiro escrivão dos Orphãos de Sernancelhe, para cujo officio foi nomeado em 1523, e de sua mulher D. Francisca Pinto, e deste casal são todos os genealogistas concordes em fazer derivar a familia dos "Carvalhos da Rua Formosa". Ora, pelos termos de legitimação infere-se que a avô de Antonio de Carvalho, chamado o *Abbade Negro*, era "mulher branca e de condição livre", o que destrôe a lenda, bem acolhida pelos inimigos de Pombal, do referido Padre Sebastião de Carvalho ter tido Belchior da mulher negra e escrava Martha Fernandes. Vê-se pois, que Antonio de Carvalho, tinha a alcunha de *Abbade Negro*, mas não pelo motivo allegado por Camillo Castello Branco, repetidor do perverso cruzio vicentino Santa Maria. A explicação que dá Pedro de Azevedo é muito accetavel: "O Abbade, escreve o incansavel investigador, em virtude de sua compleição morena e tisuada pelo sol, fazia quiçá recordar as feições de algum berbéro, que, quer como conquistador, quer como servo, viesse estabelecer-se nos tempos da conquista arabe ou da reconquista christã por aquellas regiões. Repare-se ainda que Belchior é o nome do Rei Mago da raça negra. O certo é que documentos authenticos affirmam que o desembargador Sebastião de Carvalho (irmão do abbade Antonio) era filho de Belchior de Carvalho e de Veronica Pinto, moradores em Sernancelhe, os quaes sabemos tambem por outros documentos erão contemporaneos e visinhos de outro casal de iguaes nomes; deste facto se conclue a identidade dos dois casaes; e, portanto, o reconhecimento da linhagem que tinha formado com a da legitima ascendencia do referido desembargador, antepassado irrefragavel do Marquês de Pombal." Fica definitivamente pulverisado o aleive que Camillo, accetando-o de origem que sabia suspeitissima, reeditou, accrescentado de maior malicia, para escurecer o nome do unico homem que odiou na vida.

POMBAL E A FAMILIA BRASILEIRA

Não era grande nem esclarecida, certamente, a prosapia do Marquês de Pombal que procede do tronco de seus avós paternos. Varios de seus ascendentes, que exerceram principalmente cargos de magistratura e pertenceram á classe militar, foram fidalgos cavalleiros e familiares do Santo Officio, taes como Sebastião de Carvalho e Mello e seus filhos Manuel, Paulo e Antonio, os primeiros da familia que foram agraciados com fôros nobiliarios. Taes honras concedidas por El-Rei, não bastavam para notabilisar uma casa e não indicam nobreza feudal ou de remotas origens. "O primeiro d'entre os seus antepassados, que apparece exercitando officios importantes, é o terceiro avô, Sebastião de Carvalho. Depois de ter servido como desembargador na relação do porto e na casa de supplicação, foi deputado da mesa da consciencia e ordens de 1620, e desembargador do paço em 1634. E' o primeiro, a quem a genealogia estampada pelo Padre Antonio de Carvalho da Costa na sua *Chorographia* menciona como tendo o fôro de fidalgo e o habito de Christo. Foi elle quem instituiu, com sua mulher D. Maria de Braga e Figueiredo, um morgado, em que entravam bens em São João da Pesqueira, em Sernancelhe e Lisboa. Paulo de Carvalho, o filho primogenio d'aquelle primeiro Sebastião, exerceu como seu pae elevadas magistraturas, sendo successivamente promovido a desembargador da relação do Porto e da casa da supplicação, desembargador do Paço, vereador da camara de

Lisbôa e provedor da alfandega. Teve como seu pae o fôro de fidalgo e o habito de cavalleiro na ordem de Christo. Com sua mulher D. Maria Pereira de Sande instituiu o morgado das Mercês na capital. Teve por irmão secundogenito a Sebastião de Carvalho, que, á semelhança de seu pae e do primo, se dedicou á magistratura e foi desembargador da casa do Porto, d'onde foi trasladado á de Lisboa. D'este magistrado, que teve por mulher D. Luiza de Mello, nasceu um filho do mesmo nome de seu pae, o qual succedeu no morgado de seu avô e no do seu tio Paulo de Carvalho, porque este não tendo descendencia, o nomeou por seu primeiro administrador. Foi moço fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem do Christo. Tendo sido capitão de infantaria passou depois a capitão de cavallos da companhia dos privilegiados do Santo Officio. D'este novo Sebastião e de sua esposa D. Leonor Maria de Ataide, filha de Gonçalo da Costa Coutinho, Governador de Aveiro, procederam além de outros filhos, Manuel de Carvalho e Ataide, pae do grande legislador, e Paulo de Carvalho, que foi lente da Universidade de Coimbra e depois conego da capella real. Pôde, pois, afirmar-se com verdade que a familia de Pombal só começou a ter illustração e valimento, principalmente como nobreza de toga, desde o terceiro avô do estadista. Antes d'este, se a estirpe não era inteiramente plebeia, ou confundida com o estado chão e popular e vivia em Sernancelhe com o escasso luzimento de cavalleiros de provincia, era ao menos historicamente obscura e sem valia na côrte e nos grandes officios da republica. (Latino Coelho: *O Marquês de Pombal*, Imprensa Nacional, 1885, 24)". Se, porém, a ascendencia paterna não transmittiu ao Marquês de Pombal uma nobreza preclara e illustre, motivos tinha elle para orgulhar-se do sangue materno que lhe refulgiu nas veias, porque este era de grada estirpe e descendia até de reis. Tanto assim que, ao appellido paterno, juntou o de Mello, ao contrario do que fizeram os irmãos, como para significar que ligava mais valor á illustre descendencia da mãe que á modesta linhagem do pae. O que poucos sabem é que a ascendencia materna do grande Marquês, é brasileira, e isto porque sua mãe, D. Thereza Luiza de Mendonça, era bisneta de D. Maria de Mello, brasileira e pernambucana, filha de D. Paulo de Moura, mais tarde Frei Paulo de Santa Catharina, e de sua prima Dona Brites de Moura, ambos nascidos em Olinda, aquelle em 1574. Afim de documentar a ascendencia brasileira do Marquês de Pombal, daremos, em seguida, um rapido esboço genealogico dos seus avós maternos, conforme documentos irrefutaveis, desprezando aquellas indicações de filiação ou parentesco, proximo ou apartado de valor secundario para o caso. D. Thereza Luiza de Mendonça e Mello, mãe do Marquês de Pombal, é filha legitima de João de Almada e Mello, commissario geral da Cavallaria da Beira, alcaide-mór de Palmella, senhor dos morgados de Oliveas, do Souto d'El-Rey, etc., e de sua mulher D. Mayor Luiza de Mendonça, filha legitima de Francisco de Mendonça Furtado, alcaide-mór de Mourão, commendador da Villa Franca de Xira, governador de Mazagão, etc., que casou com D. Maria de Mello, natural de Olinda e, portanto, bisavô do Marquês de Pombal. D. Maria de Mello, que foi educada em Lisboa, é filha de D. Paulo de Moura, natural de Olinda, e de sua mulher D. Brites de Mello, sua prima co-irmã, filha legitima de João Gomes de Mello, terceiros avós do Marquês. D. Paulo de Moura era filho de D. Felipe de Moura, capitão-mór e governador de Pernambuco, e de sua mulher D. Genebra Cavalcanti, quartos avós do Marquês, vindo a ser D. Paulo de Moura, pelo lado materno, segundo neto de Jeronymo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho, primeiro donatario e senhor de Pernambuco, por ter este casado com a irmã D. Brites de Albuquerque, e de D. Maria do Espirito Santo Arcoverde, princesa dos Tabajaras, gentios reconhecidos como senhores das terras Marim e Iguassú e reverenciados pelo seu valor guerreiro, e da qual teve Jeronymo de Albuquerque, entre outros filhos legitimados, a D. Catharina de Albuquerque, que esposou D. Felipe Cavalcanti, quintos avós de Pom-

bal, e de cujo matrimonio nasceu D. Genebra Cavalcanti, segunda mulher de D. Felipe de Moura, pae de D. Paulo de Moura. Assim, pois, o Marquês de Pombal, por sua mãe, descende de mui nobre e illustre geração, porque os Mouras são tão illustres de sangue como famosos na historia de Castella e de Portugal, e bem assim os Albuquerque, tão celebrados em Portugal e suas conquistas, os Cavalcantis, que representam uma das familias nobres mais antigas e poderosas da republica aristocratica de Florença, oriunda de barões germanicos medievae e ligados por vinculos de sangue com varias casas soberanas e principescas da Europa, e os Mellos. Os Albuquerque, a cuja familia pertencem o grande Affonso de Albuquerque e Jeronymo de Albuquerque, tronco da progenie brasileira, tem suas remotas origens num sexto neto de D. Fruella II, rei de Leão e de Galliza, e procedem em linha recta do famigerado D. João Affonso de Albuquerque, chamado o do *Ataide* e o primeiro que usou este appellido. D. João Affonso de Albuquerque, favorito e primeiro ministro de Affonso XI, rei de Castella, era filho legitimo de D. Affonso Sanches e de D. Thereza de Menezes, quinta senhora de Albuquerque, sendo que este Affonso Sanches era o primogenito bastardo e legitimado do rei D. Dinis, de Portugal, e, portanto, irmão de Affonso IV, o *Bravo*, pae de D. Pedro I, e sua mulher e prima D. Thereza de Menezes era filha de D. João Affonso Telles de Menezes, senhor de Albuquerque e outros solares, primeiro conde de Barcellos, rico homem de Castella e Portugal, mordomo-mór do reino, e de sua mulher a condessa D. Thereza Sanches, filha natural de Sancho IV, rei de Leão e Castella, proximos parentes da rainha D. Leonor Telles, como tudo se provará em trabalho ácerca das origens da familia brasileira. Os Albuquerque portugueses e brasileiros, como os Menezes de origem castelhana e leoneza, podiam ostentar nos seus escudos as barras de Aragão, as quinas sagradas de Portugal, os leões batalhantes de Castella, e as flores de lys de França, o que quer dizer que não podiam ser mais fidalgos. Os Cavalcantis florentinos, donde provem o seu quinto avô materno D. Felipe Cavalcanti, progenitor da familia pernambucana, estão ainda ligados aos reis de França, porque uma sua ascendente Genebra Cavalcanti foi casada com Lourenço de Medicis, o antigo (1395-1440), irmão de Cosmo, primeiro duque de Toscana e fundador da casa dos Medicis, e que era avô de Lourenço, o *Magnifico*, quarto avô de Catharina de Medicis, mulher de Henrique II, rei de França. e sexto ou setimo avô de Maria de Medicis, filha do grão-duque de Toscana Francisco I e da archiduqueza Joanna d'Austria, e esposa de Henrique IV, tambem rei de França. Por outro lado, ha o parentesco com os condes de Hollanda, visto como com uma senhora pernambucana da familia de seus avós maternos casou Arnão de Hollanda, natural de Utrecht e filho de Henrique de Hollanda, barão de Rheoneburgo, parente do imperador Carlos V, e de sua mulher e tia D. Margarida de Florença irmã do papa Adriano VI, os quaes eram apresentados como os condes de Flandres, de Orange, d'Artois, etc. Por fim, relativamente aos Mouras, basta lembrar que o quarto avô materno de Pombal, D. Felipe de Moura, era sobrinho do valido de Felipe II, D. Christovam de Moura, grande de Espanha, Marquês de Castello Rodrigo e visorrei de Portugal, e de Christovam de Tavora, e quanto aos Mellos, descendentes do rico homem Martin Affonso de Mello, quinto senhor de Mello, fundaram elles casas das principaes do reino, como a de Cadaval, para só citar esta, todas com brazões na sala do Paço de Cintra. As indicações que ahi ficam, bastam, no meu entender, não só para mostrar que nas veias de Pombal correu e resplandeceu o sangue dos Albuquerque, dos Cavalcantis e dos Mouras pernambucanos, cuja ascendencia nobilissima vae entroncar em nossas florestas virgens com os Arcoverdes, senhores da terra e principes da raça forte, guerreira e dominadora dos Tabajaras, como tambem para mais nobilitar-lhe o nome. E' assim que o Marquês de Pombal está vinculado aos reis de Portugal, França, Castella, Leão, Navarra, Galliza, Asturias, aos duques e grão-duques de

Toscana e outros soberanos e principes europeus, e quando a Real Academia de Historia de que fazia parte, por desejo manifesto de D. João V, o encarregou de escrever uma memoria ácerca de D. Pedro I, o *Crú*, estava sciente de que a um decimo neto de Inês de Castro, a linda e malaventurada rainha, se incumbia a honrosa tarefa.

A ASCENDENCIA MATERNA

Reivindicando para a familia brasileira o cabedal de nobresa e os predicados de intelligencia e de caracter que emprestaram maior luzimento á existencia do Marquês de Pombal, não é fóra de proposito lembrar o que deve esse grande homem ás qualidades do novo typo humano creado na America, e á parte do sangue pernambucano que lhe pulsou nas arterias. E' possível até que por ahi se encontre a causa longéva e a verdadeira explicação do grande amor que consagrou elle ás coisas do Brasil, e do esforço com que procurou benefical-o durante todo o periodo trintanario do seu incontrastavel valimento na corte. E evidentemente o sangue materno illumina-lhe toda a *psyché* e determinou notavel irradiação social. De feito, tudo permite que nessa influencia ancestral se filiem todos os impulsos de Pombal pelo Brasil, os seus actos, as suas preferencias, as suas sympathias, não só quanto á terra, mas principalmente quanto á raça. Este modo de ver legitima-se á proporção que se analysam as varias providencias inspiradas pelo genio de Pombal em favor do progresso economico, social e moral dos brasileiros. Reconhecem hoje todos os homens de sciencia que é fonte de riqueza psychologica inexaurivel a accumulção da hereditariedade; e esse phenomeno em Pombal é eloquente, e accentua-se e define-se, sem duvida, pela linha materna da ascendencia. Se, como neto paterno de magistrados, soldados e funcionarios, herdou a probidade, a bravura, a paciencia, o espirito de iniciativa, o sentimento da ordem, só uma longa tradição de virtudes peregrinas, a luminosa ascendencia materna de reis, principes, heróes, santos, guerreiros, letrados e diplomatas poderia ter suscitado, através de gerações, o grande homem a quem Garret chamou "extraordinario e gigantesco engenho politico", e que é exemplar perfeito da estirpe dos Albuquerque, dos Cavalcantis, dos Mouras e dos Mellos de Pernambuco, que porfiariam com valor por largos annos e foram os homens mais perfeitos no Brasil, como expressão da belleza physica e da elegancia moral. Alto, forte, saudavel, com o seu correcto perfil aquilino de proconsul romano, traço que se conservou em muitas familias pernambucanas como distinctivo da raça, porte airoso e sereno, illuminado por um olhar brilhante e intelligente, correcto no traje e nas maneiras, era altivo sem ostentação, insinuante e voluntarioso, mundano com superioridade, e dotado do instincto das delicadezas e do amor das artes. Amando a vida, e tido ainda como um dos mais bellos homens de sua época, todos quantos o conheceram são unanimes em affirmar que ninguem mais do que o conde de Oeiras possuia o segredo de encantar pela conversação, que era nelle um mixto de vivacidade e velada alegria, ao mesmo passo que se revelava sabedor discreto e espirito aberto a todas ás emoções estheticas. Acastellado nesse conjunto de predicados, não houve na sua época, por exemplo, diplomata que mais luzisse ou se extremasse por dotes e privilegios singulares. Ministro plenipotenciario em Londres, de 1738 a 1745, sustentou sempre a dignidade, o decoro e a gloria da nação portugueza, até então impunemente ultrajada, tendo revelado a Walpole, Carteret, duque de Newcastle, Pitt e outros estadistas britannicos o caracter de integridade, de altivez e de justiça que o adornava. A sua figura possuia tal poder de seducção que na cõrte brilhante de Vienna d'Austria, cercado de diplomatas de fama e lustre, conquistou um lugar á parte graças ao seu tacto esclarecido e ao seu prestigio pessoal. Foi elle quem promoveu a conciliação da imperatriz Maria Thereza com a curia romana, que haviam rompido as relações diplomaticas em virtude da extincção do patriarchado de Aquilêa, e servio de mediano em nova discordia entre Fer-

nando I e o papa Benedicto XIV, por este não querer confirmar na pessoa do arcebispo eleitor de Moguncia, grande chanceler do imperio, privilegios e beneficos que lhe concedera o imperador. Sabe-se que Benedicto XIV, que foi politico muito habil, e até se correspondia com Voltaire, tão reconhecido ficou a Pombal, que o presenteou com um valioso anel, cujo camafeu representava o perfil daquelle pontifice. A mediação de Pombal nessas duas celebres dissensões é uma das mais brilhantes paginas da historia diplomatica do seculo XVIII e que merece ser lembrada pormenorizadamente. "A extincção do patriarchado de Aquilêa, escreve Soriano (*Hist. do reinado de D. José I*, I, 85), provocára grande desacórdo entre a curia romana e a cõrte de Vienna de Austria. Este desacórdo estava sendo atizado mais particularmente, pela discordia, que mutuamente reinava entre o cardeal Valentim, secretario do estado do summo pontifice, e o conde de Welfield, harrão chanceler da cõrte da rainha de Ungria e Bohemia. Havia a dita discordia chegado a um ponto tal, que fazia absolutamente necessaria a nomeação de um pacificador entre as duas cõrtes. El-rei D. João V, cujo prestantissimo zêlo pela igreja catholica tinha com a mais justa causa merecido o mais subido conceito na opinião da Santa Sé, não podia deixar de lembrar para semelhante fim a um Lambertini, que na cadeira pontificia, como chefe supremo do catholicismo, se mostrou mais christão do que soberano, mais cidadão do que monarcha, e mais pontifice do que papa. Desejando sinceramente a paz e a tranquillidade do christianismo, Benedicto XIV dirigiu-se com effeito á cõrte de Lisboa para a empenhar na desejada reconciliação entre a cõrte de Roma e Vienna d'Austria. O zêlo, a actividade, e o bom desempenho que Carvalho vinha dado á commissão de que fóra encarregado para Londres eram coisas recentissimas, que não podiam ser esquecidas por el-rei, que a despeito de todas as intrigas de validos cortezãos, e altos empregados, effectivamente o nomeou para seu ministro na cõrte de Vienna d'Austria. Se o nomeado bem mereceu a confiança que nelle se tinha posto para o pontual desempenho da sua nova commissão, o bom resultado d'ella exuberantemente responde pela affirmativa, sendo forçoso confessar que a sagacidade e delicadeza com que se houve em tão melindrosa conjuntura deram novo realce ao seu merito e não pouca gloria ao seu nome. Similhante commissão era realmente espinhosa, por que desde a decadencia do imperio romano sempre aquellas duas cõrtes tinham até então andado desavindas, propendendo alternativamente a balança da rivalidade ora para o lado do poder temporal, ora para o da autoridade espiritual. O mediano compreendeu perfeitamente bem o caracter das duas potencias desavindas, logrando reconcilia-las, quando a Europa menos o pensava, pois não só fez sustar o publico rompimento, que em 7 de Julho de 1745, estava quasi para se manifestar entre aquellas duas cõrtes discordes, mas até temporizando com doçura, e combinando utilmente o decoro com a inteireza de ambas ellas, conseguiu por fim estabelecer a mutua confiança do papa e a da já então imperatriz rainha Maria Thereza, e por um tal modo, que extinto dentre em breve tempo o fogo de tamanhas desavenças appareceu finalmente a desejada paz, confessando-se as duas cõrtes altamente agradecidas ao relevante serviço do ministro medeador. Uma nova e não menos vehemente contestação appareceu depois entre o Imperador Fernando I e o mesmo santo padre Benedicto XIV, por causa da negativa dos breves da elegibilidade para a multiplicação dos beneficos e hispados na pessoa do arcebispo eleitor de Moguncia, grande chanceler do imperio. Apezar que a luta d'aqui resultante parecesse estar muito longe de pacificar-se, Sebastião José de Carvalho, empregando todavia a sua costumada sagacidade, e inteireza, de tal modo temperou o azedume dos oppostos espiritos, que a amargura do fel das queixas diminuiu, e a paz, que até então parecia quasi impossivel alcançar-se, restabeleceu-se de novo entre os contendores." Blondel, embaixador de Luiz XV, então na cõrte de Vienna, em carta de 10 de Janeiro de 1750, referindo-se á intervenção de Pombal nesses dois casos, escreveu: "Dans

ces deux affaires il a donné des preuves de son habilité, de sa sagesse, de sa droiture, de sa douceur et surtout de sa grande patience et il s'est non seulement concilié la bienveillance de toutes les parties inéressées, mais aussi de tous les ministres étrangers et des personnes de considération, qui sont ici. Il est noble en tout sans ostentation, il est sage et très prudent, rempli de sentiments et principes d'honneur, ne visant qu'au bien général et je sais qu'il n'a pas dépendu de lui que l'impératrice n'adoptât plus tôt des sentiments pacifiques. Il est aussi bon citoyen du monde qu'ami solide..." O marquês de Blosset, embaixador de França em Lisboa, numa memoria enviada á sua cõrte, em 2 de Janeiro de 1777, fazia o seguinte retrato do Marquês: "Le marquis de Pombal est un de ces êtres doués d'une énergie de caractère jusqu'à maîtriser ceux qui les environnent, et de toute la fermeté nécessaire pour lutter avec succès contre les obstacles qu'ils rencontrent. Il s'est contenté de suivre la route frayée par les cardinaux de Richelieu, Mazarin et Alberoni, avec les quels il y a quelque ressemblance. Fier et implacable comme le premier, il a la ruse du second, avec l'audace et l'opiniâtreté du troisième. Il dirige d'une main ferme les affaires intérieures et extérieures du pays. Infatigable, actif, possédant des connaissances assez étendues, ayant le tact très fin pour apprécier les hommes et saisir le moment le plus favorable à la réussite de ses desseins, il trouve facilement dans sa longue expérience les expédients, les ressources dont il peut avoir besoin. Il sait, malgré la violence de ses passions, cacher l'impétuosité de ses premiers moments, et se rendre maître de lui-même quand il veut. Simple dans son maintien, poli dans ses manières, gai dans la conversation, il parle mieux qu'il n'écrit. Toutes les qualités morales dont on vient de donner l'esquisse son entrées dans un physique admirable, et tiennent à une charpente vigoureuse qui rien ne fatigue ni altère. Quoique âgé de soixante-dix-sept ans, il se sent si sain de corps et d'esprit, qu'il se croit immortel, et il parle de vastes projets que ses enfants pourraient à peine voire entièrement achevés (*Santarem: Quad. Elem.* tomo 8º, LXI)." Todos estes conceitos são confirmados por outros embaixadores francezes, que lidaram com o ministro de D. José I, taes como o conde de Bachi, o marquês Chermont d'Ambroise e Hennisdal, tendo este ultimo, em carta para a sua cõrte, escripto: "M. le Marquis de Pombal ne s'est pas contenté d'établir de sages lois, il a choisi dans tous les ordres les sujets les plus éclairés et les plus recommandables par leur caractère (*Santarem: Obr. cit.*, 8º XVII). Tal qual um principe italiano da Renascença, pelo sangue, pelo espirito e pelo temperamento, era esse parente de gibelinos, que em tudo se mostrou sempre elegante, no arranjo domestico e nas suas relações sociaes, como no gesto com que abateu os inimigos da ordem, aristocratas e plebeus.

O BRASIL, POMBALINO

Interessantissimo seria o estudo que se fizesse no sentido de revelar em Pombal, pela analyse da sua obra e da sua vida, a influencia da progenie materna, tarefa que, talvez, me tente ainda um dia. Aqui não tratarei senão de indicar, summariamente embora, de que modo manifestou o descendente dos Albuquerque, dos Cavalcantis e dos Arcoverdes pernambucanos o seu grande affecto pela terra onde haviam nascido os seus maiores. O Marquês de Pombal não foi somente o renovador da monarchia lusitana. O seu grande ideal, o pensamento que lhe encheu a vida durante quasi tres lustros, foi o do estabelecimento de um forte imperio, pelo concurso de todos os elementos que lhe restavam no vasto patrimonio de Portugal. O que fez então, com o seu largo espirito e o seu admiravel senso politico, pelas colonias portuguezas, e muito particularmente pelo Brasil, bastaria para recomendá-lo á nossa admiração e estima como sendo, de toda a historia colonial, o homem que mais clara visão teve do destino do nosso povo, se não tivesse elle prodigalisado á humanidade outros favores e mercês. Não ha duvida que a politica pom-

balina relativamente ao Brasil tem a maior significação histórica, pois abrangeu as varias esferas da nossa economia e da nossa ordem social, politica, e moral. Os relevantes serviços que prestou ao nosso país, e a acção administrativa com que deu provas da sua excepcional capacidade de director de povos são divida de honra que precisamos, nós brasileiros, recordar no momento em que celebramos o nosso primeiro centenario de nação e empreendemos, neste marco da nossa historia, o balanço dos nossos fastos passados. Foi um dos primeiros actos de Pombal concernentes ao Brasil a abolição de todos os primitivos direitos feudaes dos donatarios, e para isso teve de reformar a organização administrativa do país, elevando-o á categoria de sub-reino, e confiando a autoridades dependentes da metropole, como delegados immediatos da corôa e, portanto, como verdadeiros locotenentes do soberano. Ao mesmo tempo cerceou o desmedido arbitrio das camaras e das juntas geraes, principalmente no que se referia ao lançamento de impostos. Obedecendo a razões decorrentes da nossa caracteristica geographica, tomou ainda a acertada medida de fixar a capital do dominio americano na cidade do Rio de Janeiro. Aboliu a Inquisição e todos os direitos temporaes do cléro regular, e expulsou, de Portugal e suas colonias, os jesuitas, que tanto mal fizeram ao país, depois que abandonaram a funcção civilisadora. Decretou a emancipação dos indios, cuidando de melhorar-lhes as condições civis e moraes pelo ensino primario. Acabou com a exploração inveterada, que se praticava com as filhas das melhores familias brasileiras, que eram enviadas para Lisboa, onde se condemnavam á vida claustral. Promoveu activa e abundante immigração para o Brasil, tão profusa, que chegou a parecer excessiva, e prejudicial á metropole. O commercio teve grande impulso com a renovação das antigas companhias geraes, facilitando-se o intercambio com o reino, ao mesmo passo que se extinguiram certos monopolios devéras ruinosos para a nossa economia geral. Ao augmento da riqueza correspondia uma administração publica sob novos moldes, esforçada e fecunda, assim como uma distribuição melhor da justiça, e o ensino grandemente desenvolvido, tudo indicando que a colonia se constituía rapidamente em nação. Cuidou de modo decisivo do problema, que era essencial para as duas monarchias da península, da demarcação de fronteiras entre os respectivos dominios da America: e foi esta uma das mais difficeis tarefas emprehendas pelo celebre ministro, e que, como se sabe, deu motivos para a expulsão dos jesuitas. A administração das minas foi outro serviço a que se dedicou Pombal, confiando-a a homens capazes pela intelligencia, pela energia e pela probidade. Organizou, como si quizesse corôar toda a sua obra fazendo renascer o velho reino como potencia militar, um excellento exercito; equipou poderosa frota de guerra, e fez reconstruir as fortificações das nossas costas, adoptando para a defêsa o systema do grande Vauban. Deu novo esplendor á igreja do Brasil, pondo na séde episcopal de Pernambuco um prelado illustre pelas virtudes moraes e pelos talentos literarios. D. Thomaz da Encarnação, autor da *Historia Ecclesiastica Lusitana*. E como se quizesse manifestar ainda mais cabalmente a sua estima pelo Brasil, nomeou o poeta Basilio da Gama seu official de Gabinete, com cartas, fóros e brações de nobresa, ao mesmo tempo que prodigalisava favores a Claudio Manoel da Costa, a Alvarenga Peixoto, a Caldas Barbosa e outros. Conseguiu estabelecer, dominando e vencendo as tradições da colonia, uma completa união, se não perfeita concordia, entre brasileiros e portuguezes, graças á qual veio ser D. João VI, trinta annos mais tarde, acolhido aqui com muito respeito e carinho: isso enquanto Carlos IV e Fernando VII não acharam asylo nos seus vastos dominios e tiveram de submeter-se á politica humilhante de Napoleão. E, em seguida, toda a obra de D. João VI no Rio de Janeiro, pôde-se dizer que devemos a Pombal, pois não foi mais que reproducção de quanto no reino subsistia do genio creador do chanceller de D. José I. Em summa, a obra de Pombal é tão copiosa de factos, e de propositos tendentes a engran-

decer o Brasil, que, mesmo abreviando, uma recensão integral nos levaria muito longe. Entre os eminentes serviços que o Brasil lhe deva está o de nos haver libertado do poder e da influencia do jesuitismo: facto este que, por si só, basta para torná-lo benemerito, porque, como observa Oliveira Martins, elle salvou o Brasil, se não da sorte do Paraguay, ao menos da agitada vida que lhe permittiu a coexistencia do regime civil e do regime theocratico, no governo e na organização do trabalho servil. Devo accentuar que os actos do Marquês de Pombal, relativos ao Brasil, revelam todo o seu grande pensamento politico que não era menos do que preparar na America uma patria nova, existindo independente e autonoma, por virtude da sua população, do seu territorio, dos seus recursos naturaes e possibilidades economicas, e capaz de tornar-se um grande imperio, opulento e brilhante, e não uma fazenda ultramarina de Portugal. Este nobre sonho está esboçado na sua idéa de transferir para aqui a séde da antiga monarchia, deslocando para o continente americano o centro politico da mesma patria, que passaria a viver com mais luzimento para a lingua, para a raça e para a gloria da Lusitania rediviva. Ao cabo, grande é a nossa divida ao Conde de Oeiras, porque, além de contribuir para que o Brasil adquirisse uma construcção organica, elle foi, incontestavelmente, o apostolo da democracia brasileira, que germinou das sementes fecundas que lançou no nosso sólo. Oliveira Martins, no rapido esboço que fez do desenvolvimento do Brasil, na segunda metade do XVII seculo e no seculo seguinte, assignalando as condições novas, creadas pelo systema das idéas politico-economicas de Pombal, disse que se Mem de Sá foi o Affonso Henrique do Brasil, o Marquês de Pombal foi o seu D. Dinis, o lavrador, e o seu D. Fernando, o creador do commercio e da navegação colonial. Apreciando algumas destas providencias, nascidas do empenho generoso de Pombal em fazer do Brasil um emporio de trabalho e de riqueza, e que foram muitas dellas de fecundas consequencias para a humanidade e para a civilização Latino Coelho escreveu: "Emquanto a mão vigorosa de Carvalho vae abatendo a nobresa rebelde e ambiciosa, ora pelo cadafalso e pelo exilio, ora pelo poder energico das leis, o seu empenho mais vehemente é o de abolir na condição civil e no estado das pessoas as mais iniquas desigualdades sociaes. A sua legislação é copiosa de providencias humanissimas para consagrar a liberdade, não a liberdade politica, de que na sua monarchica idolatria é fervente contradictor, mas a liberdade civil e individual. Na sua luminosa comprehensão da vida civilisada toda a servidão é um opprobrio da monarchia, e uma deshonra da humanidade. O rei é o pae, absoluto e irresponsavel, mas não pôde ser o senhor de uma turba de escravos embrutecidos e aviltados. Nestes principios generosos se inspira o legislador para decretar, desde os primeiros annos do seu governo, a liberdade aos indios do Grão Pará e Maranhão, e para ampliar tres annos depois esta humana providencia a todos os indios do Brasil. E' sob as mesmas influencias, que declara sem infamias as pessoas europeas, que nos dominios da America elegeessem os seus conjuges nas tribus indianas." Tratando das medidas de Pombal para favorecer o trafico das principaes producções agricolas do Brasil, taes como o tabaco e o assucar, objecto dos decretos de 27 de Janeiro de 1751 e de 15 de Dezembro de 1752, acrescenta: "Além da fundação das companhias, de que o país veiu a derivar proveitos incontestaveis, Sebastião de Carvalho é infatigavel em promover, segundo os principaes fundamentos do seu systema, a maior valia e extensão das nossas relações commerciaes. E' neste ponto innegavel que muitas das suas providencias merecem justissimo louvor. No seu tempo era estreito, inacional e egoista o systema colonial dos povos europeus. Cada nação fechava ciosamente os portos das suas colonias aos navios estrangeiros, e na sua legislação tomava as mais vexatorias prevenções para que o trafico de productos colonias estivesse exclusivamente concentrado em suas mãos. D'ahi provinha a apertada regulamentação, em que vivia constrangida a navegação e o commercio com as colonias. D'ahi que navio algum mercante podesse de Portu-

gal endireitar para o Brasil sem ir com outros incorporado em frotas que em épocas prefixas singravam comboiadas por náus de guerra. A abolição deste regimen oppressivo e contrario á toda a iniciativa e especulação commercial é um dos serviços eminentes do estadista á exempção e franquia do trabalho". Eis ahi, numa rapida e incompleta synopse, qual foi a influencia do Marquês de Pombal na evolução economica, social e moral do Brasil, que nelle teve o seu grande bemfeitor.

POMBAL E A SUA EPOCHA

Referindo-me ao Brasil pombalino, tratei apenas de uma parcella da obra gigantesca do Marquês de Pombal, e, antes de rematar meu discurso, desejaria mostrar-vos como elle foi um dos maiores desses grandes reformadores do seculo XVIII e o foi irrefragavelmente, com genio fecundo, com espirito forte, com altivez, com uma visão admiravel da vida, com o immenso ardor das suas convicções philosophicas e com a vehemencia dos seus dictames politicos. Exigiria muito tempo, por mais que me resumisse, se pretendesse compendiar aqui os factos capitaes da grande reforma realizada por Sebastião José de Carvalho e Mello; entretanto, procurarei apenas fixar o seu objectivo politico e o seu valor social, humano. A politica cezariana, que caracteriza o longo reinado de D. José I, vivava antes de tudo emancipar definitivamente a monarchia lusitana da autoridade da igreja romana e do obscurantismo do direito canonico. Ora, naquelle tempo, chamado a personificar e activar as idéas da epocha em luta contra tradições seculares, o papel de Pombal foi de um verdadeiro revolucionario, porque representava a força ao serviço daquelle terrivel movimento historico de desmoroamento de um mundo antigo e de creação de uma nova ordem de idéas, principios e direito. Havia quasi um seculo que a monastica sociedade portugueza apodrecia na miseria, nas trévas e no aviltamento. O país vivia á mercê de uma aristocracia depravada, ociosa e cupida, alliada ao jesuitismo, que gafara a nação até os ossos, e de uma burocracia venal, desmoralisada e servil, com os seus 22.000 collectores. O cavalleiro de Oliveira, Alexandre de Gusmão, D. Luiz da Cunha e outros contemporaneos proclamaram o estado de degradação economica, moral e politica da patria portugueza em apostrophes terriveis. Alexandre de Gusmão exclamava: "A fradaria devora-nos, a fradaria suga tudo, a fradaria arruina-nos (O. Martins, *Hist. de Port.* II, 170)" e nestas palavras temos, penso, toda a psychologia da epocha que precedeu ao periodo josephino. A patria portugueza, que teve gerações de heróes que honrariam a grande idade da Grecia, estava depauperada no corpo e na alma, bastando ver que uma terça parte de Portugal era propriedade da sotaina e numa população de 2.000.000 de individuos, cerca de 200.000 eram frades, padres e monjas. O confessionario era quasi a unica preocupação social. "A perversão dos instinctos, o vasio das intelligencias, a maldade imbecil e a carolice piégas e lubrica retratavam a primor o estado caduco do corpo da nação, amortalhada num sudario de brocados de sacristia, fedendo a incenso e a morrão", escreve Oliveira Martins (*Obr. cit.* II, 153), resumindo o depoimento dos autores do tempo. Dessa triste epocha, Latino Coelho, que é o melhor e mais esclarecido historiador do governo de Pombal, deu-nos um quadro que vale por um painel. Num estylo sem par, fortemente colorido, mas sem atavios inuteis, e com um poder maravilhoso de resurreição, recontando em que circunstancias surgiu o dictador liberal, o homem forte e virtuoso, o estadista destemeroso esperado desde muito e chamado a realizar todas as esperanças confusas do povo portugês, e pintando o que era Portugal, depois do reinado magnifico mas desastroso desse monarcha voluptuario e negligente que foi D. João V, pallido reflexo de Luiz XIV, mostra-nos "a nação prostrada no extremo abatimento, a intelligencia degenerada quasi até ao completo idiotismo, o trabalho esquecido e deshonrado, as classes superiores ociosas e imitadoras das sumptuosas lascivas do seu rei, o clero e os magnates, sugando quasi toda a substancia da nação, o povo

opresso, miserrimo, envelhecido; uma nação, que vive, como o seu monarcha, entre o auto da fé do Santo Officio, o lucatorio de Odivelhas, o cantochão de Mafra, os touros do Terreiro do Paço e os equívocos e trocadilhos da litteratura seiscentista." Tal era a herança que o monarcha dissipador transmitira a D. José I, ao subir este ao throno, e tão baixo se havia afundado Portugal, que parecia não se levantasse nunca mais. "Era quasi um povo extranho á civilização e ás idéas do tempo, continua Latino Coelho. Era uma organização social incomparavel com o minimo progresso. O proprio absolutismo, que julgava concentrar na sua ferrea dominação todos os poderes e todas as energias do pais, vivia avassalado a uma potencia superior, contra a qual já parecia impraticavel resistir. O despotismo temporal só podia governar na escassa nesga, que depois de crescentes invasões lhe deixara a theocratica supremacia, e potestade espiritual. Apesar de sombrio e descrecionario, como era o governo de um monarcha português naquelle tempo, todos os terrores se concentravam na tremenda jurisdicção do Santo Officio, cuja vista escrutadora poderia estender-se até o folio, reger e dominar a consciencia do imperante e forçalo a subordinar o proprio sceptro á espada flamejante dos arbitros da fé. (*O Marquês de Pombal*, 5)". Ora, o rei D. José, homem de curta intelligencia e de fraca vontade, mas soberbo, e possuindo uma idéa exaltada da sua quasi divina superioridade como monarcha estava destinado a continuar, sem a magnificencia e a galanteria de antes, o governo calamitoso do seu predecessor, prolongando a decadencia e agravando a ruina da nação, "se a propria fraqueza do seu animo, como bem accentúa Latino Coelho, não tivesse facilitado que um homem de eminentes qualidades, por inesperado lance de fortuna, viesse occupar no solio regio o lugar destinado á acção governativa, deixando á sombra do monarcha o futil apparatus da esteril soberania". Tendo claramente comprehendido em que tristes circunstancias poderia servir á nação, e lembrando-se de que

um fraco rei faz fraca a forte gente,

Sebastião José de Carvalho e Mello, enfechando nas mãos todos os elementos necessarios para o exercicio do poder, evitou que continuasse a serie de crimes e desmandos de uma cõrte indolente e perdularia, vassala dos estranhos, arrastando-se no meio da ignorancia universal, que a sinistra soberania da sociedade de Jesus perpetuava com as solemnidades dos autos de fé, e que, afinal, apresaria a derrocada final da patria. Dotado de intelligencia lucida, de imaginação grandiosa e de energia infatigavel, ao mesmo tempo que possuia uma vontade inquebrantavel e fecunda, que sabia realizar todas as suas aspirações e designios, foi elle o genio providencial que o reino encontrou para que se evitasse a dissolução da nacionalidade e, o que mais é, se operasse o maravilhoso renascimento das antigas virtudes da raça. A dictadura exercida pelo Marquês de Pombal, encoberta na purpura real, representa uma reacção obstinada, um esforço nobilissimo, um impulso vigoroso para fundar sobre os alicerces da velha monarchia, cahida em frouxidão e mantida graças á inercia das massas, uma nação activa, industriosa e productora, embora obrigado a extremar os rigores do poder absoluto. O seu governo foi, na verdade, um longo e temeroso despotismo, mas o seu despotismo não possuia o caracter odioso, brutal e revoltante da tyrannia do inculto sobre o intelligente, mas, inspirado pelo mais sincero patriotismo e pelo amor da humanidade, incarnava a conquista do homem pela vontade do genio, que tudo subjuga pela força necessaria e fecunda. "O seu espirito e a sua mão destruidora, escreve Latino Coelho (*Hist. Pol. e Mil.* 1, 71), tinha passado como a inundação ou a tormenta, que depois de lançar a desolação nos valles e nas campinas, na seguinte primavera amostra mais feraz e creadora a força genial da natureza". Só agora, passado mais de um seculo, é que se comprehende melhor a fatalidade tragica de que se revestiu o governo de Pombal e que se vê, cheio de admiração pelo grande patriota, empenhado em reerguer o prestigio do seu rei e do seu

povo, a razão de ser daquelle pulso de ferro actuando sem clemencia sobre os homens, os costumes e as cousas do tempo. "Il faut pour les hommes un jour favorable, comme pour les tableaux", disse Napoleão. Vae longe a epocha em que se arguiam indignações contra Pombal, evocando-se, para renegar a sua obra e denegrir-lhe a reputação, o supplicio dos nobres Tavoras, o forte da Junqueira e a execução de Malagrida, e hoje explicamos porque escriptores intelligentes julgaram tão fallidamente esse periodo assaz claro da historia portugueza: é por que o estudaram através de suas crenças politicas ou convicções religiosas, que é o processo mais commum de deturpação da verdade. Para entender-se a obra pombalina, pontilhada de ensinamentos psychologicos e de suggestões admiraveis, e julgá-la de accôrdo com a analyse imparcial dos factos, tem o historiador que valer-se dos methodos objectivos de investigação e interpretação dos complexos phenomenos da vida social e bem assim transportar-se ao ambiente historico do tempo e pôr-se no centro dos interesses politicos que agitaram e commoveram por largos annos o reinado josephino. Visto a esta luz mais verdadeira, o vulto de Pombal surge-nos com todos os attributos e privilegios do reformador que, para realisação da grandiosa empreza a que se impoz, tendo por si o passado e as circunstancias singularissimas da época, precisou levar ao extremo a faculdade do poder absoluto, emprestando de algum modo aos seus designios e propositos o caracter de lei necessaria e fatal, e a sua obra apparece, no seu encandeamento logico, desde as origens, como expoente desse phenomeno excepcionalissimo na historia de um povo, que é uma transmutação de valores. Ahi está, certamente, porque a critica parcial, com os seus ataques rudes e ferozes, a malevolencia, o odio politico, o rancôr dos vencidos, a colera dos despeitados e o resentimento dos impotentes, todos os antigos instinctos de negação, e de morte, não conseguiram apoucar a grandesa dessa figura, que, sempre provocando conflictos, estimulando zelos e excitando paixões, cada vez mais avulta para a immortalidade. Naturalmente, para a igreja, na pertinaz, diuturna e victoriosa pejeja contra os jesuitas e o obscurantismo, a qual teve accentos de um drama apocalyptic, foi Pombal a repersentação do Antechristo, do mesmo modo como não passa de um "plebeo" enfurecido para a fidalguia, que elle abateu nos seus fundamentos por conspirar contra o poder da realeza e tentar impedir o seu plano de reforma das instituições nacionaes, desde o ensino publico até a administração, que era um cego instrumento de oppressões e vexames tributarios, em lugar de agente activo do progresso social. No conceito imparcial da historia, a cujo tribunal á mesma distancia comparecem vencedores e vencidos, o "despota truculento, implacavel e odioso", o "oppressor da nobresa e perseguidor do clero", que apenas se fizera o defensor do poder regio e acreditou resuscitar na patria os antigos predicaes de altivés, de iniciativa e de força creador da raça, é o português que mais honrou a nação no seu seculo. Carlyle, que glorificou a maxima famosa do que "o poder é o direito", no seu ensaio sobre Frederico II, sentenciou que "de nada precisa tanto uma nação como de ser disciplinada, e que esse beneficio, nunca o terá desfructado a que não passou pelo governo dos intitulos tyrannos." Ora, á obra prodigiosa da dictadura pombalina deve Portugal certamente a salvação da nacionalidade, o que é tudo.

A ORGANIZAÇÃO DO ESTADO PORTUGUÊS

A doutrina politica de Pombal tinha por objectivo organizar o Estado português, mediante o estabelecimento de um poder bastante forte, eficiente, e incontrastavel, emancipado de todas as peias e de todas as contingencias limitadoras, pairando acima de toda e qualquer autoridade, engrandecido diante de si mesmo e do mundo, e capaz de manter a unidade moral do povo lusitano. Tal theoria, que ressumbra nos preambulos de suas leis e a pratica de seus actos revela, e concordava então com as idéas esboçadas no *Testamento*

Politico de D. Luiz da Cunha, no qual este aconselhava ao principe D. José, quando reinasse, a escolher para seu primeiro ministro a Sebastião José de Carvalho e Mello, "cujo genio paciente e especulativo, ainda que, sem vicio, um pouco diftuso, se accorda com o da nação", nada mais era que o codigo do absolutismo do direito divino de Luiz XIV e o formulario estabelecido pelo genio de Machiavel para norma do Principe, e era ainda applicavel ás condições do periodo historico seu contemporaneo. Educado na corrente das idéas do seu tempo, não fez outra cousa senão seguir á risca e executar os principios que exaltavam a omnipotencia do poder real, absoluto e indivisivel, como essencia da soberania da nação. Soriano escreveu na *Historia do reinado do El-Rey D. José* (1, 193), que Sebastião José de Carvalho aprendeu de Sully a sciencia de administrar com ordem e methodo a fazenda publica, frustrando toda a especie de prevaricação; de Richelieu a arte de subordinar ao governo todas as diferentes classes sociaes, centralizando nas mãos do monarcha a mais completa e ilimitada autoridade; de Colbert as regras para enriquecer o Estado, transformando a industria em fonte de riqueza; e finalmente de Louvois os meios de tornar respeitavel o soberano mediante exercitos technicamente aparelhados. Se, no entanto, é preciso invocar um mestre para o Marquês, com razão pôde dizer-se que o seu conselheiro foi Réal de Curban, autor da *Science du Gouvernement*, estatuto da autoridade, da força e da astucia do seculo de Luiz XIV, como o *Tratado do Principe*, dedicado a Lourenço de Medicis, o Magnifico, é considerado o evangelho dos tyrannos da Renascença, e tão verdadeiro é o facto que á obra do penetrante theorista francês chamava Pombal o *livro mór*. No scenario onde pelejam odios, propositos de vingança e desafios, elle levanta-se por detraz do throno e afirma de modo positivo que a realeza é uma "alta e independente soberania, que o rei recebe immediatamente de Deus e, pelo qual manda, quer e decreta aos seus vassallos de sciencia certa e poder absoluto". Para realizar a ardua empreza, no estado de decomposição a que havia caído o pais, dominado por uma nobresa arrogante, enfeudada nos seus antigos e absurdos privilegios, e por um clero que havia transformado a nação numa simples fazenda da familia Loyola, e com um povo enfraquecido e deslembado da sua dignidade, appellou Pombal para os unicos instrumentos de transformação politica no seu tempo: a lei, o tribunal e o patibulo, e aos mesmos recorreu sem desfallecimento e sem piedade, apoiando-se naturalmente na legislação e nos costumes europeus vigentes. A monarchia personificada num rei debil, pacifico e descuidado da sorte do pais, profundamente dividido por aversões intensas e repartido em classes irreductiveis, incapaz de suster e menear por si só o sceptro, submettido á autoridade moral e theologica da Igreja, mais do que nunca carecia de abdicar e concentrar indiviso num só homem a regia autoridade, afim de consolidar o throno. Do seio tumultuoso da patria, um poder magnifico e intangivel raiou, cresceu e expandiu-se de modo nunca visto e previsto, o qual se poderia symbolisar numa arma bigume dirigida por mãos adestradas e destemidas, e, com elle, surgiram um direito novo, corporificado em formulas originaes e em principios mais humanos, e uma justiça melhor, que disciplinava os mais arrogantes e distribuía a terra com mais equidade. Vencendo com as suas armas e reinando com as suas leis, vibrando golpes terriveis, zombando de todas as hostilidades e de todas as raivas, aniquillando ou opprimindo, mais purificando o ambiente para que a soberania do rei podesse exercer-se com esplendor dentro da ordem, sobrepairando, invencivel, como uma divindade entre os homens, esse poder constituiu-se com effeito, por uma assombrosa transmutação de valores sociaes, politicos, economicos e moraes. A' similhaça dos cavalleiros do idéal, que não temem o perigo, antes o procuram, porque desconhecem o impossivel e não se detêm ante o irrealisavel, o genio logico de Pombal fez florir o milagre de uma vida nova, nos costumes e nas leis. O reino de Portugal, resume-se então num homem: — O Marquês de Pombal, que, com a sua vontade e a sua sabedoria, é quem

o sustenta e governa, revigorando o aphorismo da suprema *lex regis voluntas*. Foi o homem summamente poderoso, o arbitro supremo perante quem todos se curvam e a quem todos cegamente obedeciam, para maior luzimento da monarchia e maior proveito da nação. Elle era o rei, o Estado, e D. José apenas um simulacro da realza, um vago symbolo, uma mascara occultando o unico homem que realmente mandava. Senhor do poder e da vontade do monarcha, este para lhe obedecer deu o exemplo de andar vestido de briche nacional, como os demais. "Onde houvesse um parcella de autoridade, que podesse defraudar a realza, onde se ergue uma eminencia, que projectasse uma sombra que fosse nos proprios degraus do throno, era necessario passar o nivel do poder absoluto e igualar na submissão o duque e o mechanico, o villão e o fidalgo de solar, os mais humildes prsbiterios e as mais condecoradas prelazias. A revolução democratica e popular devia ter logicamente por principio o engrandecimento do poder absoluto. Antes que a sociedade tomasse novas fórmias politicas era bem que a csta inevitavel metamorphose antecedesse a fundação de uma robusta unidade governativa. E nenhuma força social era naquelles mais segura e efficaz para effectuar a fusão de todos os elementos antagonistas de que o braço de um ministro obedecido sem hesitação e respeitado pelo terror. Quando a corôa tivesse apagado nas instituições e nos costumes as reliquias derradeiras do poder aristocratico, deixando apenas ao corpo da nobreza o simulacro da sua herdada autoridade em titulos e predicamentos sem nenhuma significação politica, seria então facil á burguezia, que principiava a ser o nervo da nação, reclamar os seus direitos confiscados pela corôa, e após esta primeira tentativa de interferencia popular nos negocios do governo viria forçosamente o millenio dos ultimos estratos sociaes. Antes que chegasse, com os progressos da educação publica, a sasão propicia á proclamação da liberdade, cumpria que a igualdade perante a corôa fosse operando lentamente as suas conquistas contra os privilegios politicos e os monopolios sociaes das classes superiores. Urgia que a realza absoluta expungisse nas tábuas da constituição o texto já meio obliterado dos artigos fóros nobiliarios, para que no fundo raso pudesse mais tarde a revolução esculpir as letras do novo evangelho liberal. A corôa, desembainhando a espada para decapitar uma fidalguia ambiciosa e turbulenta, abria, sem o suspeitar, a senda providencial á futura democracia. Quando ainda não ha povo, que possa agitar-se ou tumultuar na praça publica, entender as suas proprias immuniades e exigir o exercicio dos seus direitos, são os reis e os seus ministros, quem, a fóro de consolidar o poder illimitado, antecipam as revoluções. O absolutismo semeia então, para que a liberdade venha depois enfeixar as pavêas já maduras, escreve ainda Latino Coelho (*Hist. Mil. I, 21*) Pombal, que, como homem do seu tempo, era a revolução inconsciente, que iria esmagar a fidalguia dominadora e a potestade clerical, duas forças que havia usurpado até a magestade do rei, incarnava o pendor do seculo XVIII, a propria civilização que irrompia no bronco Portugal da inquisição, dos frades e desembargadores, ao mesmo tempo, como muito judiciosamente lembra Latino Coelho, sem o suspeitar e nem o querer, o precursor do seculo seguinte em muitas das suas conquistas. Assim, pois, se o seculo XVIII, em Portugal, presidido pela formidavel reacção do obscurantismo, viu nelle apenas o apologista do despotismo, o seculo XIX, trabalhado pela critica philosophica, vê nelle uma intelligencia pragmatica, racionalista, amante da realidade, conhecedora profunda da psychologia dos homens, cujo programma politico traz a marca do genio. A faculdade creadora do Marquês de Pombal procede justamente desse realismo extremamente positivo. Defensor intrepido da supremacia do rei, quero dizer, do Estado, sobre todas as coisas, antagonista implacavel da nobreza e adversario obstinado do jesuitismo, que suffocavam as aspirações nacionaes e as liberdades do povo lusitano, durante o seu longo governo não teve senão um pensamento — triumphar. A regra superior e inaliteravel de sua postura revestiu-se então de todos os attributos julgados necessarios para

a victoria de suas idéas, que a força inexpugnável protegia, e, manobrando a não do Estado com maravilhosa habilidade e com firmeza de orientação imperturbavel, consummou todos os seus designios. Aos seus meritos pessoases, aos seus esforçoes pacientes, ás suas combinações profundas, á seducção bem mais gloriosa e irresistivel de seu genio, mais do que ao poder material, deve elle o exito brilhante dessa obra immensa, prodigiosa como acção e reacção, de que dependiam os destinos de Portugal e da dynastia. No exercicio do poder, assim que a revolução se fez organisação, não conheceu a palavra impossivel e nada existia acima de seus desejos. Pombal reintegra-se na legenda do *Quo non ascendam?* Espirito profundo e vontade inflexivel, com uma intuição concreta das realidades humanas, tomando os homens taes quaes eram e encarando as coisas como se apresentavam, foi um oportunista no mais alto gráo, actuando, dirigindo e inspirando-se segundo as circunstancias do país. Estrategista inteiramente attento ás condições contingentes da batalha a que se entregava, fechando os ouvidos ao clamor, ao escarcéo e ao pregão que se elevavam, derredor, para não confundir no immenso tumulto o bem com o mal, recorre a todos os processos para assegurar a victoria, utilizando todos os recursos e nada repudiando. Foi, por fim, um organisador digno deste nome, porque, depois de ter sido um terrivel destruidor, resolveu mediante uma legislação intelligente formidaveis problemas que desafiavam a sabedoria dos contemporaneos, e de tal modo o foi, que essa obra de civilização e de progresso sobreviveu aos desastres nacionaes. A politica não é uma sciencia abstracta, onde tudo se regula por axiomas, mas uma arte pragmatica que consiste, numa dada situação, absorver, assimilar e seleccionar os elementos capazes de contribuir para a grandeza do Estado. Se, nos seus principios, é elle um homem liberal, progressista, no seu procedimento é sempre um homem de autoridade, que procura na força os meios de acção, que é uma das prerogativas essenciaes do homem do Estado. Ninguém praticou mais de que elle a doutrina da grandeza absoluta do Estado, o Estado soberano acima de toda a occurencia humana, onde o monarcha é tudo e a universal submissão é estabelecida como o imperativo categorico dos subditos, e tal facto não imprimiu caracter anachronico á sua obra, que, com o mesmo principio da lucta necessaria e a mesma acceitação do facto como direito, era, em suas linhas geraes, uma antecipação da philosophia politica de Hegel, que concebe o Estado como um absoluto, uma cousa existente em si, irreductivel. Segundo a doutrina hegeliana, o Estado existe em todo o Estado, como o homem em todo o homem, e o ser contingente e percível que cada um de nós é, não póde modificar esse absoluto. O Estado, ás vezes idéa e vontade, sendo absoluto, não conhece imperativo acima do seu absoluto, a moral individual, por conseguinte, não existindo para elle. Emfim, a essencia do Estado sendo a soberania, ella cessa de existir se limitada por uma convenção de sua existencia, se não é uma manifestação perpetua da força. Tal doutrina, que foi servida por uma dialectica formidavel, nada mais proclamava que a absorpção de todos os individuos pelo Estado. Através da unidade fundamental, que mantém a colossal estrutura da obra pombalina, vislumbra-se a marca desta concepção do Estado, que Hegel divulgara como a realização da idéa pura, e, que, applicada ou imposta com vigor inquebrantavel ao reino, trouxe o nivelamento de todas as classes perante o throno absoluto, como a emancipação dos escravos, a abolição das distincções entre christãos novos e velhos, o equiparamento dos canarins aos portuguezes na India, a liberdade dos indios brasileiros, etc. Pombal revelou ainda uma qualidade que, mesmo entre os homens superiores, é apanagio de um pequeno numero: uma febril, intensa e progressiva actividade, uma vivacidade divina no pensamento e na acção, uma volupia de crear que augmentava á proporção que a sua obra adquiria aspectos definitivos. Havia nesse homem extraordinario muito da natureza e do espirito de Cezar, mas um Cezar sem a clemencia de Augusto, porque através dos seus actos não tinha a preocupação de fazer-se amar e bastava-lhe fazer-se temer. Ha mister assinalar que, se

Pombal foi um discipulo de Machiavel, como a muitos parece, o seu "machiavelismo" não se fez com a deslealdade, a dissimulação ou a perfidia: elle batalhou, abateu e venceu, com effeito, sem illudir, sem mentir, sem trahir. Foi um *principe* sem aquelle predicado a que o sagaz florentino reduz toda a sabedoria politica e todo o segredo da vida: *essere grande simulatore e dissimulatore*. Leal e orgulhoso, da sua lealdade e do seu orgulho nasceram essa intrepidez, que é uma sombra luminosa pairando eternamente sobre o lutador e realçando-lhe a grandeza. Não incidiu na pratica de Richelieu ou de Mazzarini, que confundia a politica com a perfidia. Nelle, velava, imperceptivel, uma argucia silenciosa, cauta, simples mais formidavel, servida por uma intelligencia a que não faltavam nem precisão nem eficiencia. A firmeza de propositos e a obstinação tranquilla, e, principalmente, a veracidade nas palavras e nos actos, são os attributos caracteristicos da sua arte de governar. Qualquer que seja a opinião ácerca de suas qualidades e de seus defeitos, que se confundem harmoniosamente nelle para constituir um bloco humano em que as imperfeições e as arestas são partes integrantes da belleza que exprime, foi Pombal um dos maiores genios politicos da historia, que devemos glorificar com fervor.

POMBAL, IMAGEM DO SUPERHOMEM

Formidavel, grandiosa e tragica, porque, além de pretender elevar sobre a ruina do mundo antigo o edificio de uma cultura mais humana e de uma nova civilização, jogava com os destinos da grei, a obra pombalina é tarefa de predestinado. Na verdade, pertence o Marquês de Pombal á progenie dos creadores de valores. Raça de homens ambiciosos, intrepidos e invenciveis, inventores em todos os dominios do sublime e peritos em todas as zonas da actividade mental, serenos, pacientes e obstinados, conhecedores profundos do passado e reveladores do futuro enigmatico, synthetizam elles a alegria, o esplendor e o heroismo da terra. Seres inactuaes, que não reconhecem outra lei que não seja a do desenvolvimento da propria individualidade, e cujo despotismo é a expressão da soberania indispensavel, elles se chamam Alcibades, Cezar, Da Vinci, Frederico II, Napoleão, Goethe. Ora, o Marquês de Pombal é, com effeito, um dos mais lidimos exemplares dessa especie a que Nietzsche chamou de superhumana, collocando-a fóra dos limites traçados pelo bem e pelo mal, e, portanto, seria pueril julgar-se o politico portuguezes e o seu governo mediante as leis de psychologia dos homens comuns. "Je ne suis pas un homme comme les autres, et les lois de morale ou de convenance ne peuvent être faites pour moi", exclamava Napoleão. A "virtú" de Miguel Angelo ou de Cellini nada tem que ver com a moral de Loubet. A reforma pombalina, combatida pelos reaccionarios e sentimentalistas, sob o pretexto de crueldade, é fructo do irreprimivel instincto de criação, e, no jogo divino dos elementos que a inspiraram e a convino dos elementos que a encadeamento intrincado, mas harmonico e logico, em que tudo se move como impellido pelo *factum* e a que os partidos, os sistemas e os homens se curvam vencidos ou subjugados, nada mais tendo sido o magnifico tyranno, que o artista, o interprete e o realisador fiel ás multiplas combinações do destino. O braço robusto do despota illuminado não poderia mover-se com eficiencia se o não ungisse o subtil mysterio desse dom de predestinação. A força, creio que já o disse um poeta, é uma mercê dos deuses, e quando um homem dotado de vontade e de poder actúa, elle o faz conforme os desejos divinos. Pombal não teria sido o constructor que foi, na historia portuguesa, se a natureza não o houvesse marcado com essa prentura seductora, que é ao mesmo tempo uma irresistivel clava e um raio de graça inimitavel. A fereza de coração que seus inimigos e desaffectedos alardeam para renegar-lhe os feitos e malsinar-lhe o nome, é substancia dos fundadores de mundos e dos domadores de povos, e foi necessaria para que elle dominasse o cáhos em que sossobrarria o reino. Para crear, ha mister destruir os velhos moldes, revogar as leis obsoletas, abater os idolos an-

ANTONIO SARDINHA, POETA DO LUSITANISMO

A moderna literatura portuguesa é quasi desconhecida no Brasil. No entanto, certos nomes dos novos são hoje familiares ao grande público.

Em Portugal desenha-se um forte renascimento nas letras, um inquieto fermento de espirito leveda nas almas, alvoroça-se uma primavera de ritmos, de imagens, de emoções.

As altas qualidades do sentir que timbram desde as remotas eras a literatura portuguesa, florescem a nossa actual sensibilidade das graças quimericas do coração, graças decorativas como cravos do povo ou lírios fidalgos.

António Sardinha destaca-se entre os novos. Poeta que sabe evocar na curva rítmica do verso os longes do seu maravilhoso mundo interior — poeta de janelas abertas para as intimidades — ganhou a simbólica flor de lis nos *Jogos Florais* de Salamanca, onde se disputou a primazia da *Gaya Sciência*, e que foram presididos por Mestre Eugénio de Castro, Pastor de rimas e Príncipe coroado de imagens, no dizer gracioso da dedicatória do autor do "Quando as Nascentes despertam..."

Anos depois, António Sardinha que tinha guardado um silêncio fecundo, em cujo humus místico brotava a semente dum magnifico lirismo, surgiu no torneio das letras com um livro de versos "Epopéia da Planície", onde se sentia renovação de temas, numa nobre simplicidade de linhas e ritmos.

A "Epopéia da Planície" é uma espécie de Geórgicas Alentejanas, canta o louvor da terra, a sua provincia de sol forte, o chão escaldante da interminável estepc, onde o ouro do trival ondula a filigrana das espigas buliçosas e finas.

Na "Epopéia da Planície" perpassa um encantamento virgiliano, uma plácida alegria de trabalho rústico na toada cristã dos versos.

A poesia das pequeninas coisas íntimas, humildadas no círculo afectivo da nossa sensibilidade, António Sardinha no-la dá na graça pitoresca e primitiva da redondilha saltitante, saborosa como selvagem amora, crescendo na beirada dos caminhos.

O seu novo livro "Quando as Nascentes despertam..." é dum ecletismo adorável de emoção e temas.

Prende-me particular estima a este belo livro de poemas que eu conheci quasi todo

antes de ser dado ao prelo, onde vem uma poesia que me foi dedicada "Os livros velhos", tão verdadeira e tão sentida:

Os livros velhos! que doçura estranha não saboreia a gente, ao entre abri-los! E' como um ar de igreja o ar que os banha, na estante arrumadinhos e tranquilos!

Não deixa mais de ouvir-vos quem a voz vos

primeiras edições de inicial acesa, iluminadas letras, incunábulo! Oh, livros velhos, que belleza a vossa! Sois p'ra a palavra carta da nobreza, onde se aprende em lingua ainda moça toda a inocência antiga dos vocabulos!

O poeta evoca os livros velhos que são uma lição a meditar.

E no papel encarquilhado expira toda a escusada ância de escrever. Amor da glória! Mas que vã mentira! Quem é que está p'ra nos sentir e ler?!

Vaidade das vaidades! Nesta vida, que nada satisfaz, nem nada acalma, mas p'ra que serve a agitação suicida, em que desperdiçamos sangue e alma?!

Irmãos que somos em Flaubert, amigos, parta-se a pena á voz do Ecclesiastes! Antes cavar a terra e debulhar os trigos, que andar queimando os nervos no vivo inferno da belleza escrita...

O' folhas ressequidas, enrugadas, lembrais-me um pó que se imagina ouro! Almas-penadas, que o crebro espalhais em tinta no papel, vêde nos livros velhos, Camaradas, a sorte que teremos, bem cruel!

* * *

O poeta sub-titulou o seu livro de *Pocmas da Turbação e da Boa-Estrêla*. Uma doce volúpia borbulha na agua cantante e clara do seu lirismo, certa perturbação de vida moça surge nos seus versos como primeiro perfume de flor de primavera, como seiva em alvoroço. Ora sintam o encanto penetrante da *Epifania dos lilases*

Florescem os lilases brandamente, — florescem os lilases com brandura. E o seu perfume tépido, envolvente, de tentações povôa a noite escura.

De tentações povôa a noite lenta, o aroma dos lilases em segredo. Há no silêncio um bafo que adormenta, — um bafo perturbante de bruxedo.

Flutúa, errante, um hálito de incenso, como o respiro dum serralho impuro. E a noite evoca-me um jardim suspenso, Com os lilases a florir no escuro.

O aroma dos lilases anda em cima, — ainda em carícia a espalhar insónias. Acordam no silêncio que se anima não sei que dissolutas Babilónias!

E o poeta continúa num ritmo lento e estranho, quebrado numa indolência sensual.

Na *Écloga da cidade* pinta a buliçosa luz da sua campina alentejana.

Atrás do sol, entrou cantando agora não sei que abelha côr de mel e brasa. Veiu estonteada com a luz de fora encher de primavera a minha casa.

Veiu estonteada... As suas asas de ouro São gemas preciosas a voar. Onde elas passam, cheira a trigo loiro, — fica um perfume de écloga no ar!

Aos olhos do poeta rasga-se a janela do encantamento, onde passam as paisagens rurais, embaladas de bucólica música, a quimera dos longes, o perfume do escampado.

António Sardinha é um estilista de monotonias musicais expressivas. A paisagem alentejana, a esmorzar-se aos olhos, num longe vago, influencia fortemente a sensibilidade aguda do poeta, duma vibratibilidade estranha. António Sardinha conhece o milagre de planicizar o ritmo, a perder-se na alma, como um verso cigano ao vento dos caminhos...

Gostaria de vos falar demoradamente deste poeta que, fechado nas fronteiras da Terra e do Passado e aceitando gostosamente uma disciplina,

— porque os limites doces que me imponho, dão consistência ás asas do meu sonho e ajudam-me a subir ainda mais!

sabe abraçar um mundo de emoções e imagens, mundo humanissimo e quente, onde ressoa o coração da vida.

Antes de fechar este artigo, vou transcrever um delicioso soneto "Sedas velhas" que tem a graça duma pintura de tempos idos:

Nas rugas do brocado inda advinho dos corpos senhoris o antigo traço. Eu amo as sedas velhas com carinho, — não sei o que me diz o seu cansaço!

São gorgotões, damascos côr de vinho com vozes lansas no recorte lasso. Abraçam-se o veludo mais o arminho, como quem vem dum screnin no Paço.

Eis que se anima o tafetá vermelho! Como dum fundo aquático de espelho, curvadas, passam as gentis Avós...

Oh, sedas velhas, que prazer eu sinto, quando num sonho trémulo, indistinto, passeio as minhas mãos por sobre vós!

Os jornais portugueses anunciam a saída breve dum livro de versos de António Sardinha, "Na Côte da Saudade", sonetos de Toledo.

Quantas vezes, em Madrid, no passeio de la Castellana ou no Retiro, á sombra das árvores e cercados de lindos bebés rosados — os melhores brinquedos dos meus olhos infantis, dos meus olhos modernistas — António Sardinha recortava-me no desenho de papel dum soneto a alma de Toledo, eterna quermesse da alma peninsular que se reflecte, num encantamento bailado, nos olhos — espelhos côncavos de Grego, nos olhos genialmente deformadores de Grego...

"Na Côte da Saudade" está insepulto o corpo do duque de Orgaz, está insepulta a alma do duque de Orgaz...

Rio, Janeiro de 1923.

Carlos Lobo de OLIVEIRA

tigos, manejando a humanidade como argila maleavel, para torná-la docil á impressão das formas. "Se vossa dureza não pôde decepar e cortar como a espada, nunca podereis crear commigo", exclama Zarathustra. A piedade é esteril, avilta os animos mais intrepidos e destrôe as bellas cousas. "Wotam deu-me um coração duro", diz um herôe da antiga saga. Assim tambem o creador de valores, na maior parte, não poderá vencer senão em circunstancias terríveis. Lembremo-nos, por derradeiro, do conceito de Péricles na formosa oração que lhe attribue Thucydide: "Nossa audacia rasgou caminho por terra e por mar, levantando impereciveis monumentos, tanto ao bem como ao mal" Aliás, a essencia intima do ser é vontade de poder e todo poder luta pelo dominio. A vida, em si, é aggressão, expropriação, destruição, sujeição de tudo que lhe é estranho e imposição de suas proprias modalidades, dureza. Sem duvida, uma estimavel dôse de liberdade individual desaparece do mundo, e os vencidos tornam-se dignos de lastima, mas, em compensação, serenada a tormenta, surge o potentado, synthese do humano e imagem do sobrehumano, imponente e magnifico, affirmando o universo em toda a sua plenitude e belleza. Ante a realidade

cruenta da historia e da natureza, o grande homem vem a ser um cataclysmo, materia explosiva, enorme accumulção de energias, a que, desde que se faça appello ao seu genio, nada poderá oppôr-se. Dentro do egoismo integral, intransigente e sublime, espande, floresce e desenvolve-se muita vez pelas armas, pelo desprezo dos direitos alheios, pela invasão de fronteiras, pelo esmagamento de povos fracos ou de raças inferiores, e todos esses actos que pratica, revestidos em geral da mais estranha roupagem, elle os realisa em favor de uma forma superior da existencia e em nome de uma lei imperiosa. Neste sentido, a palavra do imperador dos francezes é perfeitamente justa, quando diz: "Que escuteis a voz do sentimento e da piedade, é caso que só a vós interessa, mas quanto a mim, Senhor de Metternich, que me importa que cem mil homens vivam ou pereçam?" Dest'arte, é preciso ainda reabilitar o Grande Marquês, cujo genio fecundo e prodigioso, e cuja obra, harmonica na sua riqueza multiforme, collocaram a sua personalidade, desfigurada pelos erros e prevenções de lastimosos adversarios, naquella ambiente de divinisação da energia triumphante em que pairam os heroes de Carlyle e os superhomens de Nietzsche.

Elysio de CARVALHO

o sustenta e governa, revigorando o aforismo da suprema *lex regis voluntas*. Foi o homem summamente poderoso, o arbitro supremo perante quem todos se curvam e a quem todos cegamente obedeciam, para maior luzimento da monarchia e maior proveito da nação. Elle era o rei, o Estado, e D. José apenas um simulacro da realza, um vago symbolo, uma mascara occultando o unico homem que realmente mandava. Senhor do poder e da vontade do monarcha, este para lhe obedecer deu o exemplo de andar vestido de briche nacional, como os demais. "Onde houvesse um parcella de autoridade, que podesse defraudar a realza, onde se ergue uma eminencia, que projectasse uma sombra que fosse nos proprios degraus do throno, era necessario passar o nivel do poder absoluto e igualar na submissão o duque e o mechanico, o villão e o fidalgo de solar, os mais humildes prsbiterios e as mais condecoradas prelazias. A revolução democratica e popular devia ter logicamente por principio o engrandecimento do poder absoluto. Antes que a sociedade tomasse novas fórmulas politicas era bem que a esta inevitavel metamorphose antecedesse a fundação de uma robusta unidade governativa. E nenhuma força social era naquelles mais segura e efficaz para effectuar a fusão de todos os elementos antagonistas de que o braço de um ministro obedecido sem hesitação e respeitado pelo terror. Quando a corôa tivesse apagado nas instituições e nos costumes as reliquias derradeiras do poder aristocratico, deixando apenas ao corpo da nobreza o simulacro da sua herdada autoridade em titulos e predicamentos sem nenhuma significação politica, seria então facil á burguezia, que principiava a ser o nervo da nação, reclamar os seus direitos confiscados pela corôa, e após esta primeira tentativa de interferencia popular nos negocios do governo viria forçosamente o millenio dos ultimos estratos sociaes. Antes que chegasse, com os progressos da educação publica, a sasão propicia á proclamação da liberdade, cumpria que a igualdade perante a corôa fosse operando lentamente as suas conquistas contra os privilegios politicos e os monopolios sociaes das classes superiores. Urgia que a realza absoluta expungisse nas tábuas da constituição o texto já meio obliterado dos antigos fóros nobiliarios, para que no fundo raso pudesse mais tarde a revolução esculpir as letras do novo evangelho liberal. A corôa, desembainhando a espada para decapitar uma fidalguia ambiciosa e turbulenta, abria, sem o suspeitar, a senda providencial á futura democracia. Quando ainda não ha povo, que possa agitar-se ou tumultuar na praça publica, entender as suas proprias imunidades e exigir o exercicio dos seus direitos, são os reis e os seus ministros, quem, a fóro de consolidar o poder illimitado, antecipam as revoluções. O absolutismo semeia então, para que a liberdade venha depois enfeixar as pavêas já maduras, escreve ainda Latino Coelho (*Hist. Mil. I, 21*). Pombal, que, como homem do seu tempo, era a revolução inconsciente, que iria esmagar a fidalguia dominadora e a potestade clerical, duas forças que havia usurpado até a magestade do rei, incarnava o pendor do seculo XVIII, a propria civilização que irrompia no bronco Portugal da inquisição, dos frades e desembargadores, ao mesmo tempo, como muito judiciosamente lembra Latino Coelho, sem o suspeitar e nem o querer, o precursor do seculo seguinte em muitas das suas conquistas. Assim, pois, se o seculo XVIII, em Portugal, presidido pela formidavel reacção do obscurantismo, viu nelle apenas o apologista do despotismo, o seculo XIX, trabalhado pela critica philosophica, vê nelle uma intelligencia pragmatica, racionalista, amante da realidade, conhecedora profunda da psychologia dos homens, cujo programma politico traz a marca do genio. A facultade creadora do Marquês de Pombal procede justamente desse realismo extremamente positivo. Defensor intrepido da supremacia do rei, quero dizer, do Estado, sobre todas as coisas, antagonista implacavel da nobreza e adversario obstinado do jesuitismo, que suffocavam as aspirações nacionaes e as liberdades do povo lusitano, durante o seu longo governo não teve senão um pensamento — triumphar. A regra superior e inalteravel de sua postura revestiu-se então de todos os attributos julgados necessarios para

a victoria de suas idéas, que a força inexpugnável protegia, e, manobrando a não do Estado com maravilhosa habilidade e com firmeza de orientação imperturbavel, consummou todos os seus designios. Aos seus meritos pessoases, aos seus esforço pacientes, ás suas combinações profundas, á sedução bem mais gloriosa e irresistivel de seu genio, mais do que ao poder material, deve elle o exito brilhante dessa obra immensa, prodigiosa como acção e reacção, de que dependiam os destinos de Portugal e da dynastia. No exercicio do poder, assim que a revolução se fez organização, não conheceu a palavra impossivel e nada existia acima de seus desejos. Pombal reintegra-se na legenda do *Quo non ascendam?* Espirito profundo e vontade inflexivel, com uma intuição concreta das realidades humanas, tomando os homens taes quaes eram e encarando as coisas como se apresentavam, foi um oportunista no mais alto grão, actuando, dirigindo e inspirando-se segundo as circunstancias do país. Estrategista inteiramente attento ás condições contingentes da batalha a que se entregava, fechando os ouvidos ao clamor, ao escarcéo e ao pregão que se elevavam, derredor, para não confundir no immenso tumulto o bem com o mal, recorre a todos os processos para assegurar a victoria, utilizando todos os recursos e nada repudiando. Foi, por fim, um organisador digno deste nome, porque, depois de ter sido um terrivel destruidor, resolveu mediante uma legislação intelligente formidaveis problemas que desafiavam a sabedoria dos contemporaneos, e de tal modo o foi, que essa obra de civilização e de progresso sobreviveu aos desastres nacionaes. A politica não é uma sciencia abstracta, onde tudo se regula por axiomas, mas uma arte pragmatica que consiste, numa dada situação, absorver, assimilar e seleccionar os elementos capazes de contribuir para a grandeza do Estado. Se, nos seus principios, é elle um homem liberal, progressista, no seu procedimento é sempre um homem de autoridade, que procura na força os meios de acção, que é uma das prerogativas essenciaes do homem do Estado. Ninguem praticou mais de que elle a doutrina da grandeza absoluta do Estado, o Estado soberano acima de toda a occurencia humana, onde o monarcha é tudo e a universal submissão é estabelecida como o imperativo categorico dos subditos, e tal facto não imprimiu caracter anachronico á sua obra, que, com o mesmo principio da lucta necessaria e a mesma acceitação do facto como direito, era, em suas linhas geraes, uma antecipaçao da philosophia politica de Hegel, que concebe o Estado como um absoluto, uma cousa existente em si, irreductivel. Segundo a doutrina hegeliana, o Estado existe em todo o Estado, como o homem em todo o homem, e o ser contingente e percível que cada um de nós é, não póde modificar esse absoluto. O Estado, ás vezes idéa e vontade, sendo absoluto, não conhece imperativo acima do seu absoluto, a moral individual, por conseguinte, não existindo para elle. Emfim, a essencia do Estado sendo a soberania, ella cessa de existir se limitada por uma convenção de sua existencia, se não é uma manifestação perpetua da força. Tal doutrina, que foi servida por uma dialectica formidavel, nada mais proclamava que a absorpção de todos os individuos pelo Estado. Através da unidade fundamental, que mantém a colossal estrutura da obra pombalina, vislumbra-se a marca desta concepção do Estado, que Hegel divulgara como a realização da idéa pura, e, que, applicada ou imposta com vigor inquebrantavel ao reino, trouxe o nivelamento de todas as classes perante o throno absoluto, como a emancipação dos escravos, a abolição das distincções entre christãos novos e velhos, o equiparamento dos canarins aos portuguezes na India, a liberdade dos indios brasileiros, etc. Pombal revclou ainda uma qualidade que, mesmo entre os homens superiores, é apanagio de um pequeno numero: uma febril, intensa e progressiva actividade, uma vivacidade divina no pensamento e na acção, uma volupia de crear que augmentava á proporção que a sua obra adquiria aspectos definitivos. Havia nesse homem extraordinario muito da natureza e do espirito de Cezar, mas um Cezar sem a clemencia de Augusto, porque através dos seus actos não tinha a preocupação de fazer-se amar e bastava-lhe fazer-se temer. Ha mister assignalar que, se

Pombal foi um discipulo de Machiavel, como a muitos parece, o seu "machiavelismo" não se fez com a deslealdade, a dissimulação ou a perfidia: elle batalhou, abateu e venceu, com effeito, sem illudir, sem mentir, sem trahir. Foi um *principe* sem aquelle predicado a que o sagaz florentino reduz toda a sabedoria politica e todo o segredo da vida: *essere grande simulatore e dissimulatore*. Leal e orgulhoso, da sua lealdade e do seu orgulho nasceram essa intrepidez, que é uma sombra luminosa pairando eternamente sobre o lutador e realçando-lhe a grandeza. Não incidiu na pratica de Richelieu ou de Mazzarini, que confundia a politica com a perfidia. Nelle, velava, imperceptivel, uma argucia silenciosa, cauta, simples mais formidavel, servida por uma intelligencia a que não faltavam nem precisão nem efficiencia. A firmeza de propositos e a obstinação tranquilla, e, principalmente, a veracidade nas palavras e nos actos, são os attributos caracteristicos da sua arte de governar. Qualquer que seja a opinião ácerca de suas qualidades e de seus defeitos, que se confundem harmoniosamente nelle para constituir um bloco humano em que as imperfeições e as arestas são partes integrantes da belleza que exprime, foi Pombal um dos maiores genios politicos da historia, que devemos glorificar com fervor.

POMBAL, IMAGEM DO SUPERHOMEM

Formidavel, grandiosa e tragica, porque, além de pretender elevar sobre a ruina do mundo antigo o edificio de uma cultura mais humana e de uma nova civilização, jogava com os destinos da grei, a obra pombalina é tarefa de predestinado. Na verdade, pertence o Marquês de Pombal á progenie dos creadores de valores. Raça de homens ambiciosos, intrepidos e invenciveis, inventores em todos os dominios do sublime e peritos em todas as zonas da actividade mental, serenos, pacientes e obstinados, conhecedores profundos do passado e reveladores do futuro enigmatico, synthetizam elles a alegria, o esplendor e o heroismo da terra. Seres inactuaes, que não reconhecem outra lei que não seja a do desenvolvimento da propria individualidade, e cujo despotismo é a expressão da soberania indispensavel, elles se chamam Alcibades, Cezar, Da Vinci, Frederico II, Napoleão, Goethe. Ora, o Marquês de Pombal é, com effeito, um dos mais lidimos exemplares dessa especie a que Nietzsche chamou de superhumana, collocando-a fóra dos limites traçados pelo bem e pelo mal, e, portanto, seria pueril julgar-se o politico portuguez e o seu governo mediante as leis de psychologia dos homens comuns. "Je ne suis pas un homme comme les autres, et les lois de morale ou de convenance ne peuvent être faites pour moi", exclamava Napoleão. A "virtú" de Miguel Angelo ou de Cellini nada tem que ver com a moral de Loubet. A reforma pombalina, combatida pelos reaccionarios e sentimentalistas, sob o pretexto de crueldade, é fructo do irreprimivel instincto de criação, e, no jogo divino dos elementos que a inspiraram e a concertaram, percebe-se um encadeamento intrincado, mas harmonico e logico, em que tudo se move como impellido pelo 'factum' e a que os partidos, os sistemas e os homens se curvam vencidos ou subjugados, nada mais tendo sido o magnifico tyranno, que o artista, o interprete e o realisador fiel ás multiplas combinações do destino. O braço robusto do despota illuminado não poderia mover-se com efficiencia se o não ungisse o subtil mysterio desse dom de predestinação. A força, creio que já o disse um poeta, é uma mercê dos deuses, e quando um homem dotado de vontade e de poder actúa, elle o faz conforme os desejos divinos. Pombal não teria sido o constructor que foi, na historia portugueza, se a natureza não o houvesse marcado com essa prenda seductora, que é ao mesmo tempo uma irresistivel clava e um raio de graça inimitavel. A fereza de coração que seus inimigos desaffectedos alardeam para renegar-lhe os feitos e malsinar-lhe o nome, é substancia dos fundadores de mundos e dos domadores de povos, e foi necessaria para que elle dominasse os cáhos em que sossobraria o reino. Para crear, ha mister destruir os velhos moldes, revogar as leis obsoletas, abater os idolos an-

ANTONIO SARDINHA, POETA DO LUSITANISMO

A moderna literatura portuguesa é quasi desconhecida no Brasil. No entanto, certos nomes dos novos são hoje familiares ao grande público.

Em Portugal desenha-se um forte renascimento nas letras, um inquieto fermento de espirito leveda nas almas, alvoroça-se uma primavera de ritmos, de imagens, de emoções.

As altas qualidades do sentir que tigram desde as remotas eras a literatura portuguesa, florescem a nossa actual sensibilidade das graças quimericas do coração, graças decorativas como cravos do povo ou lirios fidalgos.

António Sardinha destaca-se entre os novos. Poeta que sabe evocar na curva rítmica do verso os longes do seu maravilhoso mundo interior — poeta de janelas abertas para as intimidades — ganhou a simbólica flor de lis nos *Jogos Florais* de Salamanca, onde se disputou a primazia da *Gaya Sciência*, e que foram presididos por Mestre Eugénio de Castro, Pastor de rimas e Príncipe coroado de imagens, no dizer gracioso da dedicatória do autor do "Quando as Nascentes despertam..."

Anos depois, António Sardinha que tinha guardado um silencio fecundo, em cujo humus místico brotava a semente dum magnifico lirismo, surgiu no torneio das letras com um livro de versos "Epopeia da Planície", onde se sentia renovação de temas, numa nobre simplicidade de linhas e ritmos.

A "Epopeia da Planície" é uma espécie de *Geórgicas Alentejanas*, canta o louvor da terra, a sua provincia de sol forte, o chão escaldante da interminável estepe, onde o oiro do trigal ondula a filigrana das espigas buíças e finas.

Na "Epopeia da Planície" perpassa um encantamento virgiliano, uma plácida alegria de trabalho rústico na toada cristã dos versos.

A poesia das pequeninas coisas íntimas, humildadas no círculo afectivo da nossa sensibilidade, António Sardinha no-la dá na graça pitoresca e primitiva da redondilha saltitante, saborosa como selvagem amora, crescendo na beirada dos caminhos.

O seu novo livro "Quando as Nascentes despertam..." é dum ecletismo adorável de emoção e temas.

Prende-me particular estima a este belo livro de poemas que eu conheci quasi todo

antes de ser dado ao prelo, onde vem uma poesia que me foi dedicada "Os livros velhos", tão verdadeira e tão sentida:

Os livros velhos! que doçura estranha
não saboreia a gente, ao entre abri-los!
E' como um ar de igreja o ar que os banha,
na estante arrumadinhos e tranquilos!

Não deixa mais de ouvir-vos quem a voz vos
primeiras edições de inicial acesa,
illuminadas letras, incunábulo!
Oh, livros velhos, que beleza a vossa!
Sois p'ra a palavra carta da nobreza,
onde se aprende em lingua ainda moça
toda a inocência antiga dos vocabulos!

O poeta evoca os livros velhos que são
uma lição a meditar.

E no papel encarquilhado expira
toda a escusada âniea de escrever.
Amor da glória! Mas que vã mentira!
Quem é que está p'ra nos sentir e ler?!

Vaidade das vaidades! Nesta lida,
que nada satisfaz, nem nada acalma,
mas p'ra que serve a agitação suicida,
em que desperdiçamos sangue e alma?!

Irmãos que somos em Flaubert, amigos,
parta-se a pena á voz do Eclesiastes!
Antes cavar a terra e debulhar os trigos,
que andar queimando os nervos
no vivo inferno da belleza escrita...

O' folhas ressequidas, enrugadas,
lembráis-me um pó que se imagina oiro!
Almas-penadas,
que o cérebro espalhais em tinta no papel,
vêde nos livros velhos, Camaradas,
a sorte que teremos, bem cruel!

*
* *

O poeta sub-titulou o seu livro de Poemas da Turbação e da Boa-Estréla. Uma doce volúpia borbulha na agua cantante e clara do seu lirismo, certa perturbação de vida moça surge nos seus versos como primeiro perfume de flor de primavera, como seiva em alvoroço. Ora sintam o encanto penetrante da *Epifania dos lilases*

Florescem os lilases brandamente,
— florescem os lilases com brandura.
E o seu perfume tépido, envolvente,
de tentações povôa a noite escura.

De tentações povôa a noite lenta,
o aroma dos lilases em segredo.
Há no silêncio um bafo que adormenta,
— um bafo perturbante de bruxedo.

Fiutúda, errante, um hálito de incenso,
como o respiro dum serralho impuro.
E a noite evoca-me um jardim suspenso,
Com os lilases a florir no eseuo.

O aroma dos lilases anda em cima,
— ainda em carícia a espalhar insónias.
Acordam no silêncio que se anima
não sei que dissolutas Babilónias!

E o poeta continúa num ritmo lento e estranho, quebrado numa indolencia sensual.

Na *Écloga da cidade* pinta a buliçosa luz da sua campina alentejana.

Atrás do sol, entrou cantando agora
não sei que abelha côr de mel e brasa.
Veiu estonteada com a luz de fora
encher de primavera a minha casa.

Veiu estonteada...
As suas asas de oiro
São gemas preciosas a voar.
Onde elas passam, cheira a trigo loiro,
— fica um perfume de écloga no ar!

Aos olhos do poeta rasga-se a janela do encantamento, onde passam as paisagens rurais, embaladas de bucólica música, a quimera dos longes, o perfume do escampado.

António Sardinha é um estilista de monotonias musicais expressivas. A paisagem alentejana, a esmorzar-se aos olhos num longe vago, influencia fortemente a sensibilidade aguda do poeta, duma vibratibilidade estranha. António Sardinha conhece o milagre de planicizar o ritmo, a perder-se na alma, como um verso cigano ao vento dos caminhos...

Gostaria de vos falar demoradamente deste poeta que, fechado nas fronteiras da Terra e do Passado e aceitando gostosamente uma disciplina,

— porque os limites doces que me imponho, dão consistência ás asas do meu sonho e ajudam-me a subir ainda mais!

sabe abraçar um mundo de emoções e imagens, mundo humanissimo e quente, onde ressoa o coração da vida.

Antes de fechar este artigo, vou transcrever um delicioso soneto "Sedas velhas" que tem a graça duma pintura de tempos idos:

Nas rugas do brocado inda advinho
dos corpos senhoris o antigo traço.
Eu amo as sedas velhas com carinho,
— não sei o que me diz o seu cansaço!

São gorgotões, damascos côr de vinho
com vozes lansas no reorte lasso.
Abraçam-se o veludo mais o arminho,
como quem vem dum serenim no Paço.

Eis que se anima o tafetá vermelho!
Como dum fundo aquático de espelho,
curvadas, passam as gentis Avós...

Oh, sedas velhas, que prazer eu sinto,
quando num sonho trémulo, indistinto,
passeio as minhas mãos por sobre vós!

Os jornais portugueses anunciam a saída breve dum livro de versos de António Sardinha, "Na Côte da Saudade", sonetos de Toledo.

Quantas vezes, em Madrid, no passeio de la Castellana ou no Retiro, á sombra das árvores e cercados de lindos bebês rosados — os melhores brinquedos dos meus olhos infantis, dos meus olhos modernistas — António Sardinha recortava-me no desenho de papel dum soneto a alma de Toledo, eterna quermesse da alma peninsular que se reflecte, num encantamento bailado, nos olhos — espelhos côncavos de Grego, nos olhos genialmente deformadores de Grego...

"Na Côte da Saudade" está insepulto o corpo do duque de Orgaz, está insepulta a alma do duque de Orgaz...

Rio, Janeiro de 1923.

Carlos Lobo de OLIVEIRA

tigos, manejando a humanidade como argila maleavel, para torná-la docil á impressão das fôrmas. "Se vossa dureza não pôde decepar e cortar como a espada, nunca podereis crear commigo", exclama Zarathustra. A piedade é esteril, avilta os animos mais intrepidos e destróe as bellas cousas. "Wotam deu-me um coração duro", diz um heróe da antiga saga. Assim tambem o creador de valores, na maior parte, não poderá vencer senão em circunstancias terriveis. Lembremo-nos, por derradeiro, do conceito de Péricles na formosa oração que lhe attribue Thucydide: "Nossa audacia rasgou caminho por terra e por mar, levantando impereciveis monumentos, tanto ao bem como ao mal" Aliás, a essencia intima do ser é vontade de poder e todo poder luta pelo dominio. A vida, em si, é aggressão, expropriação, destruição, sujeição de tudo que lhe é estranho e imposição de suas proprias modalidades, dureza. Sem duvida, uma estimavel dôse de liberdade individual desaparece do mundo, e os vencidos tornam-se dignos de lastima, mas, em compensação, serenada a tormenta, surge o potentado, synthese do humano e imagem do sobrehumano, imponente e magnifico, affirmando o universo em toda a sua plenitude e belleza. Ante a realidade

cruenta da historia e da natureza, o grande homem vem a ser um cataclysmo, materia explosiva, enorme accumulção de energias, a que, desde que se faça apello ao seu genio, nada poderá oppôr-se. Dentro do egoismo integral, intransigente e sublime, esplende, floresce e desenvolve-se muita vez pelas armas, pelo desprezo dos direitos alheios, pela invasão de fronteiras, pelo esmagamento de povos fracos ou de raças inferiores, e todos esses actos que pratica, revestidos em geral da mais estranha roupagem, elle os realisa em favor de uma fôrma superior da existencia e em nome de uma lei imperiosa. Neste sentido, a palavra do imperador dos francezes é perfeitamente justa, quando diz: "Que escuteis a voz do sentimento e da piedade, é caso que só a vós interessa, mas quanto a mim, Senhor de Metternich, que me importa que cem mil homens vivam ou pereçam?" Dest'arte, é preciso ainda rehabilitar o Grande Marquês, cujo genio fecundo e prodigioso, e cuja obra, harmonica na sua riqueza multiforme, collocaram a sua personalidade, desfigurada pelos erros e prevenções de lastimosos adversarios, naquelle ambiente de divinisação da energia triumphante em que pairam os heroes de Carlyle e os superhomens de Nietzsche.

Elysio de CARVALHO

O GENIO PENINSULAR

Importa definir o que seja o "genio peninsular" numa hora em que o problema das relações hispano-lusitanas parece atingir uma curva decisiva do seu caminho. Nada mais proprio para isso de que a comemoração do 12 de outubro, — data em que as naus de Colombo avistaram terra e que a Espanha de hoje, em comunhão com as nacionalidades americanas, suas filhas, recorda cheia de elevação e entusiasmo, celebrando a *Fiesta de la Raza*. "Raça" evidentemente, num sentido de civilização e afinidade moral, — e nunca num estreito significado étnico. Deste modo, nem Portugal nem o Brasil se devem reputar estranhos á grande assembléa dos povos hispânicos, de que o 12 de Outubro começou já a lançar os primeiros lineamentos espirituais.

Considerando assim a "raça" como expressão dum determinado tipo historico, nós, portugueses, tais como somos, somos tão "hispânicos" como os "espanhoes" propriamente ditos. "Espanhol", tomado como apelativo nacionalista, é uma criação politica recente, não excedendo talvez no conceito geral dos Estados europeus mais que duzentos e tantos anos. Com inspirada razão observava o nosso inspiradissimo Garrett em nota ao seu *Camões*: — "Nem uma só vez se achará em nossos escriptores a palavra "hespanhol" designando exclusivamente — o habitante da Peninsula não portuguez. Em quanto Castella esteve separada de Aragão, e já muito depois de unida a Leão, etc., nós e as outras nações das Hespanhas, Aragonezes, Granadiz, Castelhanos, Portuguezes e todos, eramos por estranhos e domesticos comumente chamados *hespanhoes*... A fatal perda da nossa independencia politica depois da batalha de Alcazer-Kibir, deu o titulo de reis das Hespanhas aos de Castella e Aragão, que conservaram ainda depois da gloriosa restauração de 1640. Mas Hespanhoes somos, e de Hespanhoes nos devemos prezar todos os que habitamos esta peninsula".

Não fazia Garrett senão recolher a idéa que da unidade hispânica se nos viera transmitindo desde sempre e que em *Camões* encontrou o seu definidor insuspeito. Espanha, — ou melhor "as Espanhas" — valia então unicamente como vocabulo geográfico. Assim nos aparece em *Camões*, quando Baco, ao aludir aos portuguezes no concilio dos Deuses, os designa (*Lusíadas*, Cant. I, estrof. XXXI) como

"Huma gente fortissima de Espanha"

O conceito que *Camões* possuia de Espanha mostra-se-nos bem patente no canto III do seu immortal poema. Concretiza ele:

*"Eis-aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali da Europa toda."*

E logo acrescenta:

*"Com naçoens grandes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor."*

Dentro deste quadro, a unidade hispânica se compreendia como uma especie de super-nacionalismo, tão intimamente cimentado na consciencia da gloriosa época de Quinhentos que *Camões*, cantando a plenitude da afirmação portugueza, a incluia sem desdoiro nem subalternização no molde fisico e cultural que a Peninsula representava perante o mundo curvado ao prestigio das suas irradiações. Interessante é verificar ainda em *Camões* quaes as "naçoens diferentes" com que Espanha se engrandece

*"Tem o Tarragonéz, que se fez claro,
Sugeitando Parthenoçe inquieta,
O Navarro, as Asturias que reparo
Já forão, contra a gente Mahometa.
Tem o Galego canto, e o grande, e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituídor de Espanha, e senhor della,
Bethis, Leão, Granada com Castella."*

O mesmo pensamento se repete e desenvolve, a referir-se *Camões* á invasão caste-

lhana que precedeu a batalha de Aljubarrota. Ai nos surgem

*"Os Vandalôs, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavão
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Gualdalquivir as agoas lavão"*

Veem tambem

*"Os que cortando vão c'o duro arado
Os campos Leoneses, cuja gente
C'os Mouros foi nas armas excellente."*

E não faltam nem os "sordidos Gallegos, duro bando", nem "a gente Biscainha, que carece de polidas razoens", nem os de Guipuzcoa e das Asturias, "que com minas de ferro se ennobrece". Aa chocar bravo dos dois exercitos contrarios, *Camões* assinala perfeitamente que não são espanhoes contra portuguez, mas sim castelhanos, e das suas estrofes se depreende que o proprio inimigo é menos estrangeiro e mais parente que os outros povos, demorando em Europa, mas para lá dos Pireneus "A fera batalha se encruce" e por fim

*"A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana."*

Não se denuncia em nada aqui o odio declamatorio e convencional com que mais tarde Castella foi vituperada entre nós. Os embates das duas nações hispânicas *Camões* as encara quasi como lutas de irmãos, terminando exemplarmente em familia.

*"Destas, e outras victorias longamente
Erão os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz desejada já da gente
Derão os vencedores aos vencidos,
Depois que quiz o Padre Omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
A's duas illustradissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclitas Princezas."*

O reconhecimento de importancia das ligações dinásticas na formação da civilização peninsular, *Camões* a indicava numa estrofe que vale como um tratado politico. "*Les relations de parenté, d'alliance et de cousinage entre des maisons qui symbolisent d'autre part d'éminentes rivalités d'intérêts nationaux représentaient un degré de civilisation et d'humanité qui est en partie abandonné...*", — escreve Charles Maurras. *C'était la fleur de leur pays d'origine que les reines portaient aux payx de leurs époux: les mœurs, les langues, les arts, les sciences, les lettres, la poésie, les industries couraient de cour, en cour haussées, à leur point d'excellence, et il en résultait comme un aspect nouveau, moral, spirituel, de ce que la diplomatie appelait l'équilibre de notre Europe, au temps où il existait encore une Europe*". Eis a teoria completa da influencia do elemento feminino no desenho e tessitura da historia peninsular. Se D. Catarina de Lencastre, irmã de nossa rainha D. Felipa, assentando-se no trono de Castella, facilita a paz entre portuguezes e castelhanos, já antes acontecera o mesmo com outras príncesas nossas, tal como Santa Teresa de Portugal e a "formosissima Maria", para gloria e pacificação da Peninsula. A dinastia saída de Aljubarrota caracteriza-se especialmente pela pratica dessa auspiciosa politica matrimonial. Sucede até, — nunca é demais repeti-lo! — que Isabel-a-Católica, filha de portugueza, descendia do Santo Condestabre e do Mestre de Avis, em grau igual áquele em que D. Afonso V, vencido por ela em Toro, descendia de D. João I de Castella. Donde o mostrar-se bem manifesta a natureza familiar das lutas internas da Peninsula, que não errará muito quem as definir como verdadeiras "guerras-civis"

Exactamente, na centúria de Quinhentos, quando se toruam mais estreitas as alianças de parentesco entre Portugal e Castella, é que a Peninsula atinge o maior esplendor da sua capacidade civilizadora. Salienta algures o malogrado critico que foi Moniz Barreto: — "Depois que em Aljubarrota e em Toro

os portuguezes e os castelhanos affirmam reciprocamente a sua independencia contra mutuas tentativas de invasão, iniciou-se na Peninsula um periodo de inteligencias diplomaticas que dura um seculo e corresponde em Portugal aos reinados de D. João II, D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, e em Espanha aos reinados de Fernando e Isabel, de Carlos V, de Felipe II."

E Moniz Barreto acrescenta, detalhando com persuasão: — "Durante este periodo, que é o de maior prosperidade e grandeza dos povos peninsulares, a consciencia da força propria suprime desconfianças e temores, e a identidade de aspirações e sentimentos cimenta as bases de uma aliança em que compartilhamos com a Espanha a hegemoia no Mediterraneo occidental e nos dois oceanos. E' deste pensamento que inspira os casamentos dinasticos e se traduz por auxilios militares, que conduz um infante de Portugal á barra de Tunís, que faz combater os cavaleiros hespanhoes nos areas d'Alcazer-Kibir, que encontrando interpretes condignos nos grandes poetas de peninsula, enche de elogios magnificos do genio espanhol a epopeia das glorias portuguezas, que dita a Herrera a lamentação á morte do Rei desejado, que em pleno reinado de Felipe IV leva o maior vulto do teatro nacional espanhol a coroar com a aureola da poesia a memoria do infante Santo. E é um facto que se presta a reflexões que o periodo da aliança espanhola coincida com a época da maior prosperidade e de plena expansão do genio portuguez"

Inegavelmente, essa centúria de Quinhentos, tanto nas Letras, como nas Armas, tanto no Mar como na Terra, demonstra a quanto subira a colaboração espontanea das duas nacionalidades peninsulares. Era ainda o fruto do proveitoso elemento humano que *Camões* entrevera, ao considerar as vantagens pacificas da intervenção do parentesco na resolução dos agitados problemas de vida do Estado. Um forte e sabio paralelismo se impuzera assim a Portugal e a Castella como regra de acção comun. Iníciara-se já a empreza formidavel das Descobertas e, debaixo dum novo aspecto, dir-se-ia que o espirito da Cruzada resurjia na Peninsula. Se a civilização é essencialmente o Christianismo, ninguem a dilatou e serviu como os povos naturais da antiga Hispania! E' o traço dominante da sua alma, — o selo que lhes imprime grandeza e individualidade. Por esse prisma o genio peninsular é universal como nenhum outro. A vocação apostólica constituiu a sua determinante mais poderosa. E, pelo nosso amor ao Absoluto, é facil de se abranger a razão porque o Christianismo na Peninsula se revela e radica, não só como confissão religiosa, mas, sobretudo, como uma íntima e veemente afirmação social.

Compreende-se já porque portuguezes e castelhanos fôram no mundo missionarios e descobridores e como apenas elles se glorificam com raro titulo de fundadores de nacionalidades! Ninguem ignora a lenda-negra que infama a Peninsula como inutil para as conquistas superiores da humanidade. E' uma calunia do seculo XVIII, principalmente, — da estreita e sectaria mentalidade dos Enciclopedistas, que não podendo separar o Catholicismo da vida da Peninsula, a denegriram por sistema, cobrindo-a de diatribes e de alevites sem conta. No entanto, metade do mundo devia ás Espanhas a sua entrada na civilização, — e a paz da Europa, perturbada, dum lado, pela ameaça crescente do Turco e, pelo outro, pelo alastramento da heresia protestante, salvou-se duma catástrofe mortal, por virtude ainda do esforço heroico dos reis e soldados peninsulares. Parece-me interessante accentuar que mesmo muitas das paginas havidas como escuras no passado da Peninsula, entram a ganhar com o avanço das correções da historia uma inesperada e desforradora claridade. Tal é o que se verifica pelo que respeita á Bélgica. Sem a abundante penetração espanhola que o governo das Austrias lhe inoculou, a Bélgica não se saberia hoje explicar como nação, desde que lhe faltam para isso outros motivos que não sejam os que recebeu da passagem dos "tercios" e que

tão evidentes são, — recorrendo a um nobre exemplo —, na poesia inconfundível de Emile Verhaeren. De resto, não nos surpreenderemos se considerarmos com a atenção devida que na composição da Latinidade, — como forma superior de cultura e vida internacional —, entraram predominantemente dois agentes decisivos: — o *Catolicismo* e o *Hispanismo*.

Não falarei do papel que a Península exerceu nas antigas idades, transmitindo á Europa, pela sua posição de terra intermeiaria, os frutos das civilizações primitivas. Mas já é de necessidade lembrar que no segundo período do seu prestígio, Roma se nutre das reservas que a Península inesgotavelmente lhe communica. Ele é Séneca, ele é Marcial, ele é Columela, ele é Quintiliano, ele é Trajano, ele é Teodosio. "*Me peritus discet Iber*, — ponderava já mestre Horacio, qualificando o hispânico de douto. Pois é, debaixo das aguias romanas, que a adolescência maravilhosa do genio peninsular começa propriamente. Em sinal do que a Península iria valer no futuro como geradora de novas patrias, olhemos para a Dacia que nos aparece então, cavando os alicerces da moderna Romania. Abre-os Trajano, — um hispânico —, que estabiliza com veteranos, hispânicos também, essa especie de guarda-avançada da Latinidade contra o rumorejar bravo dos enxames bárbaros. E, — circunstancia reveladora —, no românico contemporaneo persiste algo de indefinível e misterioso, que evoca o lirismo melancólico do ocidente peninsular. E' o vocabulo "dor", — "*l'expression même de notre pays et de notre âme... dor parole intraduisible qui ne se comprend pas, qui se sent seulement et dont je n' ai trouvé le presque équivalent que dans la langue de nos frères portugais — la "saudade."*

Mas a profunda identificação dos destinos de Latinidade com os destinos do Hispanismo demonstra-se e afiança-se ainda mais na Idade-Media, quando as indulgencias de Cruzada tanto se ganham na Península como na Terra-Santa. Não só pela Gesta inolvidavel da Reconquista nós levantámos uma muralha invencível em que a onda islamita se quebra e desfaz, como oferecemos á Europa os restos da cultura clássica que, através dos árabes, nos chegara no Oriente. S. Thomás e Dante recebem desta maneira o influxo sabio da Península, como já antes com Santo Isidoro de Sevilha e com o bracarense Paulo Osorio, — discipulo de Santo Agostinho, o resplendor do pensamento antigo se mantivera aqui ininterrupto e brilhante.

Repartida a Península em diversas nacionalidades, a cada uma cabe depois marcadamente um papel distinto. E' Castela quem no interior avoca a si a continuação da guerra contra o Moiro. Aragonêses e catalães espalham-se pelo Mediterrâneo e levam as scintillações afortunadas da sua estrela até Constantinopla, fundando o ducado de Atenas, de passagem existencia. A nós tóca-nos a empresa de Marrocos e a epopeia do Mar. Se taes manifestações são variadas e por vezes divergentes nas suas linhas imediatas, reconhecemos que as ilumina, e conduz como que providencialmente a presença suprema duma finalidade comum. Fundido o Aragão com Castela, recebe-lhe esta como herança a sua política europeia, — a sua acção no Mediterrâneo. Fica Portugal entregue a si proprio na dilatação da Fé e do Império.

Então se verifica que a sorte da Europa e o fastígio da civilização dependem em grande parte das duas patrias peninsulares. Castela, nesse dualismo concorde, significa a *vocação terrestre*, enquanto Portugal concretiza a *vocação marítima*. Se Portugal e Castela se tivessem conglobado, ou a Península faltaria ás gloriosas arrancadas marítimas com que completámos o conhecimento do mundo; ou a Christandade houvera sossobrado debaixo da pata do turco galopando já pelos plainos da Hungria, quando na Europa se ateiava o incendio das discrdias religiõs. Sem dificuldade se constata, pois, que a unidade do genio peninsular, na sua projecção historica-social, foi garantida pela separação política de Castela e Portugal, providencialmente assegurada em Aljubarrota e nos campos de Toro.

Percebe-se agora porque a consciencia do *Hispanismo* inspirou Camões em toda a ex-

tensão do seu poema. Se ele realçou como ninguem a diversidade das nações da Península, como ninguem assinalou também a apertada ligação que as unia entre todas. Chamou Oliveira Martins aos *Lusiadas*, num dos seus muitos rasgos de videncia incomparavel, o "testamento de Espanha". São, na verdade, os *Lusiadas* o grito final de Espanha, — mas da "Espanha" no sentido de comunidade espiritual em que nós a entendemos, nunca numa duma exigua e exclusiva designação nacionalista. O Épico adivinhava bem, no estertor dos grandes estímulos do passado, que a nossa hora de "hispanos" ia obscurecer-se, com o advento do naturalismo solto de Renascença e já com a Reforma levantando no coração dos povos e nos degraus dos tronos o colo atrevido da serpe individualista. O concilio de Trento, apontando á Europa mutilada o ideal de Christandade como unica força colectiva capaz de a restaurar, apenas encontra ao seu lado as duas nações da Península.

Reflectem os *Lusiadas* o sentimento profundo que atira D. Sebastião, como sendo o ultimo cruzado, para os areias de Marrocos. E' o designio frio, sistemático, impassível, que em outro campo guia o braço de Felipe, — do admiravel Felipe II! —, na defesa da Christandade, de que foi o derradeiro campeão. Isolada e incompreendida, a "Espanha" torna-se na Europa uma caricatura arcaica e truculenta, de que Cervantes recolhe as linhas inolvidaveis no *D. Quixote*, obedecendo talvez a uma inconsciencia genial. A íntima comunhão da Christandade com a Latinidade, ao pulverizar-se nos assomos do século XVII, mostrava-nos assim claramente que, apar do Catolicismo, o Hispanismo era, com efeito, uma das suas mais decisivas razões de existir.

Não desaparecimos, porem, na conspiração total que nos vitimava, sem termos deixado impressa a nossa individualidade nas oficinas misteriosas em que a Historia se elabora! Só pelo desvio do eixo da civilização do Mediterraneo para o Atlantico, — e essa é a parte propria de Portugal dentro de morgadio peninsular —, nada, dentre os beneficios e promessas que o futuro, porventura, reservasse á humanidade, se poderia já esquivar ao preito de gratidão que se nos devia. Na verdade, a Idade-Moderna é nossa filha, — é filha dos argonautas portugueses, em toda a sua amplitude e em todas as suas conquistas. Também o espirito scientifico de que o nosso tempo tanto se orgulha á descendente daqueles humildes teólogos espanhóis que em Trento, contra a doutrina terrível da Predestinação, salvaram a liberdade da intelligencia e da alma, sustentando e impondo victoriosamente os postulados dignificadores do livre-arbitrio. Prestemos essa homenagem aos Jesuitas, aliados, na defeza da civilização, por meio duma nova milicia mística, aos que durante a Idade-Media interpuzeram na Península uma barreira robusta, impedindo o espraizar da onda musulmana!

Tais são as duas grandes características porque se marca a Idade-Contemporanea no seu balanço positivo: — uma, o desvio do eixo da civilização do Mediterraneo para o Atlantico, executa-se, graças á tenacidade e ao denodo dos marinheiros lusitanos; a outra, cujo alcance é escusado salientar e sem a virtude da qual se haveria caído no mais depressivo materialissimo intellectual e moral, deriva da crença tão ardente como raciocinada dos companheiros de Santo Inácio de Loyola. Na sua dupla face, o genio peninsular com energia perduravel rasgava assim o caminho dos seculos vindouros. E não inventariámos as consequencias miudas do seu gesto aureolado e largo de bom semeador! Porque desde as nações trazidas á geografia, á linguistica e as sciencias-naturais pela pratica das longas viagens até ás celebres *Leyes de India*, de Cisneros, e aos métodos de colonização empregados pelos portugueses, de que a Olanda e a Inglaterra copiaram e aperfeçoaram a lição; desde o renascimento das doutrinas políticas de S. Thomás e seus comentadores, com que veementemente se opôs ao desenvolvimento excessivo do romanismo juridico e das concomitantes tendencias absolutistas, até ás bases entrevistas pelos seus teólogos dum direito internacional, com razão e fundamentos orgânicos, o genio peninsular, condensado por

Camões na sua índole cavalheiresca e militante, abriu um sulco tão fuudo na fisionomia espiritual de Europa, que o renascimento mental hodierno, se quizer ser sincero e honrado, a ele terá de ir buscar a recuada genealogia.

Mas... — e eu antecipo-me ao "mas", já desenhado na mente do meu leitor. Mas, se a unidade de Península depositava as condições da sua existencia no paralelismo de Portugal e Castela, como se explicará que Portugal sucumbisse na sua autonomia política diante da ambição dissimulada da corte de Madrid? Trata-se dum problema que excede os presentes limites pela sua extrema complexidade. Primeiro: é falso que Portugal perdesse a sua independencia. A monarquia dos Felipes, com assento simultaneo em Madrid e em Lisboa, foi uma monarquia — dualista, como o era em nossos dias a Austria e a Hungria. Segundo: exactamente, no período filipino, é que nós influimos de tal forma no que constituia a essencia da psicologia castelhana, que todo o seculo de oiro da literatura dos nossos vizinhos vibra cheio de Portugal e do mais internecido lusitanismo. Terceiro: porque a política centralista do Conde-Duque, verdadeira debaixo do ponto de vista castelhana, mas, perniciosamente debaixo do ponto de vista peninsular, nos pretendeu reduzir á precaria situação de simples provincia, quebrando o estatuto, que, jurado nas côrtes de Tomar, nos prendia á corôa dos Austrias, é que nós soítamos logo o brado de independencia, criando na Península, entre as suas duas metades, o divorcio que inicia a decaida tanto de Espanha como de Portugal no concerto dos Estados elropeus. E, enunciada a questão nestes termos, detalhemos agora um pouco para sua demonstração completa.

Efectivamente, o parentesis histórico da chamado intrusão filipina carece de ser revisto á luz da critica hodierna. Quem percorra a *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, de Rebelo da Silva, apesar de ser outro o propósito do seu autor, facilmente concluirá que, mantida no politico e no administrativo a nossa soberania, nunca Portugal foi anexado á Espanha. "O governo dos Philippes não teve directamente em vista a absorção da nacionalidade portugueza", declara o insuspeito Teófilo Braga, referindo-se ás *Ordenações Filipinas*. (1) Não se extingue um povo quando se lhes dá um código por onde se reger. "E insiste: — "Nas côrtes de Thomar de 1581, o rei de Hespanha, tomando posse d'este reino, jurava "guardar os foros, costumes e isempções, da nação portugueza; que o seu governo, administração e economia andaria em separado do resto de Hespanha". Não fôram abolidas as côrtes, por determinação das quaes só se poderia lançar tributos. A camara de Lisboa, em 1602, embargava um alvará dos governadores do reino, em que se pedia o serviço de oitocentos mil cruzados, "por ser feito sem consentimento nem procuração das cidades e logares do reino, que tem voto em côrtes".

Explica-se já porque na célebre defesa do Conde-Duque de Olivares, intitulada *Nicandro*, disse o seu autor, dirigindo-se a Felipe IV: — "*De la revolucion de Braganza y de Portugal tubo la culpa el abuelo de V. M. (Felipe II), que debió, hallando-se con ejército poderoso, y el en Portugal, traerse consigo el duque de Braganza; que nunca varones de tan alta linaje y con pretensiones de rey se han de dejar en provincias conquistadas y que fueron cabezas de imperio, y que por genio proprio y aborrecimiento á castellanos desean restituirse á el. Podia excusar los puertos secos (ó sean aduanas, interiores) entre Portugal y Castilla... Debia dar á los caballeros portugueses virreynatos, gobiernos en Castilla y regiones á ella sujetas, obispos, abadías, á los eclesiasticos, y con esta proporción introducir castellanos en Portugal y portugueses en las partes de Europa donde V. M. impera. Debia quitar la sombra de casa Real que dejó en Lisboa, porque no viendo ellos este aparato no se arrojaría á buscar alma áquel cuerpo...*"

Ninguem, na verdade, respeitaria tanto as nossas liberdades e privilegios, como Feli-

(1) *Historia do direito portuguez. Os foraes. Coimbra, 1868.*

pe II as respeitou, muito embora tivesse por detrás de si o exercito do duque d'Alba. Anota a este respeito Cánovas del Castillo nos seus *Estudios del reinado de Felipe IV*: — *Que para decir la verdade entera, no solamente es falso que fuese en Portugal tirano Felipe II, sino que ni siquiera mereció allí el título que en general merece de Prudente*".

Não exagerou o historiador e estadista hespanhol! Felipe II, conferindo o expediente dos negocios de Portugal ao Conselho de Portugal, formado de portugueses e despachando em português, dotava a sua monarquia — dualista com um órgão proprio e incompatível com toda a tenedncia centralista. Inclusive — como se queixava o *Nicandro* —, as alfandegas tinham subsistido na antiga linha fronteiriça. E se atentarmos um pouco mais, logo veremos que, ao publicar Francisco Rodrigues Lobo o seu poema nacionalista *O Condestabre*, a figura de Nun'Alvares foi cantada e exalçada em resoante idioma castelhano por engenhos como Lope de Vega e Luiz Velez de Quevara. Tocamos com isto no aspecto interessante do problema. E' que o governo dos Felipes corresponde justamente a uma extraordinária preponderancia da nossa sensibilidade, — do lirismo inolvidavel dos portugueses, — na alma um tanto impermeavel de Castela. Se nos recordamos que a *Diana* de Jorge de Montemor cria um genero novo na Europa e determina depois, por intermelio da *Astréa*, de Honoré d'Urfé, o advento de pre-romantismo em França e a génesse do mito abominavel da *Bondade-Natural*, ajuizaremos melhor a capacidade inconfundível de sentir e amar, só propria de Portugal, que nos põe a nós de moda na literatura e costumes castelhanos ao longo do reinado dos tres Felipes.

A nossa penetração na corte dos Austrias já era grande devido, principalmente, ao prestigio persuasivo da formosissima imperatriz Isabel, — mãe de Felipe II. Educara-o a ele, orfão de tenros anos, a notável D. Leonor de Mascarenhas, a quem Sá de Miranda chamava a nossa "Victoria Colona". Felipe é, em tudo, um caso expressivo de portuguesismo, — gostando até de ouvir os rouxinóis pela noite escura. Herdara da mãe essa discreta impressionabilidade. Porque, relatando as lagrimas vertidas por Carlos V sobre o ataúde da esposa morta, o cardial Cienfuegos diria que "*las demonstraciones del Emperador en esta desgracia fueron iguales á la perdida, llorando tanto tiempo, y con tanta alma, que se conocia bien que con el amor, y el trato de la Emperatriz, se le habia pegado toda la ternura Portuguesa*". A "ternura portuguesa" constituiu assim um motivo frequentemente glosado do outro lado da raia, — no Madrid seiscentista. Cervantes reflecte-a na *Galathea* e nas *Aventuras de Persiles y Segismunda*. Por sua vez, Lope de Vega faria exclaimar a um dos seus personagens na *Dorotéa*: — "*Tengo los ojos niños y portuguesa el alma*".

Ocorria tão significativo fenómeno numa hora parda em que a nossa individualidade politica parecia eclipsada. Mas como acreditava-la morta, se nós persistamos, exactamente, pelas virtudes inapagaveis do nosso espirito? Já debaixo da ditadura do Conde-Duque, Calderon de la Barca afirmaria de nós no seu *Infante Santo*, e num verso, não só português, mas de impecavel gravidade camoneana:

"Que ainda mortos somos portugueses!"

Tirso de Molina, então, apaixonado por Portugal e pela acção dramática da nossa historia, povoaria o seu teatro de temas e de figuras lusitanas. Exemplifiquemos com *La gallega Mari-Hernández*, com *El vergonzoso en palacio*, e, sobretudo, com *Las Quinas de Portugal*, em que se celebra a instituição da nossa patria como reino autónomo, ressuscitando-se em todo o seu efeito scenico a tradição do milagre de Ourique, de que em breve se iria alimentar, e fortemente, a mística nacionalista dos doutores e panfletarios da Restauração. Enfim, não havia em Castela uma qualquer manifestação, ainda a mais simples, das coisas serenas do saber e da arte, em que nós não primassemos pelo relevo da nossa personalidade indestrutível!

Nosso fóra Afonso Sanches Coelho, — fundador duma escola de pintura, em que o

retrato de Corte encontrara o seu tipo definitivo. Nosso era o insigne Manuel Pereira, — escultor incomparavel, cuja existencia e obra mal se conhecem entre nós. De Portugal descendiam Diogo de Velázquez e Claudio Coello. E não olvidemos, no campo militar, D. Gregorio de Brito, — o heroico defensor de Lerida contra Condé.

Dentro do quadro geral da Peninsula, Portugal mantinha-se a si mesmo, inassimilado e inassimilavel. Sobrevivia-se, pois, principalmente, pelas intensas virtudes e motivos do seu lirismo sem igual. Com o *Amadís* nós ditáramos uma norma de sensibilidade que se tornara europeia. Enquanto a Gesta representava a idiosincrasia propria de Castela, na poesia lirica se vertera a condição amavel e communitaria das gentes do ocidente peninsular. Tanto que em idioma gallico-lusitano é que primitivamente os poetas castelhanos trovavam as suas queixas de amor e a ingenuidade das suas devoções. Prosonifica-se depois no *Amadís* a musa desenvolta e melancólica do *Cancioneiro*. Ao mesmo tempo a Gesta populariza-se e prolifera no patrimonio inesgotavel dos rimances oraes, cantados em commum, ou na lareira, ou na romaria. Numa convergencia psicologica, a hereditariedade de *Amadís* funde-se no *Quijote* com a herança copiosa do *Romanceiro*. O *Quijote* fixa no seu aspecto analítico a decomposição do ideal cavalheiresco da conquistista e do sacrificio que Castela individualizara.

Mas já o nosso lirismo, gerando novas modalidades de gosto social e literario, lançara por toda a Europa na *Diana*, de Jorge de Montemor, com mais originalidade que a *Arcadia*, de Sannazaro, a paixão dos naturalismos pastoris, donde surgiriam o pincel de Watteau, os idilios do Trianon e o bucolismo bastardo de Jean-Jacques Rousseau. A corrente tornara-se tão decisiva, que, ao sentir-se vencido em Barcelona pelo Cavaleiro de Blanca-Luna, D. Quichote, desiludido, resolve fazer-se tambem "pastor" Simbólica e perfeita homenagem de outra face do genio peninsular á grei que devassara os segredos do Oceano e que de Camões, — um lírico —, arrancava pelo poder moral da Acção uma epopeia, em que a Espanha, decaída, contemplaria pelos seculos fora o resplendor invencível do seu "testamento"!

* * *

Delineando em contornos largos a teoria do "genio peninsular", não faço senão confirmar a intuição profunda do nosso malgrado crítico Moniz Barreto. "A nós peninsulares, — comenta ele —, a função que coube na Historia é o Heroismo e a Fé. Destituídos de imaginação penetrante e do dom de vasta compreensão, desprovidos de larga simpatia e de curiosidade infatigavel primamos pela energia da vontade e pela grandeza do character. O fundo desse character é a honra militar. A capacidade de afirmar e querer, de obedecer e dedicar-se, uma tendencia singularmente nobre de transformar o mundo á imagem do nosso ideal, uma generosa impaciencia da perfeição, o desdem da beleza plastica e das delicadezas aristocraticas, um pensamento simples como um acto, a paixão concentrada e a seriedade tragica, eis outros tantos traços do genio peninsular. Este genio produz uma singular concepção da vida, que se manifesta por uma religião realista e violenta, por uma politica absoluta e insensata, pela preponderancia do genio da aventura e ausencia de capacidade pratica; que põe o amor no casamento, o ideal na acção, a beleza no valor moral; que inspira os maiores prodigios de energia no mundo moderno, e faz que a nossa historia seja como o lenço da Verónica a sangrenta effigie da nossa alma. Importado para a Literatura, esse genio produz um lirismo robusto e monotono, um teatro destituído de analise de characteres, mas animados pelas ideias da honra e da morte, sátiras de um sarcasmo violento, romances em que a acção absorve a analise e que são a pintura da realidade crua e feia e a maior das modernas epopeias."

"Mas para produzi-la foi preciso a intervenção do genio português, — continúa Moniz Barreto. Do corpo das populações iberi-

cas dominadas e unificadas pelo genio castelhano, destaca-se pela influencia accidental de circunstancias historicas uma estreita faixa da orla maritima. Esta estreita faixa se constitui em nação independente, e durante cem anos exerce um papel culminante na historia moderna. Em sincronismo necessario com esta explosão de vida activa, desabrocha uma breve mas esplendida floração literaria. Se estudarmos os documentos que a constituem e completarmos esse estudo pelo exame das produções que datam da renascença romantica, nada acharemos neles que distinga constitucionalmente o nosso genio do das populações ibericas constituídas numa nação espanhola, como nada encontramos que geografica e etnicamente fundamente a autonomia da nossa vida politica. Mas um exame mais atento descobrirá certas qualidades secundarias que dando uma fisionomia peculiar ao nosso espirito se reflectem na nossa literatura: uma maior capacidade de compreender e assimilar, uma menor energia de afirmação e crença, uma sensibilidade mais delicada e profunda, um character menos vigoroso e mais nobre, mais razão e menos vontade, heroes mais humanos, mulheres mais mulheres, alguma coisa de saudoso e vago, de grave e triste, entranhas mais humidas e o dom das lagrimas. Estes traços manifestam-se na nossa literatura por um lirismo profundo e sentido, expressão duma alma amorosa e meiga, por um teatro capaz de pintar characteres e espelhar a vida; por uma, ainda que tardia, floração de romances em que a analise do coração não é anulada em proveito da acção, e finalmente por uma criação épica em que a grandeza heroica do genio peninsular é vasada em moldes duma nobreza essencialmente nossa. Se esses traços não são bastantes para constituir um genio á parte, são contudo suficientes para dar á nossa literatura um character peculiar, e para nos assegurar num futuro próximo uma intervenção salutar na marcha de cultura dos povos peninsulares".

Depoimento notavel, o que acabamos de reproduzir, apesar dos preconceitos mentais que por vezes lhe obliquam a visão, ele vinca já nitidamente aquilo que é a linha propria e intransmissível da nacionalidade portuguesa. O leitor separará sem custo o que ha de *accidental* e de *essencial* no testemunho de Moniz Barreto. Moniz Barreto, como Oliveira Martins, suspreendidos com as afinidades que de perto nos prendia á Espanha restante, não acharam outra explicação para a nossa existencia como patria senão a do factor — Acaso. Hoje, desde o campo geográfico ao campo étnico, Portugal justifica a sua génesse por motivos fundamentados e bem evidentes. No campo geográfico, sobretudo a influencia do Oceano; no campo étnico, a verificação da quele velho antagonismo entre lusitanos e celtíberos, que os analistas clássicos registam e que, no seu belo e recente trabalho acerca de Viriato, o sabio exumador das ruínas de Numancia, dr. Adolfo Schulten, definiu penetrantemente de *obstinação ibérica*.

O que se conclue daqui, como lição irrefragavel, é a dupla feição do "genio peninsular" na sua unidade profunda e na sua profunda universalidade. O erro absorcionista que destruiu o admiravel paralelismo politico do seculo XVI e que Felipe II ainda pretendeu salvar com a sua monarquia dualista, — esse erro, levando-nos ao divorcio espiritual e ao desentendimento material, motivou o crepusculo no mundo, tanto de Espanha, como de Portugal. Mas, justamente pelo amor do "absoluto", em que o criticismo de Moniz Barreto aponta um defeito, o nosso primado não se apagou de todo. Do alastramento da concepção lirica da Vida, tão nossa, tão lusitana, propagada á Europa, principalmente pelo bucolismo de Jorge de Monte-Mor, derivou, como categoria espúria, a psicose romantica, — a convecção naturalista do seculo XVIII, — Jean-Jacques Rousseau, a Revolução. No *Quijote*, como filosofia da Existencia, entronca pelo mesmo desvio adulterino, o pessimismo materialista do seculo findo, a metafisica de Kant — e o bovarismo das democracias burguesas e plutocraticas. Embora diminuido e pervertido, a Idade-Moderna vive, nutre-se duma projecção do "genio peninsular" — tal é a força invencível da sua predestinada natureza apostólica!

A ARTE PORTUGUEZA NO BRASIL

O que Portugal expõe, no seu pavilhão de honra da Exposição, exprime no seu conjunto uma tal cultura, um tão elevado grão de perfeição, um sentimento nobre e tão profundo da beleza, uma arte, enfim, tão excelsa e esplendorosa, que ao mais preconcebido se impõe o respeito e a admiração. Os portugueses conseguiram, nesse certamen da bella emulação, alcançar indiscutivelmente o primeiro lugar, merecendo sem restricção os maiores louvores.

A exposição de arte comprehende esculptura, pintura e ourivesaria, sendo que estas duas ultrapassam em valor a primeira.

Convem destacar dentre os trabalhos de esculptura um expressivo busto em marmore de Julio Vaz Junior e o *Caim*, de Teixeira Lopes, que já conheciamos, tendo sido varias vezes reproduzido.

A parte de ourivesaria confirma a superioridade portugueza nessa arte sobre qualquer outro paiz. superioridade secular que a tradição tem conservado através das maiores convulsões e incertezas, porque, escreve o Sr. João Grave em documentada brochura de apresentação, "a verdade é que, sob o ponto de vista da realização, os artistas da actualidade não são inferiores aos doutros tempos, e antes os excedem, muitas vezes, no senso das proporções e da medida, na correcção rigorosa da modelação e do desenho, o que se verificou claramente, observando tanto as modernas peças de mais vulto como as de menor importância." Nessas preciosas peças, "transportam-se para o metal os elementos architectonicos na sequencia, na unidade, no desenvolvimento que é necessario imprimir aos motivos essenciaes da ornamentação, e na intima relação existente entre as scenas symbolicas ou allegoricas." A arte portugueza attinge

á uma subtilidade que parece chega a transformar a propria materia lavrada. Dir-se-á "que a prata perde a sua rigidez, tornando-se tão ductil, tão malleavel que se lhe podem imprimir todas as fórmulas. As divindades mythologicas acordadas pelas nobres cinzelagens de rara subtilidade e fino relevo ou as grandes figuras da historia portugueza, que luminosamente se projectam na sombra dos seculos findos, parecem adquirir vida, vibração, sensibilidade, nas evocações do trabalho admiravel."

Entre tantas maravilhas, a "Salva da Batalha" merece especial menção, pela harmonia formal, pela inspiração que nella se patenteia, reflexo de um patriotismo intenso, e que é "um cantico em estrophes gravadas nas duras penhas ao Deus que guiou os exercitos portuguezes ao triumpho."

Esta exposição de pratarias não é aliás completa; falta-lhe ainda uma peça, que chegará talvez a ultrapassar o que ora temos ensejo de admirar. A conhecida casa Antonio Maria Ribeiro, do Porto, afamada no genero, acaba de realizar um trabalho monumental de ourivesaria, denominado "Relicario de Portugal", que brevemente nos será enviado. Quando Leal da Camara formulou a sua poetica idéa de trazer ao Brazil um cofre contendo terra de Portugal, o grande artista Antonio Ribeiro, concebeu e tratou de realizar um cofre precioso, que fosse destinado ao fim em vista, e traduzisse ao mesmo tempo uma synthese expressiva da gloriosa historia portugueza. Este trabalho, no dizer do grande artista que a executou, "foi idealizado para enaltecer a nobre raça a que pertencemos, e fixar, na prata cinzelada, filigranas, marfim e esmaltes, alguns dos maiores episodios da nossa historia, e principalmente a heroica travessia aerea Lisboa-Rio,

como o melhor traço de união moral entre as duas patrias irmãs, servindo tambem de abençoado involucro á sagrada terra de Portugal a offerecer ao Brazil".

A exposição de pintura não lhe é em nada inferior. Embora não seja completa, o que muito lastimamos, pois faltam obras de Souza Pinto, ella constitue uma magnifica affirmação de vitalidade victoriosa. E' se tentado de louvar todos os artistas que nos enviaram suas telas, e não limitar a sua descripção. Todavia, dominam dous retratos de Velloso Salgado, varios quadros de Carlos Reis, entre os quaes o seu admiravel *Baptizado na aldeia*; a vigorosa tela de J. Ribeiro Junior, o *Barco em perigo*, dramatica e empolgante, e tantos mais acima dos quaes fulge o nome de Columbano. Os retratos de Columbano bastariam para dar a Portugal o primeiro lugar nas exposições artisticas do nosso certamen internacional. Dão-nos a medida da alma artistica luzitana, pertencendo á grande familia nacional pela psychologia aguda que exprimem, pelo seu realismo profundo, penetrante, que analisa e dissecam com tanta minucia, e tanto requinte que chega a alcançar a essencia da materia viva, que é a propria vida. Columbano, digno filho da gloriosa geração pictural portugueza, possui a mesma força investigadora, a mesma agudez visual, a mesma synthese realizadora que tinham seus antepassados espirituales, chegando a levar essa sciencia extraordinaria que lhes é propria, além dos limites attingidos, onde a precisão rigorosa chega a se confundir com o vago. Dahi essa selecção nos valores, essa quasi imperceptivel deformação, e se discernimento subtilissimo no intensificar certos elementos, para maior força, expressão, (e sendo expressão: — verdade), fazendo desse representante typico de uma grande raça de pintores, um moderno.

No meio dessas maravilhas contemporaneas brilha uma velha joia, embellezada por mais de quatro seculos de admiração universal. Portugal offereceu ao Brazil, no jubileu da sua maioridade, a replica de uma das suas mais bellas obras de arte antiga, — realizada pelo grande pintor Luciano Freire, sobre o *Triptico do Infante*, do genial Nuno Gonçalves. Este presente, além de ser uma manifestação de belleza, é uma expressão nacional. A veneranda obra do grande Nuno tem para nós o mais alto significado. E' como um testemunho de um passado fertil em glorias, em belleza, em vontades varonis de que a descoberta do Brazil, fructo do esforço esclarecido do Infante Don Henrique, é o coroamento maravilhoso. O *tripptico*, lembrando-nos essa era luminosa, servir-nos-á de precioso ensinamento esthetico na nossa pobreza artistica e na carencia de obras que nos constituam a indispensavel atmosfera, sem a qual não ha cultura verdadeira. Dar-nos-á a medida do que pôde ser a nossa raça, nessa tela sem igual do Nuno que foi, como diz tão justamente José Figueiredo, "um naturalista que via com os olhos da face e com os olhos da alma." Não podiamos receber mais bello e significativo presente do que esse soberbo painel que Guerra Junqueiro definiu: — os Luziadas da pintura.

A exposição de arte portugueza, victoriosa affirmação, vem encher de legitimo orgulho a todos os verdadeiros brasileiros, que não querem renegar o glorioso sangue que lhes corre nas veias.

Sinónimo portanto, de Latindade e, consequentemente, função historica e social do Catholicismo, o "genio peninsular" é a fonte legitima do unico imperialismo pacificamente civilizador, porque é um *imperialismo animico* — *uma soberania espiritual*. Dispersos e fragmentados pelas duas margens do Atlantico, não ha forma nenhuma de sociabilidade superior que nós não tivéssemos gerado e executado. Com iluminada inspiração, exclamava Ruben Dario!

"Yo soy el caballero de la humana energia!"

Cavaleiros da humana energia, espanhois e portuguezes ampliaram os roteiros da civilização e fôram, nas fumaradas das batalhas e nas gáveas das naus, os seus adiantados — mores. Regidos pelo mesmo denominador-comum, — a Madre-Hispania, afirmaram perduravelmente um tipo inconfundível, — o tipo "hispanico", em que Camões, na pujança dos seus sentimentos nacionalistas, nos inseria sem desdouro, ao chamar-nos "*humo gente fortissima de Espanha*" e ao considerar o nome de Afonso "*nome em armas famoso em nossa Hesperia*". Achava-se Camões dentro duma realidade que se esvaíu para nós, hoje isolados na nossa pequenez, sem que saibâmos o tesouro que trazemos dentro de alma! Essa realidade resurge dos limbos da historia e é a América que nos impõe o dever de despartar-mos para ella.

Como, na verdade, "*el espiritu se ensancha*," — escreve um moço publicista argentino — *quando mira que desde los Pirineos a Magallanes y desde Magallanes al Rio Grande se acota en el mundo y con el Gran Oceano como mare nostrum, todo el contenido territorial de la civilización hispánica* (Francisco Silva. *Reporto de America Española y Pan-Hispanismo*, Madrid.)" Esta é a definição perfeita do "*hispanismo*", — este é o significado elevado e nobre de "Espanha", como Camões o entendia com eco ainda na sensibilidade agudissima de Garrett. Recolhamo-lhes nós a herança, restaurando o antigo patriotismo moral e mental da raça hispânica, que é tanto portuguez como catelhano! De novo a existencia da Peninsula se torna o centro duma directriz mundial. No estremecimento de catástrofe em que a Europa se perde, arrastada para o abismo por chefes incapazes, é para a Peninsula, com Maurras e Barrés por conductores, que se voltam as esperanças desfalecidas da Latindade. A vocação apostolica das duas patrias peninsulares resuscita-a a eminencia afflictiva do perigo. Abram, confiados os *Lusiadas*! E como, depois das Descobertas e ás vésperas gloriosas de Lepanto, repita-se exortadoramente com o Épico:

*"Eis-aqui se descobre a nobre Esponha,
Como cabeça ali da Europa toda."*

António SARDINHA

Luis Annibal FALCÃO

A EVASÃO DA AGUIA

Num dos capitulos da *Brava Gente*, o Sr. Elysio de Carvalho, compilando J. A. Ferreira da Costa, Mello Moraes, a correspondencia de Castlereagh, Walter Scott, Hyde de Neuville, Fr. Masson, lord Rosebery e outros, fez um historico interessante e completo da acção indirecta que teve o prestigio de Napoleão sobre alguns acontecimentos regionaes no Brasil e sobre um projecto de arrancar a aguiã aos rochedos de Santa Helena, projecto que apoiaram os revolucionarios pernambucanos de 1817.

O merito do Sr. Elysio de Carvalho é ter dado a esta questão uma forma que parece completa e definitiva.

Em 1801, se descobriu o plano de uma vasta conspiração, tramada em Pernambuco e outras provincias do Norte, com o fim de proclamar a independencia do Brasil, creando-se um grande Estado republicano. Suspeitou-se então que... era decididamente protegida pelo primeiro consul, Napoleão Bonaparte, tanto mais que os successos de Pernambuco coincidiã exactamente com uma serie de actos de hostilidade por parte da França contra Portugal." Aberta larga devassa, foram presos, entre outros, os irmãos Cavalcanti de Albuquerque, sendo apurado que a viagem realizada naquelle tempo por Manoel de Arruda Camara a Lisboa se prendia á conjuração, assim como a de Paulo Albuquerque Montenegro a Buenos Aires e a Nova York.

Final, os implicados tiveram meios de escanar das malhas da devassa, que não colheu contra elles sufficientes provas de culpa.

De 1801 a 1817, uma larga propaganda continuou a ser feita em prol da Independencia. Essa propaganda principiada no 'Aeropago', sociedade politica secreta que fôra supprimida com a denuncia da conspiração, continuou nas lojas maçonicas ás quaes se afillavam todos os elementos nativistas e reaccionarios. Desde 1814, a chegada de Domingos José Martins, que frequentava as confrarias maçonicas de Londres e os clubs do general Miranda, embaixador da Revolução de Venezuela, foi a origem da segunda conspiração. Fomentada sob os olhos de Caetano Pinto de Miranda Montenegro, governador da Capitania em 1815 e que gostava de ver os mações "se divertir", arrebatou depois dos acontecimentos da festa da Fstancia e do assassinato de Barboza de Castro.

Emquanto o marechal José Roberto era conduzido á fortaleza do Brum e que Olinda era tomada sem resistencia, a republica era proclamada com o governo provisório composto do padre Ribeiro Pessoa, de Domingos Theotônio, de José Luiz de Mendonça, de Manoel Corrêa de Araujo e de Domingos José Martins.

Na impossibilidade de ficar isolado e esperando a reacção da dynastia, o governo provisório procurou o auxilio e a sympathia das outras provincias e do estrangeiro, enviando Antonio Gonçalves da Cruz aos Estados Unidos, o negociante inglez Kesner a Londres, Felix José Tavares de Lima a Buenos Aires, Falcão de Lacerda a Fernando de Noronha e o padre Roma á Bahia.

O enviado dos revoltosos aos Estados Unidos tinha por missão não só conseguir de Monroe o reconhecimento da nova republica, mas ainda de adquirir armas e munições e alistar voluntarios que quizerem participar á independencia e á liberdade dos povos sul-americanos. Depois da queda de Napoleão numerosos officiaes de seu exercito tinham se refugiado na America no Norte, e Ferreira da Costa avalia em dez mil o numero total de immigrados francezes neste lado do Atlantico.

Se Antonio Gonçalves da Cruz não conseguiu o reconhecimento diplomatico, obteve pelo menos a nomeação de um

consul sympathico á causa pernambucana e dedicado aos Bonapartistas, assim como a remessa de munições.

Não é de admirar que os partidarios do Imperador desthronado tenham immediatamente tratado de tirar partido das circumstancias para preparar a fuga do genial preso.

Que este projecto tenha germinado e conseguido um principio de execução, isto não offerece duvida. Emissarios bonapartistas como Doulcet de Pontécoulant, Latapie e Raulet foram enviados por José Bonaparte, para 'syndicar' acerca do movimento, ao mesmo tempo que preparava uma flotilha para realizar a evasão do imperador francez.

Sorpreendidos pelo fracasso da revolução, denunciados a Luiz do Rego Barreto, não puderam se entregar á propaganda, não mais que Letaneur e Charles le fils desembarcados do brique 'Les trois frères' na enseada do Parasinho, no Ceará, em dezembro de 1818.

No seu trabalho, o Sr. Elysio de Carvalho não me parece ter elucidado dois pontos particularmente interessantes: 1º, o porque das sympathias dos conspiradores de 1801 por Bonaparte; 2º, o contraste que forçosamente devia offerecer a opinião que os leões do norte de 1817 tinham do conquistador com a que seus predecessores podiam se formar do signatario da paz de Campo-Torneio, da paz de Luneville, assignada na mesma época em que rebentava o movimento separatista, e do futuro tratado de Amiens já discutido desde o principio de 1801 entre Ott e lord Harokesbury.

O papel de Bonaparte sob a Revolução é fluctuante e turvo. Sob a dominação de Robespierre, escreveu o "Souper de Beaucaire" exaltando a "Montagne"; depois renegára o tyranno e varrera, no dia 13 de vindimiaria, a canalha da rua com os canhões collocados no adro de São Roch. Mas, depois, todos seus actos podiam fazel-o julgar amigo da ordem, da liberdade e da paz. Durante a campanha de 1797, creara a republica Cisalpina, precedente que devia calar na mente das "Suassunas" e de Arruda Camara. Não apparecia ainda como insaciavel conquistador, mas como defensor de seu paiz cercado por uma formidavel coalisão de soberanos decididos a estrangular a revolução e suffocar a liberdade. No proprio dia 18 de brumario, Bonaparte ao sair da garra dos Deputados dizia aos soldados hesitantes, reunidos em redor do Conselho dos Quinhentos: "Ta lhes indicar os meios de salvar a Republica e quizeram-me assassinar." Foi aos gritos de: Viva a Republica que a soldadesca expulsou da sala os representantes peados nas togas que jogavam e rasgavam para correr mais depressa. Assim o consulado apparecia ainda como um dos avatares da Revolução, e uma republica americana, protegida pelo vencedor dos reis, pelo homem que acabara com os excessos revolucionarios sem attentar á conquistas liberaes de 1789, que restabelecia o credito da França, tolerava a volta dos emigrados e ia assignar a concordata, não podia ser considerada como uma utopia.

Em 1817, a experiencia estava feita. Administrativamente, a obra de Napoleão não offerece uma falha. A constituição imperial é um monumento do tino politico de um homem que chegou a conciliar o exercicio do poder absoluto com as apparencias do constitucionalismo. O Código Civil vivera eternamente. O decreto que rege a "Comédie Francaise" assignado no periodo cruel da campanha da Russia não foi ainda abrogado, e a

nota expedida no Havre, a 29 de maio de 1810, continúa a ser o estatuto fundamental do Banco de França.

A politica exterior do Imperio offerece pelo contrario o aspecto de uma falta completa de concatenação. Que queria Napoleão? quando e onde pretendia parar? Depois do tratado de Amiens a França obtivera tudo que podia legitimamente desejar, estava em paz com a Europa inteira. Teria conseguido Napoleão manter essa paz máo grado as machinações britannicas? talvez não. Foi, porém, elle o primeiro a provocar a ruptura por sua ingerencia nos negocios da peninsula e da Suissa. Como declara P. Lanfrey: "uma conquista era apenas para elle um marco atrás de que preparava nova conquista." As instruções de Talleyrand a Ott falam da reconstituição do Imperio de Occidente. Ao assignar a paz de Telsitt empregava a mesma linguagem deante de Alexandre a quem elle estava disposto a deixar o Imperio do Oriente. Mais tarde quiz também conquistar esse. Mesmo quando, pela notificação de Francfort, os Alliados offereciam ao vencido de Leipsick e das Arpiles os limites naturaes do Imperio: Rheno, Alpes e Pyreneos, elle hesitou compromettendo assim definitivamente o throno.

Tudo isso, os conspiradores de 1817 não o podiam ignorar. Bem sabiam de que forma tinha açamado todos os protestos, desterrado todas as opposições, algemado todas as vontades. Não ignoravam em que consistia a autonomia dada aos reinos e principados creados por elle para os Napoleonicos e que despotismo exercia sobre cunhados e irmãos, despotismo que fizera revoltar-se o rei da Hollanda.

De parte a parte as sympathias deviam ser pequenas e dominadas pelo interesse. Os revoltosos queriam homens e munições, os bonapartistas uma base para preparar a evasão. No correr do processo feito depois de frustrado o audacioso plano, o consul americano Ray argumentava ter sido provado que Latapie, Raulet, Pontécoulant, Artong e os demais tinham vindo ao Brasil com o unico proposito de libertar Napoleão de Santa Helena, e não com o de agitar ou converter o paiz á republica.

Depois da queda de Napoleão o mundo soltára o "ouf" de allivio que elle mesmo prognosticára ironicamente, no auge do poder, deante dos cortejos atonitos.

Não só depois da substituição de Cockburn por Hudson Lowe, a vigilancia exercida em Santa Helena e em redor não permittia a evasão do prisioneiro, mesmo o roubo de seu cadaver, mas elle mesmo sentia bem que, conseguindo fugir, não escaparia ao punhal e que apagaria o resplendor que devia se formar em redor de seu nome. Assim, como diz o sr. Elysio de Carvalho: "o grande homem, que tinha um singular conhecimento da historia e da psychologia humana, transformava seu martyrio numa lenda que devia servir ao advento de Napoleão II, o pobre e misero "Aiglon", que se definhava em Vienna, e a sua dynastia, que sossobrou definitivamente com Napoleão III".

Ao entrar no museu de Versailles depara-se com a admiravel estatua de Vela "Gli ultimi giorni" que figurou na Exposição Universal de 1867 e foi comprada pelo governo para figurar no mesmo palacio em que as telas de Gros, de Philippoteaux, de Conder, de Isabey, de David, de Horacio Vernet, de Rouget, de Gerard celebram as glorias do dominador.

Não conheço nada de mais pungente do que, depois de ter percorrido as galerias e salas em que, nas sumptuosidades das côres e no agrupamento pom-

O Symbolismo na architectura religiosa da idade media

Assim como a organização civil dos Romanos offereceu aos chefes barbaros as bases dessa mesma sociedade que elles reorganizaram sobre o imperio extincto, recebendo num curioso contraste a influencia assimiladora dos vencidos — como seja o exmplo admiravel de Cassiodoro, que como Ministro de Theodorico orientou-o, legando uma tradição mais pura a alma nova que nascia com o Christianismo, — assim tambem nas Artes os monumentos salvos dos furores desses mesmos barbaros, foram os unicos modelos que durante muito tempo serviram de moldes artisticos aos constructores e architectos da Idade-Média. Nenhuma originalidade os caracterizou, nem tão pouco por entre elles passou um sópro sequer de idéas novas trazidas logicamente pela convulsão social que acabavam de produzir. Selvaticos, elles ficaram estatelados e aturdidos ante a grandeza moral e material do inimigo que acabavam de vencer; e a impressão que, na verdade, se tem, é que, cegos e desvalrados, entraram pelo mundo romano, só parando ou estacando á sua furia, a sua carreira allucinada, quando, perplexos e confundidos, já se achava no interior do Forum, sem que pudessem, todavia, avaliar as consequencias de seus actos nem o valor do que lhes cahira nas mãos...

Assim foi por muito tempo: uma verdadeira paralyzação de idéas, mantida de parte, reciprocamente — pois que, se os Barbaros paralyzaram ante o esplendor decadente dos Romanos as unicas forças que ainda lhes restavam, — estes, os Romanos, amortearam quasi que instantaneamente ao choque brutal desse ultimo embate, todas as suas forças vitaes. Nada nos affirma melhor a veracidade de tão lamentavel estado de cousas, como a arte, que em suas mais pobres revelações deu-nos, num pequenissimo numero de ruinas, a mais flagrante prova dessa impotencia desconsoladora, levemente occultada por palliativos grosseiros e anodinos, e que, indifferentes aos antigos methodos do verdadeiro classicismo, seguiam inconscientemente já, as suas sensiveis tendencias para o orientalismo bysantino que viria positivar mais tarde as fórmas gothico-feudaes.

Resultante naturalissima de um choque social tão grande quanto o da queda do Imperio Romano, essa desorganização com que a Idade-Média iniciou os seus primeiros passos na Europa,—só do X seculo em diante, é que deixou se definirem as expressões caracteristicas que não podemos deixar de reconhecer ás artes medievas. E ainda, por sobre a ignorancia geral e a falta absoluta de gosto que imperava, perpassava, tambem, pela Europa, desse momento historico, um "frisson" gelido de fatalismo provocado pela idéa bizarra de que o mundo teria o seu fim no anno 1.000. Dahi a inconstancia, a despreocupação e a falta de cuidado com que tratavam as idéas mais essenciaes da vida, abysmados como se achavam em guerras e revoluções fratricidas, como se para o cahos aberto pela sua queda, esse mesmo Imperio Romano tivesse arrastado toda a Europa.

Era, todavia, a transição.

Durante essa transição, isto é, do IV seculo ao X seculo, ou ainda, — do esphacela-

poso dos uniformes de officiaes e grandes dignatarios, se evocam os triumphos militares e as solemnidades da coroação, da distribuição das aguias, do segundo casamento, contemplar, na pallidez do marmore, as feições emaciadas do conquistador derreado sob o peso do destino. Descansando na almofada que segura o espaldar da poltrona, tendo nos joelhos envolvidos no cobertor o mappa da Europa, deixa vagar no espaço o olhar desanimado. — Enquanto elle agonizava assim no rochedo oceanico, a lenda do "petit caporal" ia rejuvenescendo a tragica figura do homem que immolou tudo á propria gloria.

O maior enigma da vida de Napoleão reside no conjunto de qualidades e de defeitos, de acções deslumbrantes e de crimes que impedem de formar a seu respeito um julgamento ponderado e fazem incessantemente hesitar a alma entre a admiração e o odio.

D'O Jornal, 3 de Janeiro, 1923.

cantador: "son toit est le symbolé de la chamente da velha Roma ao inicio das primeiras Cruzadas, — é que, entretanto, se coligiram verdadeiramente os materiaes com que, mais tarde, o espirito constructor de europeu fundamental para sempre os caracteristicos que definiram a architectura religiosa da Idade-Média, porquanto as riquezas moraes e materiaes reunidas pelo clero e amparadas pelo feudalismo, cujos "senhores", submettidos ao poder unico da igreja, favoreceram-na com toda a sua autoridade obrigando-se a si mesmos e a seus vassallos a contribuirem para a formação dos elementos que vieram dar vida a essas construcções gothicas, como synthese material, corporificação dos mesmos ideaes que surgiram com o alvorecer do X seculo, consolidados pelo dogma gothico de pedra que dominou todo o horizonte intellectual da Idade-Média, idade de ouro do Christianismo. Assim acolhidos e levados á effeito com a exaltação mystica do espirito religioso que a tudo dominava, esses ideaes deram corpo a fórma essencialmente symbolica da architectura medieval, sob a influencia de tres elementos primordiales: 1º a imitação das architecturas romana, neo-grega e oriental. — 2º as idéas mysticas e as conveniências da pratica e do rito, e 3º, finalmente, as necessidades ambientes de clima e de raça (1).

E' assim que todo esse symbolismo da fauna e da flora architectonica que o gothico nos apresenta, traz o senso mystico e religioso das crenças que orientavam o pensamento de então, como se nelle — symbolismo — realmente residisse a expressão maxima e transcendentalissima de uma concepção toda material da Theologia.

De facto: no seu conjunto e predisposição total, as igrejas gothicas procuravam copiar sempre a mais "étonnante cathedrale qui est la nature même" (2), revelando nos seus insignificantes detalhes toda a delicadeza das vegetações, assim como toda a bizarría das fórmas faunescas. A natureza ahí, se manifestava na simples intenção do motivo decorativo, ou antes bem poderiamos dizer como o subtil abbade Piomb: "tout est dans cet edifice: les Ecritures, la Theologie, l'histoire du genre humain resumée en ses grandes lignes; grace á la science du symbolisme on a pu faire d'un monceau de pierres un macrocosme... le repertoire le plus colossal que soit de ciel et de la terre, de Dieu et de l'homme." E eram então, especificados com um desigualavel amor a minuciosidade, os minutimos detalhes que cada lenda ou historia de santo ou santa reunisse, por mais descabidos e inverosímeis que fossem. E' que a Idade-Média exprimia pela architectura o seu mais intimo pensamento. As cathedraes de Pariz, Saint-Denis, Reims, etc. dizem mais cousas que longas exposições verbaes ou escriptas. A pedra ahí se anima e espiritualisa sob a ardente e severa mão do artista. (3)

Toda a anormalidade pathologica do mystico christão, se revelou mesmo no prosaismo frio da pedra. O espirito visionario e doentio dos artistas, — que em sua quasi totalidade eram frades, — procurava incessantemente materializar as suas visões, por mais extraordinarias que fossem, dando corpo e fórma aos ideaes de suas imaginações fertilissimas. (4) Alguns, todavia, tinham um senso artistico e um espirito tão harmonioso que as suas ideas vinham sempre com um cunho de graça maravilhosamente ingenua e infantil, como na que — por exemplo — em todo o seu mysticismo emocional, imaginavam esse mesmo edificio como "un immobile esquif dont les mats sont les fléches et dont les voiles sont les nuées que le vent cargue ou depluie selon les jours... l'éternelle image de cette barque de Pierre que Jesus guidait dans les tempêtes"...

Outros, mais capciosos, como São Milltão de Chartres, levavam mais longe o seu symbolismo magnificente, considerando a igreja no seu sentido figurado, como a imagem a mais perfeita do senso moral e espirital da Religião catholica, pois que na sua feitura, entravam todos os elementos essenciaes da vida universal e social. Então consideravam no seu detalhismo admiravel e enrité que couvre une multitude de pechés: ses ardoises, ses tuiles, sont les soldats e les chevaliers qui defendent le sacuaire contre les païens parodiés par les orages; ses pierres, qui se jalent, diagnostiquent, d'après Saint-Nil, l'union des ames, et selon le Rational de Durand de Mende, la foule des fidèles, les pierres les plus fortes manifestent les ames les plus avancées dans la voie de la

perfection qui empechent leurs soeurs plus faibles, interpretées par les plus petites pierres, de glisser hors des murs et de tomber; mais pour Hugues de Saint-Victor, moine de l'abbaye de ce nom, du XII siecle, cet assemblage signifie plus simplement le melange des laines et des cleres" (5). Outros liturgistas, ainda, nos faziam ver nas suas exegeses monumentaes, que as columnas interiores do templo significavam os dogmas divinos, ou segundo o mesmo Durand de Mende symbolizavam "Les Eveques et les Docteurs"; e que os degrãos do altar eram os da perfeição, o que os dous côros alterados do absyde eram os dos Anjos e os dos Justos, que congradados erguiam juntos as suas preces e os seus canticos á eterna gloria do Senhor.

E assim continuavam elles numa mui graciosa e complicada allegoria de detalhes, começando pelas quatro grandes muralhas da basilica que, segundo alguns liturgistas representavam as quatro virtudes prindipaes da religião, a Força, a Justica, a Prudencia e a Temperança, "de já configurées par les quatre parois de la Cité de Dieu dans l'Apocalypse", e terminando pelas janellas e pelas portas, — sendo as primeiras o emblema symbolico de "nos sens qui doivent être fermées aux vanités du mond et ouverts aux dons du Ciel". — e as ultimas, que geralmente comprehendiam as tres portas principaes da fachada, symbolizando então a propria Santissima Trindade, que acolheria benevolamente sempre a todos os que entrassem. Terminava, finalmente, tão maravilhoso e estupendo idealismo symbolico, pelas duas torres, que na disposição geral do edificio, symbolizavam dous braços erguidos numa eterna attitude de supplica e de prece.

Mas, como interpretariam elles o symbolo, para que dessem uma tão alta significação a toda essa allegoria religiosa ou mystica? Segundo Littré, o symbolo "est une figure ou une image employée comme signe d'une autre chose"; os liturgistas, entretanto, dizem com Hugues de Saint-Victor, que o symbolo na architectura religiosa é a representação allegorica de um principio christão sob uma fórma sensivel. Ora, o symbolismo existe desde a origem do homem; todas as religiões o adoptaram, e na religião christã elle floresce com a *Arvore do Bem e do Mal* no primeiro capitulo da *Genese*, e vem até o ultimo capitulo da *Apocalypse*. A sua origem não tem nada de obscura; nasceu da necessidade logica e fundamental de uma representação material que melhor fixasse a idéa. D'ahi a curiosa interpretação do Divino Espirito Santo pela pomha symbolica cuja pureza espirital condiz com a alvura de sua plumagem; dahi a interpretação da passividade feliz, da mansuetude do crente, pela figuracão symbolica do cordeirinho. Por fim, verificaremos que o proprio Christo, segundo Renan, enunciou o principio desse mesmo symbolismo da Religião catholica, affirmando aos Judeus, que o templo era o seu proprio corpo. (5).

Como se vê, para uns o symbolismo excedia o proprio idealismo de suas convicções, enquanto — para outros — a graça e a tendencia normalissima para o bello, induzia-os a um symbolismo mais sereno.

Comtudo, eram sempre admiraveis na materialização de suas ideas. E por isso mesmo é que a architectura gothica, que fez succeder aos templos de marmore da Grecia, as linhas suaves e nurrissimas da rectilinia hellez pagã, pelo filigranado tosco finissimo das cathedraes nas quaes os monjes esculpiam com a mesma algidez do proprio granito, a severidade dos seus ideaes e a austeridade de sua fé, — veio — veio dar um golpe de morte nesse senso illogico que procurava afastar o crente de todo e qualquer contacto com a natureza: o gothico revelou, sem duvida o fundo nanthelsta desse mesmo mysticismo — christão.

" Hermes da Fonseca FILHO

- (1) — Merimée: *Essai sur l'architecture religieuse du moyen-âge*.
- (2) — Michelet: *Moyen âge*.
- (3) — Broquelet: *Nos cathedrales*.
- (4) — Michelet: *Moyen âge*.
- (5) — Huysmans: *La cathedrale*.
- (6) — Ruskin: *The bible of Amiens*.
- (7) — Huysmans: *La cathedrale*.

CANDÊA DE ARGILA

Os Lampyros de Silva Leal

De José da Silva Leal é o romance *Os Bandeirantes*, em tres volumes, que o autor chamou "Chronica do Ultramar". Livro curioso, e já hoje raro, foi impresso no Porto em 1867 e sahiu da Typographia do Commercio. Trata-se de uma das varias tentativas de romance historico brasileiro que surgiram em Portugal no decennio de 1860 a 1870. As outras de que temos noticia foram: a de José da Silva Mendes Leal Junior, autor do *Calabar*, estampado em 1863, em cinco volumes, que se editaram no Rio de Janeiro, e a de Pinheiro Chagas, que publicou em 1866 a *Virgem Guaraciaba* e *A conspiração de Pernambuco*, sendo que Mendes Leal annunciara o *Santa-nejo*, *Bartholomeu Bueno*, *O Bandeira e Frei Tigre*, que, parece-nos, não passaram de projecto. Todos esses ensaios mais ou menos mediocres, não resistiram á critica, e jazem sepultados sob a poeira das bibliothecas, salvante o romance de Pinheiro Chagas, que ainda recentemente teve nova edição. A mais mofina dessas obras de fancaria, escriptas sem sinceridade artistica por autores ignorantissimos dos nossos costumes, usanças e paisagem, é o do primeiro dos Leaes, que, sem embargo, pretendeu ser o Cooper da America brasileira. Com effeito, *Os Bandeirantes* são um livro insulso, mofino, sem nenhum brilho, e, o que é mais, falso e muita vez de uma pasmosa ingenuidade, que póde ser tambem má fé. Falando da nossa natureza luxuriante, bizarra, esplendida, escreve Silva Leal a pagina 140 do volume I: "Mal poderá imaginar o que são as selvas de taes regiões quem lhes procurar termo de comparação nas nossas bastas e frondentes espessuras. Não ha Bussaco ou Arrabida que se lhes approxime. Fallecem as expressões para descrever e levantar em imagem a sumptuosa confusão, a magnificencia, o esplendor, a exuberancia a variedade daquella vegetação incommensuravel e profusa. As plantas são arbustos; os arbustos são arvores; as arvores são colossos. Um viajante, o principe de Wieuwied, achou vinhaticos ao coruto dos quaes não chegava o alcance da sua espingarda; o outro, Humboldt, mediu palmeiras de 180 pés de altura; outro, Freycinet, computou o numero destes gigantes florestaes em 80 por cada quarto de legua quadrada". Na descripção das singularidades da nossa terra cahe elle, porém, em erros terriveis e enganos lastimosos, e alguns desses dislates provocam o riso. A pagina 280 do referido volume, ha este trecho, em que os nossos privilegiados coqueiros são confundidos com os nossos famosos jequitibás: "Sahia-se das trazeiras desta para uma alameda de coqueiros opulentos, dos designados com o nome de jequitibác, cujo fructo, como o da sapucaya, é fechado de uma tampa natural, que facilmente se despega na época da maturação." Não é tudo. No volume II, a pagina 95, quando se refere aos pyrilampyros de nossas florestas, diz que para elles "parece do molde o pompom endecasyllabo da Cynthia:

Immensos, fuzilantes vagalumes!

porque eram a lampada providencial do deserto, e bastavam para fazer distinguir

os objectos no estreito recinto. E, para rematar o seu espanto, acrescenta, em nota, no mesmo local, que "o Padre Du Festre conta que á luz de um só destes lampyros lia o seu breviario", o que Ferdinand Denis confirma, diz elle. Tal péta não lembraria ao imaginoso e lendario Malazarte, que, positivamente, não foi quem descobriu no Brasil a *arvore das patacas*. Isto é alguma mais que disparate ou excesso de imaginação, e o leitor, se e curioso, poderá descobrir outras maravilhas nos tres alentados tomos com que Silva Leal opulentou o *sottissier* universal.

Uma carta inedita de Herculano

A carta que adeante se traslada, foi dirigida por Alexandre Herculano a Faustino Xavier de Novaes, então residente nesta cidade. É datada de Maio de 1862, provavelmente da quinta de Val-de-Lobos, e conservou-se até o presente inedita. Trata-se de documento precioso por muitos aspectos, e nelle se reflecte, como num espelho, o grande, forte e lucido espirito do homem que foi considerado, com exactidão, o primeiro historiador portuguez. Para a biographia de Herculano, é subsidio valioso, como se vai ver.

"Illmo. Amigo.

Conservo na lembrança o que ha muito lhe escrevi sobre o estado e as tendencias do meu espirito. Se ha cousa que hoje me repugna são os cuidados litterarios e politicos, cifrando toda a minha ambição em ser esquecido na vida, se é que tenho a desgraça de não o vir a ser depois de morto. Um monge da primitiva Thebaida não era mais rico de desenganos, nem tinha maior tedio ao mundo: restava-lhe a elle uma cousa que me falta a mim, e que suppero com mais affeição as cousas singelas da natureza rustica do que elle tinha. O pouco que me occupo em pensar dedico-o exclusivamente á choupana e ás arvores da minha Thebaida. Devia acreditar-me quando lhe disse isto; mais devia-o acreditar ainda mais depois das provas que tenho dado da minha verdade. Tem visto na imprensa politica ou na litteraria alguma cousa minha nos ultimos tres ou quatro annos? Apenas muito importunado tenho consentido que num ou noutro jornal ponham o meu nome entre os collaboradores *possiveis*; mas o publico já está desenganado do valor de taes listas de nomes. Riso e eu tambem. Desengane-se de que o seu jornal ha-de valer por si se quizer viver. Não ha-de fazer esse milagre com artigo mais ou menos chôcho de um homem cujo tempo passou, e que vá tranquillo ir andando por diante d'elle o proprio enterro litterario. Não sei que parvo dahi disse, não sei em que jornal, que eu ia deixar de ser homem de letras para ser hortelão. O pobre animal não comprehende nem as tempestades da vida, nem a paz que tem a solidão. Tive dó do pobre tapuia! Provavelmente é um desses expantosos poetas que expreme de si a terra de S. Cruz. Se eu commetter algum dia o peccado bestial de escrever alguma cousa que possa servir para um periodico tal como o seu, mandar-lho-hei ficando completamente indifferente a que o publique ou rasgue; mas comprometter-me a commetter em meu juizo e de caso pensado essa especie de sodornia ou

de parricidio é o que não faço. No mais disponha de mim que sou seu am.

Herculano".

Armitage e Evaristo

Acerca da verdadeira autoria da *Historia do Brasil*, de John Armitage, que durante algum tempo, e sem o menor fundamento, foi attribuida a Evaristo da Veiga o fulgurante jornalista da *Aurora Fluminense*, é depoimento valido a seguinte resposta do brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, conhecido e respeitavel estudioso de assumptos brasileiros, transmittida a algum que lhe consultara sobre o caso, e a qual se acha exarada num papel que se suppõe do proprio punho e inedito:

"A' pergunta, "que gráo de veracidade ha na crença geralmente aceita de que a *Historia do Brasil*, de John Armitage, é escripta por Evaristo Ferreira da Veiga, como ordinariamente se affirma", respondo-se: Em 1829, tendo assento na Camara dos Deputados pela Provincia de S. Pedro, conheci a Evaristo, que, como redactor da *Aurora*, admittia em sua casa, e em suas palestras aquelles que partilhavam as idéas liberaes, e apreciavam a justesa dos seus pensamentos, seu corajoso civismo e estrema dedicação pelas liberdades patrias, de que deu innumeraveis provas naquella importante e nunca imitada publicação, e praticamente quando tomou um lugar na Camara. Em 1834, retirando-me da presidencia do Pará, renovou-se aquelle conhecimento e com mais ligações do que antes, por isso que com influencia de Evaristo achei-me collocado á testa da Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional, que sustentou dignamente os direitos do Sr. Dom Pedro 2º ao throno do Brasil. Frequentei eu com assiduidade a casa de Evaristo, ou o seu "telonio", como por irrisão dizia o Visconde de Cairú, e por muitas vezes encontrei-me alli com o Sr. J. Armitage, ou assistindo ás palestras sobre a politica reinante, em que era elle apenas ouvinte, mas circumspeto, e sem pronunciamiento individual, principalmente nas questões sobre administração publica ou no gabinete do erudito escriptor e profundo estadista, conferenciando com elle em *tete á tete*, e tomando-lhe apontamentos sobre assumpto, ignorado então, e que ao depois, e ao apparecimento da *Historia do Brasil*, em questão, póde-se inferir que versavam sobre ella. O conhecimento, que tive do Sr. Armitage, não começou dahi. Já em 1828, quando eu militava no exercito do sul, o havia visto na qualidade de addido á Legação britanica que, por vergonha nossa, teve a incumbencia de negociar a convenção preliminar de 28 de Agosto daquelle anno. Com estas probabilidades ousou avançar, que é infundada a crença admittida, de que a *Historia do Brasil* pelo Sr. Armitage fôra escripta por Evaristo Ferreira da Veiga, como geralmente se affirma; não que ache o menor demerito nessa historia, tão exacta e tão conscienciosamente escripta e formulada e primosamente redigida e cuja mór parte é baseada em factos contemporaneos, que, por assim dizer, ainda *palpitam*; não hesitando em declarar que fôria grande honra a quem quer que a escrevesse, se todavia precisasse dum au-

tor apparecendo anonyma. Dir-se-ha que para crença toma-se a homogeneidade de idéas e pensamentos entre a *Historia* e a *Aurora Fluminense*, a da narração de factos, a das censuras aos actos publico-administrativos, etc., etc., que se vem em ambas as publicações; mas reflecta-se que a *Aurora* é contemporânea da *Historia*, que sendo a doutrina daquella geralmente aceita e applaudida, por isso que era a unica que convinha ao paiz livre, o historiador contemporaneo, que fosse imparcial, consciencioso e sectario das instituições livres, não se devia subtrair a esposal-a, e a fazer mesmo algumas transcripções textuaes, no que não desvirtuava o seu escripto por plagio ou servilismo. E' sim Evaristo, pelo que se conjectura, o digno traductor dessa importante *Historia*; e tanto mais é isso verosimil, quando se vê nessa traducção a elegancia do estylo, o emprego adequado da dicção que lhe eram tão comeseinhos, e que seus trabalhos litterarios o revelam em tanta cópia. — S. Paulo, 9 de Novembro de 1860 — *J. J. Machado de Oliveira*"

Da biographia do autor inglez pouco se conhece. Graças ás diligencias de Eugenio Egas, organisador e prefaciador da segunda edição da sua historia, descobriu-se que nasceu em Fallsworth, a 27 de Setembro de 1807, e falleceu em Manchester, no dia 17 de Abril de 1856. Durante a sua permanencia no Rio de Janeiro, como empregado de uma firma londrina, escreveu a *Historia do Brasil*, de 1808 a 1831, que fez publicar em Londres, em dous volumes. Depois do seu regresso a patria, partiu em 1836 para Ceylão, onde era negociante e membro do Conselho Legislativo, tendo ahi se demorado até Agosto de 1855. E' tudo quanto se apurou. A edição original da sua obra é *The History of Brasil, from the period of the arrival of the braganza family in 1808, to the abdication of Don Pedro the first in 1831. Compiled from State Documents and other Original Sources. Forming a continuation to Southey's History of that country. By John Armitage, Esq. In two volumes. London: Smith, Elder and Co., Cornhill, 1836.* A primeira edição em portuguez é de 1837, estampada no Rio de Janeiro num volume pela Typ. Imp. e Const. de J. Villyeneuve & C., e "traduzida por hum brasileiro", sendo pouco vulgar. A segunda foi organizada e publicada em S. Paulo por Eugenio Egas, em 1914, sem indicação de typographia, que fez trabalho completo, "sem omissão de uma virgula", inserindo os documentos, as notas e os retratos não reproduzidos na anterior.

Relativamente á paternidade da primeira traducção é ainda questão controvertida, que bem merece ser investigada. A opinião corrente é que o trabalho é de Evaristo da Veiga, mas, o Barão Ramiz Galvão (*Cat. da Ex. de Hist. do Brasil* realizada pela Bih. Nac. a 2 de Dez. de 1981, ns. 5.369 e 5.370) insinua ser obra de Joaquim Teixeira de Macedo, conhecedor da lingua ingleza e erudito estimavel, embora modesto, citado por Innocencio (*Dict. Bibli.*, IV 157). O caso continua desafiando á argucia dos nossos investigadores, que prestarão, sem duvida, bom serviço á nossa historia bibliographica, a exemplo do que fez Eugenio Egas, estabelecendo a identidade de Armitage.

O eunuco litterario

Define assim D. Rufino Blanco-Fombona, no seu singularissimo livro *La Lámpara de Aladino*, (Renacimiento, Madrid, 1915, 122), que representa a mais suggestiva autobiographia de quantas modernamente se escreveram, o typo do eunuco litterario: "Entre los seres más abominables cuéntase el envidioso impotente, que, incapaz de producir la hermosura, se place en denigrar las obras ajenas con el odio del eunuco al honesto padre de fami-

lia que cumple su misión social. Y entre estos seres abominables es el más lastimoso, por lo subalterno, ruin y grotesco de sus afanes de roedor, el gazador de gazapos, el critico ratonil de locuciones, el que se coloca detrás de un escritor, con su gramática en la mano y armado de siniestra intención, para disparar sentencias contra diptongos ó cazar adjectivos incongruentes, ya sea con armadizo rudimentario ó con anacrónico chopo de piedra. No es este el más vil, sin embargo. El más vil de los criticones es aquel que, incapaz de creación, como el eunuco litterario; incapaz de dar lecciones, aunque sea de gramática, como el critico ratonil, se rearea en negar la posibilidad ajena de producción y encuentra similitudes del autor á quien censura con un autor de otro pais ó de otro tiempo, y pasa el suyo encontrando parentesco entre hijos de distintos padres á objeto de denunciar casos de prostitución en los más honrados talentos" Ora, essa especie litteraria existe, fructifica e prolifica no nosso paiz, mas com esta differença, que, medrando á luz tropical, sahiu ella mais mofina, mais canalha e mais perversa, e exemplo typico vulgarissimo é o escalracho do *Registro Litterario*.

Uma carta de Castilho (Antonio)

Trascrevemos a seguir uma carta de Antonio Feliciano de Castilho, datada de Lisboa de 12 de Agosto de 1866, dirigida não sabemos a quem, e inédita:

"Illmo. Sr. e querido Confrade:
Apresso-me em agradecer a V. S. o presente do lisongeiro soneto com que me honrara tantos annos ha um desconhecido amigo. Tão novos foram para mim estes versos como o ha-de ser o nome do auctor quando eu o souber. Revele-m'o V. S.; complete o seu obsequio, pois não é V. S. homem para os deixar em meio; e obsequio ainda maior será o apresentar ao digno filho do poeta os meus agradecimentos muito sinceros. Muito folgo com que a Agua no Ovo lhe agradasse. O ovo (e bem ovo) da tal eschola Rosendã é que me parece que chocou e apodreceu de todo. Antes assim. E' bom que as tolices litterarias ou anti-litterarias não sejam como as gramineas de quem diz o Linneu: *Magis calcata, magis multiplicativa*. Continue V. S. a poetar já que Deus o criou para isso e a acreditar nas veras com que seu

De V. S.
Admirador, amigo e servo

A. F. de Castilho"

O original desta carta do Ovidio lusitano, o escriptor que mais se esmerou no trato da lingua portugueza, durante annos guardamos muito carinhosamente no nosso archivo, mas hoje encontra-se em poder de Laudelino Freire, extremado admirador de Castilho.

Epitaphio

Filinto Elysio (*Obrs. Compl.*, Paris, 1817, III, 340) compoz este epitaphio, que, podendo servir a muita gente, reservamos para o tumulo de um certo sarrafaçal, arvorado em critico litterario:

Aqui Fulano jaz. Foi pouca cousa.
Cansado de mandriar, aqui repousa.

Cousas de Indios

No seu ensaio sobre Gregorio de Mattos, cuja primeira edição é de 1894, Araripe Junior escreveu a pagina 17: "O sangue queimado pelo sol tropical desse Brasil, aonde florescia o *parica* indigena e os tupinambás encausticavam os orgãos sexuaes para augmentar as delicias do amor, deu-nos Gregorio de Mattos o *fauno* mais acabado de quantos produziram as terras de Paraguassú" Esqueceu-se, no entanto,

o illustre critico, tão amante da litteratura picaresca e sodatica, de explicar, em nota, de que é copioso o livro, em que consistia a bizarra operação dos tupinambás. A mesma é conhecida e está no *Tradudo descriptivo do Brasil*, obra escripta em 1587 por Gabriel Soares de Souza e publicada em 1825 pela Academia de Sciencias de Lisboa e reimpressa em 1879 por Varnhagen. Constitue a materia do capitulo CLVI abrangendo as paginas 286 e 287 da edição de 1879, *que trata da luxuria destes barbaros*, e não é leitura para donzel ou gente pudica. Eil-o: "São os tupinambás tão luxuriosos que não ha peccado de luxuria que não cometam; os quaes sendo de muito pouca idade tem conta com mulheres, e bem mulheres; porque as velhas, já desestimadas dos que são homens, grangeam estes meninos, fazendo-lhes mimos e regalos, ensinam-lhes a fazer o que elles não sabem, e não os deixam de dia, nem de noite. E' este genitico tão luxurioso que poucas vezes tem respeito ás irmãs e tias, e porque este peccado é contra seus costumes, dormem com ellas pelas matas, e alguns com suas proprias filhas; e não se contentam com uma mulher, mas tem muitas, como já fica dito, pelo que morrem muitos de cafalfados. E em conversação não sabem fallar senão nestas suidades, que comem cada hora; os quaes são tão amigos da carne que se não contentam, para seguirem seus appetites, com o membro genital como a natureza o formou; mas ha muitos que lhe costumam pôr o pello de um bicho tão peçonhento, que lh'o faz logo inchiar, com o que tem grandes dores, mais de seis mezes, que se lhe vão gastando por espaço de tempo; com o que lhe faz o seu cano tão disforme de grosso que os não podem as mulheres esperar, nem soffrer, e não contentes estes selvagens de andarem tão encarnicados neste peccado, naturalmente cometido, são muito afeiçoados ao peccado nefando, entre os quaes se não tem por afronta; e o que serve de macho, se tem por valente, e contam esta bestialidade por proeza; e nas suas aldeas pelo sertão ha alguns que tem tenda publica a quantos os querem como mulheres publicas. Como os pais e as mãis vêm os filhos com moneos para conhecer mulher elles lh'a buscam, e os ensinam como caberão servir; as femmas muito meninas esperam o macho, mórmente as que vivem entre os Portuguezes. Os machos destes Tupinambás são ciosos; e ainda que achem outrem com as mulheres, não matam a ninguem por isso, e quanto muito espancam as mulheres pelo caso. E as que querem bem aos maridos, pelos contentarem, buscam-lhes mocas com que elles se desenfadem, as quaes lhe levam á rede onde dormem, onde lhe pedem muito que se queira deitar com os maridos, e as peita para isso; cousa que não faz nenhuma nação de gente, senão estes barbaros"

E D E O



NOTAS & COMMENTARIOS

Carlos de Vasconcellos

A emoção com que os desta casa lastimam a perda dolorosíssima de Carlos de Vasconcellos, é tão profunda e sincera, que não poderiam, sob o peso da tremenda desgraça que nos roubou o companheiro e o amigo, analysar a vida intensa e vibrante desse joven admiravel, ao mesmo tempo um trabalhador devotado, da boa estirpe dos cearenses, e um escriptor fremente, que buscava suas figuras no tumulto brutal da realidade e as trazia sangrando, mas cheias de vida e de força. A sua existencia, cortada estupidamente, é um poema de tenacidade e esforço, desses que são raros em nosso paiz, onde a mocidade prefere o doce repouso da burocracia, aos desmandos violentos da sorte, tentando valentemente. Formando-se em engenharia civil, muito moço ainda, atirou-se a aventurar a vida e foi para o Acre ao meio inhospito desse inferno verde, onde todas as molestias o atacaram e elle as venceu galhardamente, voltando com a fortuna almejada, como um bandeirante formoso e audaz. Depois de fazer a epopéa do Acre, vivendo perigosamente, foi para o estrangeiro, para a Europa e depois para os Estados Unidos, cuja vida intensa e formidavel empolgou-o. Como a barbaria do Acre a super-civilização yankee foi para elle um motivo de psychologia e espanto e sobre esta, como sobre aquella, escreveu suas melhores e mais vividas paginas. *Casados na America, Desherdados* são os rudes depoimentos de suas perigrações por esses ambientes disformes e fantasticos, que sua imaginação exaltava, pelo poder suggestivo da arte. A proposito de seu ultimo livro *Torturas do desejo*, escrevemos, no nosso ultimo numero: "O Sr. Carlos de Vasconcellos é um dos impressionistas mais vibrantes da nossa litteratura moderna. Em suas paginas a vida se reproduz através da realidade brutal do choques violentos e indomaveis das paixões e das psychoses. Ao revés do maior dos nossos escriptores, que procura, pelo menos do idealismo, uma força mais alta que nos mova, o autor se compraz, ainda com os chamados realistas, que foram o ultimo arranco dos romanticos mallogrados, em procurar as degenerescencias profundas, e as aberrações violentas para seu escapello de anatomista. Por menos sympathia que nos possa merecer o genero, em que o espirito do Sr. Carlos de Vasconcellos se desenvolve, não se lhes pôde negar uma mão poderosa de fixador de uma intensa força dramatica, que tornam seus flagrantes de um merito pouco vulgar. D'ahi o seu triumpho litterario, que mais uma vez se accentuou com o novo livro "Torturas do Desejo" cujos contos lembram certas aguas-fortes horriveis de Rops, onde o desejo possesso se aniquila numa louca morbidez. Sem querer discutir as tendencias desse realismo, nos limites desta simples noticia, registramos, apenas, o apparecimento de mais um livro do Sr. Carlos de Vasconcellos, com todo o louvor e sympathia que nos inspira o poderoso escriptor." Não é agora que lhe poderemos fixar o perfil de escriptor. Estas linhas são de simples evocação de sua memoria, que será sempre lembrada nesta casa, onde o brilho de seu espirito fulgurou por vezes, através de suas collaborações na AMERICA BRASILEIRA. Seu nome está fixado na nossa litteratura, como um de seus mais vibrantes *conteurs*, uma das organizações mais bizarras que tem possuido. Ainda se dirá muito de sua obra, augmentando sempre a aureola que lhe cerca a reputação litteraria, num cyclo de justo entusiasmo. A nós, como aos seus amigos, sobreleva a dor de termos perdido o companheiro admiravel e bonissimo, cuja saudade nos amarga o coração.

Partidos políticos

Uma das mais antigas accusações feitas á nossa incapacidade politica, reside na falta de partidos organizados, com programmas definidos e uma orientação certa. Entre nós, tudo se resolve pelas famosas injunções, que não passam de conluios entre situações dominantes, sem outro significado, do que manter o machinismo politico, que propulsiona e man-

tem o poder central e os poderes estadoaes e sub-poderes locais. Na monarchia, tivemos a illusão dos partidos, criação bovarista do Imperador, sem resultados effectivos, pois tudo se movia conforme os interesses occasionaes e a coherencia dos programmas sempre foi desprezada. Coube aos conservadores a mais liberal das reformas, que foi a abolição do elemento servil. Portanto, não temos no regimen passado nenhuma lição proveitosa, nem exemplo fecundo. A Republica estabeleceu a politica dos governadores, com que temos vivido, resumindo-se tudo a um mecanismo anti-democratico, em que os homens detentores das situações resolvem os destinos da Republica, com a mais desembaraçada semcerimonia para com a opinião publica. O P. R. C., que fundou Pinheiro Machado tentava apenas ratificar pela fórmula pomposa a situação acima descripta e não teve forças para vingar, morto seu fundador e mantenedor. O P. R. L., com que o Sr. Ruy Barbosa pretendeu se antepor ao partido dominante teve igual vida precaria, mesmo porque não é feitiço dos nossos politicos permanecerem na opposição incommoda aos poderosos, que dispõem de todos os cargos eleitoraes... Nessa hypothese, os partidos são difficeis no Brasil. Annuncia-se, agora, que alguns politicos pretendem arregimentar suas forças organizando um partido, que chamaria a seu selo os elementos da actual opposição ao governo, ex-ceto o Rio Grande do Sul, que prefere sua posição de franco atirador, aos compromissos das aggremações. Não sabemos com que idéaes o futuro partido se apresentará á opinião publica e qual o programma com que irá disputar o poder. Portanto, seria prematura qualquer attitude, que não a de expectativa, possivelmente sympathica, pois a organização de partidos numa democracia representa um symptoma de animadora vitalidade. Acontece, porém, que esse optimismo não se pôde accentuar, porque os partidos não podem, nem podem prover, de simples ajuntamentos occasionaes, mas precisam, para vingar, de raizes profundas, de principios certos e definidos, de prestigio nacional, emfim de uma situação de estabilidade que lhes permita vencer. Ora, acontece que os nomes que se citam como proceres do novo partidos são os de conhecidos politicos, que têm vivido á sombra de varias situações dominantes, partilhado dos vicios que se disporão porventura a combater, emfim, vivido largo tempo no mesmo ambiente, que é preciso dissipar. Devemos, portanto, ter as maiores reservas em acreditar nos bons propositos de regeneração democratica de nossos estadistas, sempre Magdalenas penitentes quando estão no ostracismo e sempre esquecidos do povo, quando no poder. Não vai nisso, muito ao contrario, uma reprovação á idéa dessa formação, mas apenas a reserva em acreditar de prompto em seus beneficios, quando vemos a difficuldade dessas aggremações, por uma deficiencia de educação civica. O remedio não consiste em formar, de um momento para outro, um partido, com residuos de descontentes, mas em disciplinar o paiz, tornando necessaria a organização partidaria, com principios definidos e promanando de exigencias nacionaes e não de simples litteratura politica. Esses reclamos dependem de uma serie de circunstancias de ordem geral, que precisamos estudar e procurar remediar, para evitar que permaneçamos nesse jogo de interesses manejados por olygarchias que tanto debilitam as forças vivas da nação e entram o desenvolvimento de seus potenciaes. Representará esse partido em formação o inicio dessa obra regeneradora? Embora duvidando, sinceramente desejaríamos que assim o fosse.

Ingenieros e o latino-americanismo

José Ingenieros, nome bem conhecido nos circuitos scientificos e literarios brasileiros, endereçou-nos, ha tempos, uma carta que só por lamentavel descuido é agora aqui estampada para conhecimento dos leitores. Nella, o autor da *Sociologia Argentina*, condemnando esse espirito nacional que se constitue força creadora de energias e unica capaz de re-

compôr ou renovar o mundo, nesta hora turva da historia, defende com calor a idéa da união latino-americana. Depois de ter sido paradoxalmente nacionalista, mas nacionalista lançado ao extremo da opposição a tudo que não tivesse cunho argentino, Ingenieros reclama hoje, ainda mais paradoxalmente, um movimento que supplante esse maravilhoso despertar da consciencia nacional, que se verifica em todo o mundo, desde os confins da Russia e de Angora até os llanos platinos. O illustre sociologo, caído numa crise de mysticismo pacifista, quer o homem sem patria, quando elle sabe que o cidadão do mundo não será a expressão victoriosa da ideologia contemporanea. O individuo só incorporado definitivamente á nação poderá ser um valor historico internacional apreciavel, positivo.

Escreve-nos Ingenieros:

"Muy Estimado Amigo. Le quedo muy reconocido por el envio de su interesante libro "Os Bastiões da Nacionalidade". En él he encontrado el magnifico estudio sobre Graça Aranha, cuya personalidad e ideologia me eran ya altamente simpáticas. Las paginas de Vd. me parecen dignas del illustre autor de *Chanaan y Esthetica da vida*, obras admiradas por todos los que han tenido la feliz oportunidad de leerlas. Recibo puntualmente y leo con la mayor atención su revista *America Brasileira*. No debo ocultarle que me causa inquietud la crisis internacional de exaltación nacionalista que se ha accentuado en todos los países después de la guerra; no me parece que esas corrientes de pasiones favorezcan la reorganización moral y social del mundo, devastado ya por el imperialismo capitalista y militarista. Nada nos habrá enseñado la pavorosa guerra de que fueron tan culpables, y resultaron tan castigados, los vencidos como los vencedores? El amor al proprio país y el anhelo de su progreso es el sentimiento más natural y el que más honra a un ciudadano; en ese sentido todo hombre culto es nacionalista y tanto más cuanto mayor es su cultura. Pero es muy distinta cosa la actual exaltación del patriotismo que en cada país se traduce prácticamente en odio a todo el resto de la humanidad, cuando no refleja viles asuntos de negocio, como el nacionalismo alemán que consiste en no pagar las deudas ó el nacionalismo francés que se propone cobrarlas. Sin contar otros nacionalismos recientemente inventados para defender los privilegios de las clases parásitas contra las reclamaciones de mayor justicia social. Estas reflexiones ven encaminadas a expresarle mi deseo de que todos los escritores de nuestra America Latina evitemos en cada país ese mal nacionalismo sembrador de odio y de violencia, que en el orden internacional se llamó *prussianismo* y que en el orden interno se llama *fascismo*. La patria de cada uno es algo demasiado ideal y respetable para mezclarla en prédicas contra las patrias de los demás, que consideran a la propia igualmente ideal y respetable. Y si en la America Latina no terminan de una vez los celos y los odios entre los pueblos, no será difícil que día por día aumente la intervención yanqui, primero para pacificar a los que riñen, después para avasallarlos. Sabe Vd. que el imperialismo panamericano tiene ya una mano tendida sobre el Perú y otra sobre las Guyanas? Es hora, pues, de pensar que, amando cada uno mucho a nuestra propia todos los latinos americanos debemos empezar a amar la patria más grande, continental. No es obligación moral de todos los que escribimos fomentar sentimientos de unión que sean el preludeo espiritual de una federación política futura desde Méjico hasta Magallanes? Fue desde mi niñez, gran admirador de Estados Unidos; pero en estos últimos años he empezado a mirar con recelo y temor su política panamericana, que no es de cooperación sino de tutela, tratando a alguns pueblos como pupilos y no como amigos. No cree Vd. que su revista podría aprovechar las fiestas del Centenario Brasileiro — a las que todos los argentinos nos asociamos muy cordialmente — para ventilar estas ideas de confederación latinoamericana, que garantizan la autonomía y la libertad política de nuestros pueblos? No sería esa la fórmula sensata del amor?"

nuestras patrias respectivas? Ocupado en estudios filosóficos que deseo terminar antes de envejecer, yo no puedo ventilar estos temas con la actividad que merecen. Pero ahí va la idea, que no es nueva ni mía; ponga Vd. a su servicio todos los bríos de su revista y le aseguro que hallará eco en los que amamos tanto a nuestro pueblo como Vd. ama el brasileño, sin que ello nos impida mirar como hermanos a todos los que nos están unidos por un mismo destino continental. Un afectuoso apretón de manos le envía su viejo amigo. — José Ingenieros."

A carta de Ingenieros provoca, naturalmente, outros e mais longos commentarios, que só em outra ocasião poderão ser desenvolvidos. Desde já, porém, declaramos ao psychologo de *El hombre mediocre* e ao director da *Revista de Filosofia*, que não renunciaremos ao nosso nacionalismo, nome novo designando apenas uma velha e formosa virtude que está na raiz da humanidade — o patriotismo. Nas suas nobres origens historicas, intellectuales e estheticas, e nos seus nobres intuitos, o nacionalismo brasileiro é movimento salutar, necessario e imprescindível nesta hora de incertezas e apprehensões para todos os povos da terra. Não constituindo privilegio nosso, a sua base é o instincto de conservação do povo brasileiro, é a defesa das nossas tradições, é o culto das grandes figuras do nosso passado, é a unidade ethnica da familia, é a fé illuminada na grandeza futura da raça, mediante a valorização do nosso trabalho, o aproveitamento productivo da terra, em grande parte abandonada e inculta, e o preparo de todas as forças moraes do paiz. Não se confundindo com o nativismo, modalidade absurda, desconcertante e pervertida do patriotismo, o nosso nacionalismo, no sentido politico e social, e na sua formosa realidade, é norteado pela permanencia pacifica da nação nunca inquinada de aggressiva, malefica e corruptora. Não quer isto dizer, no entanto, que exclua ella a solidariedade com as nações dignas, tanto mais que já ao mundo civilizado nos incorporámos espiritualmente. Seria ridiculo, e até perigoso, se abrigassemos o sentimento de *egoismo nacional* que viesse se tornar hostil a todo o mundo que não fosse o Brasil. Ahí está em que consiste o nosso nacionalismo, que é o nacionalismo de um povo que se elevou pelo trabalho obstinado, pela excellencia das suas leis, pelas glorias de seus maiores, pela sua progenie esclarecida, pela excellencia e extensão de sua cultura, pelos seus sentimentos pacificos, pelo seus altivos ideaes e pela sua energia inquebrantavel. Ficamos, pois, com melhor prazo para dar resposta cabal ao appello que o illustre José Ingenieros dirigiu á *América Brasileira*, e que fez extensivo a todos os intellectuales e á mocidade da America hespanhola, como se vê no recente opusculo *Por la Unión Latino Americana*.

A casa de José Bonifacio

Lembrou outro dia um dos nossos jornaes que, emquanto os americanos compram a casa onde nasceu Laffayette, em Chavagnac, Alto Loire, na França, restaurando o prédio religiosamente e preparando em torno um campo para jogos de *tennis* e de *golf*, afim de attrair e distrair os peregrinos *yankees*, nós, brasileiros, deixamos cair aos poucos a casa em que o grande José Bonifacio morou, na nossa deliciosa ilha de Paquetá. Quem não conhece o velho solar do patriarcha, na praia da Guarda, em frente á ilha do Brocoió, com sua architectura pesada e austera, de uma solidez que vae resistindo aos annos que correm? E' uma velha casa de feitiço solarengo, com ampla varanda, dessas que cercavam as vivendas de nossos avós, e onde passavam as horas de lazer. A frontaria é simples, sem decoração nem motivos ornamentaes. Em derredor um parque amplo, de vegetação frondosa, com suas arvores seculares, carregadas de lichens e parasitas polychromos, os seus arbustos e suas relvas, creando um ambiente de doce recolhimento, em que o poeta se enleava e o sabio se entregava á meditação nas horas de repouso das fadigas politicas da independencia, ou na melancolia do exilio. Pois bem, esse recanto delicioso e que deve ser para nós sagrado, vive esquecido, a velha casa e a esboroar-se, apenas envolvida pelo olhar carinhoso dos filhos da ilha famosa. O anno da independencia passou e entre as commemorações apressadas e mais ruidosas do que civicas, ninguem se lembrou de uma romaria á casa de José Bonifacio, nem o Governo, que disse se preocupar com o culto da nossa tradição, cogitou de adquirir a casa do Patriarcha, preparando-a para ser um centro de culto civico do grande brasileiro. Mas, ainda é tempo de cul-

dar desse dever, que não trará mais gloria a José Bonifacio, mas honrará nosso patriotismo e nosso civismo. O culto dos heroes ainda é o maior fulgor dos grandes povos.

Alphonsus de Guimaraens

E' de José Severiano de Rezende, o poeta suggestivo dos *Mysterios* e o critico tão subtil, estas paginas de saudade, que escreveu a proposito de Alphonsus de Guimaraens, o poeta mineiro que se destacou dentre os da sua geração pelo seu temperamento original, pela sua cultura, pelo seu espirito profundamente mystico e pela sua obra bem singular, paginas estas publicadas na *Noticia* desta capital:

"O ministro Edmundo Lins acaba de pôr as mãos a uma obra que eu reputo grandiosa e suprema: promover a edição dos tres livros exgotados de Alphonsus de Guimaraens, poeta de que Minas inteira se orgulha e de que o Brasil devia com effusão ufanarse. Esses tres livros, hoje totalmente irreperiveis, são: o "Septenario das Dores de Nossa Senhora", seguido da "Camara Ardente", "Dona Mystica" e "Kyriale". Não é a obra toda de Alphonsus, que ainda produziu muitas e cujos inéditos, uma vez coordenados, accentuarão a pujança fecunda de um dos nossos mais subtils artistas do rythmo. O gesto de Edmundo Lins é magnifico. Vê-se que numa época em que tudo está resequido, o coração e o cerebro do eminente jurisculto mineiro vicejam no culto excelso do bello. A casa editora Alves comprehendeu o gesto e aceitou, em meio á faina das cartongens escolares que lhe oberam officinas e prateleiras, a missão — eu considero isso uma alta missão — de reunir e publicar num só tomo aquellas tres deliciosas obras-primas de Alphonsus, nas quaes a poesia jorra crystallina das fontes mais limpidas do ideal numa forma primorosa em que todas as ressonancias da alma humana espiritualizada, repercutem indefinidamente. A principio baudelairiano, como o foi o Verlaine dos *Poemes Saturniens*, isto é, já destacando o seu excepcional temperamento originalissimo, em seguida, talvez pela força destas evoluções, um tanto verlainiano, sem comtudo perder a individualidade propria, Alphonsus desprende-se por fim de qualquer influencia, clarificou-se, intensificou-se, aprofundou-se, mergulhou na harmonia universal que contém tudo o que vibra e sente e vive e pensa e soffre e ama — e appareceu-nos o poeta primordial e total que se impoz nos primeiros planos, a despeito da sua vida obscura, fechada, torturada, agoniada, nos recessos de Minas, onde um cargo na magistratura o impedia apenas de morrer faminto. E Alphonsus foi poeta sempre e apezar de tudo, poeta acima de tudo, essencialmente e fatidicamente poeta. Nenhum governo quiz vêr e recompensar essa gloria immensa, uma das maiores que tenhamos tido, uma das mais serenamente illibadas que os alcantis mineiros hajam visto brilhar acima dos seus picos alterosos. Todos conhecem o irreprimivel horror que os nossos demokratas e republicos têm pelas letras e sobretudo pela poesia. Entre nós, o homem que lida na politica confecciona para o seu uso uma solemníssima catadura, uma impertubavel mascara de seriedade, cujo rictus austero não deve jámais suavisar-se ao canto dos poetas, á voz da poesia. Não seria decoroso, mas sim escandaloso. Toda manifestação artistica que se não adapta ás normas politicantes, á caveira das usanças administrativas, é suspeita. O poeta tem que ser qualquer outra coisa dentro das realidades admittidas e só por diletantismo poetar nas horas vagas. Assim, o pintor tem que ser executor de encomendas ao sabor dos incompetentes enthronizados com empatia em carnes dogmaticas. O escultor tem que se bernardellizar nos algamassamentos indigestos que as fundições vomitam arquejando de opprobrio, e a arte acaba tornando-se uma desavergonhada marafona ao serviço desse lenocinio official. E como de todos os artistas o mais revel é o poeta, porquanto a sua arte escapa mais facilmente á garra do mecenas-censor, é do poeta que se tem mais pavor, é a poesia que offende e ofusca o sobrolho do politicante, carregada de tonitruancias a estourar. A este phenomeno curioso devo confessar que uma excepção se verificou ultimamente. Felix Pacheco, um poeta da raça de Alphonsus, um idealista puro, um symbolista, um mystico, venceu, subiu, triumphou, não obstante nelle preponderar o aedo raro. Quanto a Alphonsus de Guimaraens, sabida a sua

morte, quem se lembrou aqui na Capital Federal de realizar uma commemoração da sua vida e da sua obra impeccavel? Eu estava num longiquo e barbaro recanto da inhospita Inglaterra, quando soube que o meu caro Alphonsus não pertencia mais ao numero dos vivos. Que não teria feito eu para que me fosse dado vel-o ainda uma vez, o optimo, o meigo, o suave Alphonsus, tão espiritual e tão espirituoso, tão sincero, tão franco, tão alegre e expansivo na vida ingrata? Esta ingrata vida separou-nos, reuniu-nos, tornou a separar-nos e quando o deixei, ha seis annos, em Bello Horizonte, onde elle tinha ido encontrar-me, mal pensava eu que nunca mais havia de gozar esse incomparavel convivio e que a noticia do seu trespassse iria abalar-me os precordios no meio das brumas tristes do canal de Bristol? Mandei-lhe a minha saudade num par de matutinaes suffragios que pela somma de alguns schillings encomendei a uns rubicundos mystagogos catholicos que felizmente havia naquellas paragens graveolentes da pestilencia reformista e consolei assim a minha magoa, que vem tão deliciosamente de reconsoar agora o jurista Edmundo Lins tão devotado a esse que no meu livro eu chamei o Dilecto entre os dilectos, o Eleito entre os eleitos, o Perfeito entre os perfeitos. Edmundo Lins envia-me uns versos de Alphonsus. São versos da phase inicial, do periodo baudelairiano. Foram feitos ahí pela volta de 1890 em S. Paulo, e pertencem ao livro "Kyriale", que é uma especie de officio dos mortos. Intitulam-se

O CACHIMBO

Uma visão do tenebroso Limbo,
Soturna e sepulcral, tens a teu lado.
Por um artista foi este cachimbo
A' feição de caveira burilado.

Vê tu, formosa, é um craneo em miniatura
Onde a tua caveira volu revendo:
O vasio das orbitas fulgura
Sinistramente, quando á noite o accendo.

E ás vezes, quando o eterno ideal me abraça
O craneo, no cachimbo os olhos ponho;
Ha tambem dentro delle fogo em brasa,
Sóbe o fumo e desfaz-se como um sonho.

E quando á noite o accendo, a sua bocca
Transparente e maguada se clareia:
E ri-se, e eu rio ao vel-a, aberta e louca,
Toda de risos e de afagos cheia.

Querido Alphonsus! Elle que amava tanto a vida e não se esquecia da morte, quando tranquilla não era a sua alma sonhadora, que já vivia embalada pelas azas dos archanjos, seus irmãos, e que, de tão sonhadora só via nas cousas temporaes o ephemero do qual escapamos para a definitiva apothose das resurreições! A sua obra, como a sua alma, viverá na eternidade absoluta dos seculos sem fim."

Um inédito de Alphonsus

No numero de 20 do mez de Janeiro findo, publicou a "Revista da Semana" a seguinte poesia inédita de Alphonsus de Guimaraens que para aqul transcrevemos com a devida permissão:

CHANSON DU SILENCE

Le silence est blanc comme un cygne
Que l'eau berce á l'ombre des bois,
Le silence est doux comme un signe
De Croix...

Ce sont de calmes barcaroles...
L'âme les chante en pleurs...
Oh! le silence, des paroles
Que diraient les fleurs!

Je vois des ailes de colombes,
Silencieuses dans les cieux...
Le silence bénit les tombes,
Et fleurit dans tes yeux.

Oh! fol essor des hlronnelles
Qui s'en vont en mourant...
Soupirs d'amour, battements d'ailes
Au soleil couchant!

Ce sont des choses du silence
Dans l'azur moiré d'or...
Une sereine main balance
Le ciel qui dort.

Au clair de lune pâle, insigne,
Pleure immobile, au fond des bols,
Le silence doux comme un signe
De croix...

ALPHONSUS DE GUIMARAENS,

No paiz das Amazonas

Raymundo de Moraes, que é um dos mais fulgurantes jornalistas do norte do paiz, e, sobretudo, um espirito generoso, ativo e independente, a proposito da campanha perversa e insidiosa de certa imprensa contra esta revista, publicou em 21 de Dezembro ultimo na *Imprensa*, de Manãos, sob o pseudonymo Luciano de S. o seguinte artigo, que representa uma carinhosa prova de solidariedade intellectual e moral, que sobremaneira nos commove:

"Um dia destes li um telegramma curioso a respeito de Elyσιο de Carvalho. Dizia esse despacho que o grande escriptor patriótico, mancomunado com outros brasileiros, entre os quaes se encontrava aquelle formoso espirito que escreveu a "Chanaan", além do vulto magnifico de letrado portuguez, do festejado Malheiro Dias — fizera um "complot" afim de promover a guerra na America do Sul. E' extraordinario isso! Basta dizer que o famoso auctor da "Grandeza e Decadencia da Sociedade Brasileira", de alguns annos para cá, se collocou na primeira fila dos que se batem pelo nacionalismo da nossa gente, não desse nacionalismo que consiste em hostilizar o portuguez, em queimar a melhor colono que temos tido, sim do verdadeiro, do puro, do elevado, que garante ao advena todos os direitos que lhe faculta a nossa Magna Carta. Isto já se vê, pleiteando tambem aquillo que certos adventicios nos negam, e cuja culpa não pôde recahir na collectividade dos que nos ajudam a desbravar a terra. Homem de larga visão patriótica, senhor de bellos e elevados sentimentos, Elyσιο de Carvalho seria incapaz, por lucros materiaes, de atirar o seu paiz num conflicto que só poderia redundar em prejuizo do sólo que elle ama com carinho e affecto. Que os homens responsaveis pelo governo estejam vigilantes, tomem suas providencias, procurando evitar qualquer surpresa, está direlto, é mesmo natural; mas que o principe do patriotismo, esse fino e distincto prosador que é Elyσιο de Carvalho, ande mettido nisso, é que eu duvido. Não está, não pôde estar. No seu grande coração de brasileiro, de filho amado das plagas do Cruzeiro, não se aninha o vil sentimento de negociista, capaz de sacrificar a honra da sua patria pelas 30 moedas de Judas. Quem não tiver o praser de conhecer pessoalmente o elegante escriptor que traduz com aquelle mino de artista os "Poemas em Prosa", de Oscar Wilde, e não estiver, pois, habilitado, pelo conhecimento directo, a lhe sondar a alma magnanima, feita de generosidade, de amor e sympathia pela sua gente, basta ler "Os bastiões da nossa nacionalidade" — e terá a prova de que naquelle forte coração só existem sentimentos nobres, elevados, civicos, que honrariam qualquer varão de Plutarcho. Um triste peccado do brasileiro é a intriga. Quando não se pôde negar a certas individualidades os requisitos intellectuaes de uma fina e primorosa intelligencia, como succede com Elyσιο de Carvalho, quando não se pôde evitar que o publico o leia e o admire, quando não se pôde evitar que o estrangeiro o distinga pelas suas qualidades pessoas de homem de sociedade, de inegualavel homem de salão, inventa-se a miseria, a calumnia, e cobre-se-o de lama. Infeliz paiz este, no qual os seus maiores filhos, aquelles que podem servir de exemplo ás turbas, têm de lutar até á morte com os analphabetos, com os sujeitos que aggridem por simples maldade, porque sabem que não poderão jamais competir com as suas victimas. Este caso de Elyσιο de Carvalho e de Graça Aranha, é typico, chega até ser jocoso. Accusar dous vultos integros, aureolados por esse nimbo luminoso do patriotismo, empenhados numa campanha litteraria em prol dos sentimentos mais nobres do cidadão, faz tremer a alma mais endurecida, o coração mais forrado de aço, o peito mais blindado pela adversidade. Que se acabe com isto, são os meus votos, que se respeite a belleza dessa virtude extraordinaria, tão florida em Elyσιο de Carvalho, que é guiar os seus irmãos para a grandeza nacional."

A Juventude de Anselmo Torres

Foi recebido com muita effusão, em nossos circulos intellectuaes, o appareimento da traducção franceza da "A juventude de Anselmo Torres" o bello e victorioso romance do Sr. Matheus de Albuquerque, uma das figuras de maior relevo nas letras brasileiras contemporaneas.

A traducção foi cuidadosamente feita pelo Sr. Clement Gozet e a edição é dos Srs. Henri Jouquières & C., de Paris. Sobre este livro que representa uma tentativa nova no romance, escreveu o Sr. Ronald de Carvalho esta pagina magnifica, que vale transcrever:

"A Juventude de Anselmo Torres", é um romance-depoimento, em que a urdidura da fabula foi manifestamente posta de lado. A acção da sua obra é toda interior, não extravasa para o mundo, mas vae extrahindo delle e das coisas o mel e o fel da belleza. Os individuos que pasmam ante os dialogos caprichosos, ante o xadrez das intrigas vertiginosas, hão de ser inimigos de Anselmo Torres.

Anselmo Torres nasceu para dizer o que pensa, e não o que vê. Passam-lhe os ambientes sob os olhos, rapidamente, subitamente, com a celeridade da pellicula cinematographica. Anselmo é um sensitivo, capaz do perdão e do crime, do crime de se sacrificar, o peor de todos os delictos nesta sociedade monstruosamente incolor, de agora ou possivelmente de sempre. Lançou o Sr. Matheus de Albuquerque um largo ensaio, feito de espelhos grandes e pequenos, lisos, concavos e convexos, onde a realidade ora se reflecte claramente, ora se transforma, ora se ergue, ora se rebaixa. Refere o proprio autor, com muita precisão, em um dos passos do seu trabalho, que "o ensaio é talvez hoje a unica forma possivel num romance que queira interpretar o seu tempo... Não o ensaio doutoral, dogmatico, classificador e distribuidor systematico de valores, pugnando com a indole propria desse genero de estudos; mas o que suggere amavelmente, sem cansar a indole do leitor. O romance, com ser o mais completo, o mais total dos generos litterarios, é um genero cada vez mais difficil. Sabe-se, por Bourget, como já Barbey d'Aurevilly se lamentava de que Balzac houvesse esgotado todos os assumptos proprios do romance. Em nossa idade, critica por excellencia, resta o recurso de fazer pequenos ensaios criticos ou pequenas theses vividas em volta de uma idéa central qualquer, que até pôde não revestir grande importancia, ou cuja importancia não seja o essencial no romance"

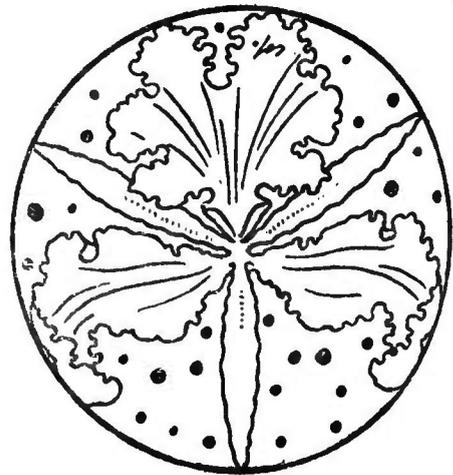
Sem duvida, o Sr. Matheus de Albuquerque soube realizar um penetrante desejo, com a graça, a finura, o pudor, todos os pudores do seu estylo. Compensou a falta de movimento exterior com a riqueza das intenções, do sonho e do caracter dos seus personagens. Aliás, seus personagens são apenas desdobramentos, em carne e osso, dos desejos, das idéas e dos sentimentos de Anselmo Torres. São as sombras, em que se projecta viva, mobil, cambiante a luz do seu espirito. São plantas, aguas, pedras, scintillações da sua paisagem moral e intellectual. O critico sagaz e generoso de "As Bellas Attitudes", é um pintor de emoções delicadas, um pintor mais classico do que impressionista, pois o desenho nas suas telas sobreleva á cor. Esta reserva-a elle sempre, e admiravelmente, para os aspectos e os scenarios da natureza. Ha no seu romance certas manchas de effeito impressivo. Os trechos do passado, que, de vez em vez, phosphoreiam na memoria de Anselmo Torres, saudoso do seu rincão tropical do norte, são de uma claridade calma e intensa. Todas as suas recordações da meninice e da adolescencia, as florestas do engenho nas Alagoas, as bulhas escolares de Olinda e Recife, assim como o aspero contacto com os acidos sercs humanos, dão ás paginas desse romance uma palpitação interior prolongada e melancolica.

Reproduz tambem o Sr. Matheus de Albuquerque, exactamente, os conflictos

da alma provinciana, sensual e desprevenida, ao entrar e se perder nos torvelinhos de ambição e despeito do Rio de Janeiro. Correndo a fabulação da sua novella após a guerra, apresenta-nos elle um quadro quasi contemporaneo dos nossos costumes. Suas observações acerca das nossas directrizes politicas e sociologicas merecem attenção. Não devem ser esquecidas, por igual, certas caricaturas que, ironico e tolerante, elle se compraz em recortar á margem de alguns commentarios penetrantes. O tom geral do romance é um pouco eloquente, caloroso, lyrico, por vezes, como na passagem em que Anselmo vê esbater-se no ar a figura silenciosa de Herminia. O poeta resurge, frequentemente, em mais de um capitulo do seu volume, um poeta cortez e triste, para quem o mundo não pôde reservar mais nem uma decepção. Está ahi porque o seu romance tem a luz diffusa e discreta das obras de arte nascidas do coração.

O genio Peninsular

Antonio Sardinha, é uma das figuras mais impressionantes do Portugal de agora, e na Republica irmã tem actuação energica, alevantada e fecunda. No movimento de idéas á volta da gloriosa nação, prestes a resurgir cercada de maior fulgor e vitalidade, é elle o leader primacial do que se convençionou chamar *integralismo lusitano*, doutrina politica, litteraria e esthetica com fundamentos na historia, no desenvolvimento ethnico e na idealidade do povo portuguez. A actividade, a fé e o pensamento desses intrepidos lutadores á cuja vanguarda se collocou Antonio Sardinha estão vinculadas ao heroismo que culminou desde antes do Infante Henrique. No artigo que noutro lugar publicamos, elle define o alcance de parte de seu programma, que nada mais é senão o regresso á politica hispanica do epico dos *Lusitadas*, a visão desumbradora, magestosa e capaz de novos prodigios do Atlantico, o livre e irreprimival surto do instincto creador da raça, a restauração do genio universal da patria sob novos moldes. Numa palavra — PORTUGAL MAIOR é o lemma da bandeira dos novos cruzados. Alegra-nos assignalar que o nacionalismo de Antonio Sardinha, como o desse grande cytharedo do "Quinto Imperio" que é Affonso Lopes Vieira muito se aparenta com as idéas ou os principios que inspiram a *America Brasileira*, cujo programma nacionalista consiste em ligar o culto dos nossos antepassados á energia dos contemporaneos, em fortalecer a permanencia historica e sagrada, em guardar esta consciencia serena e imprescriptivel que faz do antigo e do Brazil dos nossos dias um todo indissolovel, geographica e moralmente, em preparar o advento da America brasileira como potencia mundial. Estamos certos pois, de que muito será apreçiado entre nós o trabalho do director da *Nação Portuguesa*, que, ainda recentemente, foi recebido no Ateneu de Madrid com calorosos applausos. No proximo numero daremos conta aos leitores da intensa campanha que se iniciou em Portugal e Hespanha a favor do peninsularismo.



N O T U L A S

Poetas Paranaenses

Prestou o Paraná uma expressiva homenagem a tres grandes poetas de sua terra maravilhosa, inaugurando em Curitiba, ha poucos mezes, as hermas a Emilio de Menezes, Emiliano Pernetta e Domingos Nascimento, numa bella festa de civismo e de arte, em que os escriptores Srs. Jayme Ballão, Pamphilo de Assumpção, Silveira Netto e Dario Vellozo fizeram em palavras de profunda emoção o elogio dos artistas que tanto elevaram a gloria da terra paranaense. Emilio de Menezes foi o poeta admiravel e brilhante, de forma caprichosa e inspiração ardente, onde repontava constante uma nota de doce melancolia; Emiliano Pernetta foi um dos mais admiraveis symbolistas, cuja emoção tinha qualquer cousa de tragico e de doloroso; Domingos Nascimento foi um magnifico poeta regional, que cantou com surpreendente lirismo a natureza maravilhosa do Paraná, onde a paisagem tem um encanto diverso, entre os pinheirões infundaveis. Esta homenagem aos seus artistas, muito honra ao Paraná, preocupado em exaltar as glorias dos poetas, quando vivemos occupados em lisongear os poderosos e os governantes. Serviu tambem de exemplo dignificante esse preito aos poetas paranaenses cujos bustos erigidos na praça Ozório perpetuarão o amor ás lettras de todos os filhos desse grande Estado. A obra de escultura, geralmente louvada, foi feita pelos escultores paranaenses João Turim e João Zacco Paraná, que souberam transmitir ás mascaras dos poetas toda a emotividade de seus espiritos inquietos e torturados. A significação dessa homenagem, deve porém ir além de uma manifestação regional, porquanto os poetas consagrados são justas expressões de nossa poesia e suas obras enchem de orgulho toda a mentalidade brasileira. São glorias nacionaes.

Os epigrammas de Ronald

O nosso collaborador Ronald de Carvalho recebeu a seguinte carta do critico francez, Sr. Manoel Gahisto: "Paris — 1922 — Mon cher et illustré Confrère: J'ai lu avec un très vif intérêt vos "Epigrammas Ironiques e Sentimentales". La première est brillante déjà et prévient en faveur du reste. Les promesses de cette *Inscription* sont amplement tenues dans la suite du recueil. Autant qu'il me soit permis d'en juger, des pages comme "Egloga Tropical, Interior", par exemple, donnent une impression de couleur bien spécifique; on respire entre les lignes une atmosphère que n'est pas celle de notre vieux continent. D'autre part, il a fallu pour obtenir la concision de ces morceaux, en gardant le rythme et la mélodie évidentes du vers, un entraînement ou un don spontané remarquables. Notre grand problème à tous en ce moment est celui de l'invention de nouvelles harmonies, les uns pour les chercher, les autres pour les écouter et les analyser. Vous avez trouvé la mesure nécessaire dans cette innovation, en fuyant les artifices de la bizarrerie et écoutant la musique de sentiments et d'impressions naturels. Je crois que c'est la seule voie possible. Merci bien sincèrement de votre envoi, mon cher Confrère. J'aurai sans doute l'occasion encore de citer votre Histoire de la Littérature Brésilienne; le livre est placé au bureau de la Revue de l'Amérique Latine où plusieurs collaborateurs de Mr. Lesca l'ont parcouru déjà, où chacun pourra le consulter. Je vous prie d'agréer mes compliments les plus vifs pour votre beau talent avec l'assurance de ma sympathie toute dévouée. — Manoel Gahisto."

A obra de um jurisperito

Sobre o recente livro *Systema de Scientia Positiva do Direito*, do Sr. Dr. Pontes de Miranda, em dois grossos volumes, já se manifestaram varios juristas da França, da Alemanha e da Italia, que o consideram, quasi com as mesmas expressões, quanto á construcção scientifica e philosophica, no dizer de François Geny, decano de Universidade na França e grande juriconsulto francez: "plus large et plus pleine que toutes celles que nous avons connues, jusqu'ici" Geny ainda diz

que o nosso patricio utilizou verdadeiramente (véritablement utilisé tous les matériaux réunis par la science contemporaine) e juntou reflexão pessoal extremamente forte e profunda (joint une réflexion personnelle extrêmement forte et profonde). Ninguém contestará, accrescenta, "le caractère grandiose du monument élevé à la science positive du droit". As outras opiniões são mais ou menos as mesmas, como, por exemplo, a do juriconsulto italiano Roberto Vacca, que diz: "moite idee nuove ed originalissime contenute nella sua opera, la quale rappresenta certamente ciò che di più profondo sie stato scritto fin' ora per dare una forma ed un contenuto veramente "scientifico" allo studio del diritto". Giorgio del Vecchio e dezenas de sabios allemães igualmente dão grande importancia áquella obra.

As memorias do Conde d'Eu

O conde d'Eu, cuja morte causou consternação a seus numerosos amigos brasileiros e francezes, havia começado a dictar as suas Memorias á sua nora, a princeza Pia de Orleans e Bragança, que, desde a sua viuvez, consagrou-se exclusivamente a seus filhos e a cuidar de seu sogro. As primeiras paginas — e as ultimas — dessas Memorias remontam á revolução de Fevereiro de 1848 e a seu exílio na Inglaterra. O duque e a duquesa de Nemours, com os seus quatro filhos, viveram junto á familia real em Claremont. Foi ahí que o principe recebeu a sua primeira instrucção, partindo depois, após a morte de sua mãe, para a Hespanha. O conde d'Eu tinha então dezeseis annos. A Hespanha achava-se naquella época em guerra com Marrocos. A rainha Isabel nomeou o conde d'Eu segundo tenente do regimento de hussards da princeza, sendo destinado á Africa, onde desembarcou no dia 20 de Janeiro de 1860, e, tres dias depois, distinguia-se por tal forma que o general O'Donnell, lhe collocava no proprio campo de batalha, a cruz de S. Fernando. Na batalha decisiva de 11 de Março, o conde deu taes provas de valor que os soldados hespanhoes o saudaram, exclamando "Viva el joven francez" e o general O'Donnell obteve a sua promoção a primeiro tenente. Após a paz, o conde seguiu o curso de artilharia na Escola Militar de Segovia, da qual elle saiu com o numero dois. Até á sua partida para o Brasil, em 1864, serviu successivamente nos regimentos de artilharia de terra e de montanha. A campanha victoriosa do conde d'Eu, como commandante em chefe e marechal do Exercito brasileiro, contra o dictador Lopez, do Paraguay, pertence á Historia Sul-Americana. O carinhoso acolhimento dispensado no Brasil aos restos mortaes do imperador D. Pedro II, commoveu vivamente o conde, que tinha projectado voltar ao Brasil, sem nenhum fim politico, afim de tomar parte nas festas da independencia, com os seus netos. O conde não contava muito com a sua saude. Ultimamente, por ocasião do Congresso Eucharistico de Roma, a que elle assistiu sob o humilde habito dos franciscanos terciarios, teve varias crises, temendo-se que fosse um ataque de angina pectoris; voltando á França muito doente e tratou de curar-se, devido ao grande desejo de realizar a sua projectada viagem ao Brasil. E' conhecido o triste epilogo dessa viagem, empreendida com tanto entusiasmo. Os que esperavam a volta do conde d'Eu, não pensavam, nem por um momento na occasião de sua partida, que lhe diziam adeus pela ultima vez.

O ultimo calculo das áreas dos Estados do Brasil

Segundo a carta geographica do Brasil comemorativa do Centenario da Independencia, obra meritoria e patriótica realizada graças ao Club de Engenharia, é o seguinte o calculo das areas dos Estados:

	Kilometros quadrados
1 Minas Geraes	593.810
2 Pará	1.271.947
3 Pernambuco (incluindo Fernando Noronha e Rocas) ..	99.254
4 Parahyba	55.920
5 Rio Grande do Norte	52.411

6 Sergipe	21.552
7 Alagoas	28.571
8 Maranhão	345.594
9 Piahy	245.582
10 Ceará	147.022
11 Bahia	524.288
12 Espirito Santo	44.684
13 Districto Federal (excluindo a zona litigiosa (Rio-Districto Federal)	1.085
14 Rio de Janeiro	42.404
15 S. Paulo	247.239
16 Paraná	199.897
17 Santa Catharina	93.225
18 Rio Grande do Sul	285.289
19 Goyaz	660.193
20 Matto Grosso	1.421.573
21 Amazonas	1.825.997
22 Acre	148.027
	<hr/>
	8.355.504

TERRITORIOS LITIGIOSOS

a) Pará-Amazonas	91.019
b) Bahia-Espirito Santo	1.177
c) Piahy-Ceará	1.569
d) Piahy-Maranhão	623
e) Rio-Districto Federal	82
f) Rio Grande-Santa Catharina	1.773
g) Bahia-Sergipe	3.974
h) Goyaz-Matto Grosso	55.468
	<hr/>
	155.685
Total	8.511.189

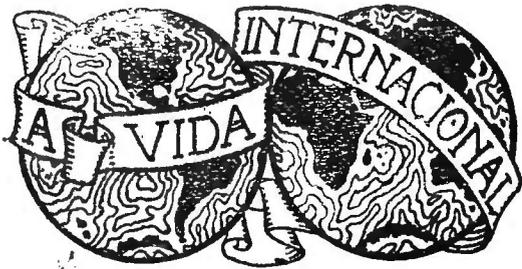
Congresso da Imprensa

Reunir-se-ha na primeira quinzena de Março proximo, em Lyon, na França, o Congresso da Imprensa dos Paizes Latinos. Para sede dessa conferencia jornalística latina foi escolhida a cidade de Lyon, onde, na mesma época, funcionará a conhecida feira annual franceza que tanto facilita o intercambio commercial. A Municipalidade de Lyon convidou as Associações de Imprensa do mundo latino e os mais importantes jornaes francezes, italianos, portuguezes, hespanhoes, rumenos, belgas, suissos e latino-americanos a enviar os seus representantes, que serão hospedes da Prefeitura lyonesa, desde a chegada á fronteira franceza até a sessão de encerramento do Congresso. As sessões do Congresso de Imprensa durarão uma semana sómente. Durante os seis primeiros dias serão discutidas as theses sobre a propagação da idéa da fraternidade latina: o primeiro dia será consagrado á imprensa italiana; o segundo á hespanhola e á portugueza; o terceiro á imprensa suissa, belga e rumena, o quarto á imprensa latino-americana e finalmente o quinto dia, vespera do encerramento do Congresso, será dedicado á imprensa franceza. No ultimo dia as moções apresentadas serão submettidas á votação.

Uma heroína brasileira

Merece uma referencia muito especial o acto do governo do Ceará, de 7 de Setembro de 1922, que determina a aquisição da casa onde nasceu, no Crato, Barbara Pereira de Alencar, uma das grandes mulheres da historia brasileira. A sua acção no levante republicano de 1817, foi das mais brilhantes, tendo feito seu filho, o grande José de Alencar, emissario dos revolucionarios de Pernambuco e se portado com uma bravura e um civismo admiraveis, sofrendo, resignada e indomita, as rigorosas penas nas prisões do Ceará, Pernambuco e Bahia, com animo forte e resolutivo, que constituiu vigoroso exemplo aos seus companheiros dessa jornada de redempção nacional. Além disso, deu á patria dois grandes filhos, Tristão de Alencar, que foi preclaro cidadão, e José de Alencar, das glorias mais fulgentes de nosso espirito. Installando uma escola feminina na casa onde nasceu Barbara de Alencar, o governo cearense cria um novo culto civico, de exaltação e patriotismo, engrandecendo o patrimonio historico do grande estado, cujos filhos tanto honram a nacionalidade, pelas suas qualidades de força, de intelligencia, de tenacidade e aventura. Essa mulher admiravel foi um symbolo e bem haja os que o consagram e veneram.

REPERTÓRIO



A ocupação do Ruhr

As forças franco-belgas ocupando a bacia do Ruhr e se apossando das usinas de Essen, como penalidade imposta á Alemanha pela violação do tratado de Versalhes, no attinente ás reparações, vieram criar uma nova inquietação no mundo, perturbando os espiritos, temerosos de que não resulte dahi uma nova fermentação de guerras. E' muito difficil no caso europeu justificar attitudes, porquanto umas são consequencias de outras e todas se ligam a uma série interminavel de factos, de que não temos ainda perspectiva para julgar. Contentamo-nos em acompanhar a successão dos acontecimentos, na sua violencia e imprevisão, ignorando a que caminho conduzirão os homens. A França, abandonada pela Inglaterra, sem o apoio franco da Italia, que se manteve independente, e ligada á Belgica, justifica a invasão do Ruhr, como uma necessidade de primeira ordem, porquanto a Alemanha chicana o cumprimento do tratado de Versalhes, e não fez as entregas devidas. Retruca o Reich, e nesse sentido protestou junto a todos os governos, que envida todos os esforços para fielmente cumprir as obrigações assumidas, mas sendo o peso destas superiores ás suas possibilidades, justificam-se as faltas, nunca de má fé... Enquanto a disputa se trava, a França, que tem força, occupa *manu militari* o Ruhr e se dispõe a applicar o tratado, que declara violado. A Alemanha não tem força, mas tem animo forte e reage, pela passividade, fica firme e immovel. Como certas crianças que não querem andar, deixam-se empurrar, caem, esperneam, não cedem a pancadas e só sabem carregadas. No caso, carregar a Alemanha, convenhamos em que é difficil....

São os erros do tratado de Versalhes. Os estadistas aliados, reunidos em Conselho Supremo da Humanidade, acreditavam que os povos eram passivos como as letras com que escrevem os tratados e com as quaes todas as combinações são possíveis. Ao invéz de procurar a paz, a concordia, apenas cuidaram das vinganças e os homens não puderam tolerar o extranho monstro que, como um pedrouco, entrava o mundo inteiro. As reparações são devidas, ninguem as contesta, mas não tendo havido transigencias mutuas estabeleceu-se, de um lado a violencia, e, do outro, a má-vontade, a pre-deliberação de não cumprir o tratado. Tendo os Estados Unidos se desinteressado dos problemas europeus, retirando mesmo as suas forças do Rheno, onde permaneciam desde o armistício, a Europa fica num *impasse*, cuja solução ninguem póde atinar. A França está regendo sua acção por necessidades prementes de sua economia, pois os allemães, diante a invasão (é preciso não esquecer) devastaram as regiões do norte, sobretudo a zona carbonifera, de sorte que só dentro em annos será possi-

vel readquirir a anterior capacidade productiva. Não podemos esquecer tambem que a passagem dos exercitos allemães pela França foi um cataclysmo sem precedentes e nada ficou de pé, até o sólo se tornou de todo safaro. A França tem na legitima defesa a mais ampla justificativa. Mas, a Alemanha por igual se defende e ninguem lhe censurará o patriotismo.

O grande erro está no desinteresse do mundo. Se a Liga das Nações não fosse tão pomposa inutilidade, seria o caso de chamar a si, em nome da harmonia universal, a solução da crise tremenda. Uma cooperação de todos os povos, a que a America não deveria ser estranha, poderia, neste momento, tentar com exito o equilibrio mundial. Mas essa esquivança, esse "laissez faire" dos diplomatas, incita essa postura violenta em que se enfrentam de novo a França e a Alemanha, com grande risco para a paz, que póde vir a periclitar. Não comprehendemos bem a mentalidade dos estadistas modernos. Parecem velhos para o mundo novo...

HOMENS e COUSAS ESTRANGEIRAS

O caso de Margueritte

O Sr. Victor Margueritte, que em collaboração com seu irmão Paul, tinha publicado uma serie de livros respeitaveis quanto ao valor, iniciou ha poucos annos uma nova formula, que sorpreheu bastante. Abandonando o seu genero, poz-se a escrever uns livros que muitos acharam escandalosos, dos quaes o primeiro "Jouir", tem um titulo que dispensa commentarios. O exito, como é de pensar, foi grande. A edição de "Jouir" foi além dos 100.000 exemplares. Animado, Victor Margueritte continuou. A sua ultima obra *La garçonne* causou, todavia, maior alarido ainda do que a primeira. Desenhou-se um grande movimento hostil entre os homens de letras, e a questão, virando "caso", alastrou-se, ganhando outros meios. A grande chancellaria da Legião de Honra, de que Victor Margueritte era commendador, recebeu varias queixas de personalidades diversas, escriptores, professores, etc. O General Dubail, grande chancellier, diante de tamanho protesto, chamou á sua presença Victor Margueritte, que, não tendo comparecido, acaba de ser expulso da Ordem por decisão de uma comissão especialmente nomeada para julgar o caso. Anatole France fez um vibrante apello, affirmando que o julgamento sobre uma obra litteraria recahia exclusivamente contra seus julgadores, mas não foi ouvido. O Presidente da Republica confirmou por decreto a decisão da comissão. Victor Margueritte dirigio então uma carta ao Conselho da Ordem, na qual diz para começar que "agradece, com a elevação da honra que lhe conferiram, após o julgamento sublime de Anatole France, a vingança de que foi objecto", e declara voltar aos seus trabalhos. Esperemos para ver o que vai nos dar, depois de tanto barulho que, com certeza, sem entrar em mais considerações, foi excessivo.

O que se conta em Pariz

A origem de *Le Horla*

Sabe-se quem deve a Maupassant a idéa desta novella? Foi Georges de Porto-Riche. Entretanto, todos acham que ha em *Le Horla* os signaes indiscutíveis da loucura de que devla soffrer Maupassant.

Porto-Riche não gosta muito que se insista sobre este diagnostico: "Se esta novella é de um louco, diz elle com inquietude, sou eu o louco..."

Courteline, visto por Goncourt

Éis como Goncourt via aquelle que os francezes costumam chamar o segundo Molière:

"Courteline, um homemsinho da raça dos gatos magros, perdido, nadando em um amplo frac, os cabellos rijos, coilados na frente, atirados atraz das orelhas, e oinhos pretos, pequenos como caroços de pera, em um rostinho pálido. Este homemsinho: um gesticulador, tendo no sacco do seu frac contorsões de "marionette" quebrada, e isto em conversas em que, ricntado nos calcanhares, a sua palavra tem a "verve" comica a frio dos seus artigos..."

Antes e depois

Um dia, já faz muitos annos disso, um rapaz elegante, de uma elegancia talvez requintada de mais, foi fallar com o proprietario de uma pequena casa situada nos arredores de Pariz. Elle visitou o immovel e o jardim, pareceu satisfeito, porém, objectou:

— Sinto muito, mas é grande demais para mim. E' possível todavia que possa, d'aqui a alguns dias, comprar a casa, se puder. Tenho uma peça em ensaios no theatre da Porte Saint Martin. Se tiver successo, fallaremos novamente neste negocio, porque gosto muito da casa. Lastimo muito que seja grande demais...

A peça era "Cyrano de Berengerac". O elegante rapaz, era Edmundo Rostand.

Tempos depois da "primeira" de "Cyrano", o proprietario escreveu ao visitante informando-o de que a casa estava sempre para vender.

Mas Edmundo Rostand respondeu:

— Mil vezes agradecido. Reflecti; a casa é um pouco pequena para mim.

Anatole France contrabandista

Durante uma viagem que fez na Italia, Anatole France descobriu um dia, perto de Napoles, uma choupana de pescador que era quasi inteiramente construida, com pedaços de obras-primas. Por uma lira, comprou uma cabeça de marmore, uma cabeça feminina cujos olhos semi-cerrados seram cheios de langor, e quiz leval-a para França.

Mas existe um decreto que prohibe a exportação das obras de arte. Anatole France embrulhou cuidadosamente a cabeça em um cofre de madeira, e ao inspector que lhe perguntava o que continha aquelle volume, elle respondeu com ar innocente:

Niente, niente!...

O inspector aceitou esta resposta evasiva e tomou a caixa para juntal-a aos objectos; infelizmente, o fundo cedeu e a cabeça appareceu de repente.

O inspector examinou o marmore como quem conhece o aprecia a arte, admirou-a e disse a France com ironia:

Niente, niente!...

Mas nelle o orgulho nacional venceu o respeito ao regulamento. Restituiu a cabeça e disse:

—Póde leval-a. Nós temos ainda bastantes cousas bellas na Italia.

E foi graças á esta fraude ingenua, infeliz e finalmente effectiva, que Anatole France tem, no seu quarto, sobre a lareira este admiravel fragmento, inspirador de belleza.

Os Dumas e Flaubert

O pai Dumas e o filho Dumas, quando acabaram de ler "Madame Bovary", que sahira á luz havia poucos dias, ficaram violentamente irritados:

— E' um livro medonho! declarou Dumas Filho.

E Dumas pai atirou o livro ao chão dizendo:

— Se isto é bom, tudo quanto escrevermos desde 1830 não vale nada!

Manoel Gahisto e nós

Ha mais de dez annos que Manoel Gahisto é nosso amigo. Amigo paciente, devotado, espontaneo; vem acompanhando a nossa actividade intellectual com uma intelligencia e uma clarividencia que só a sua excessiva indulgencia para conosco vem limitar. Companheiro e collaborador de Philéas Lebesgue, o seu espirito, avido de conhecer o universo pensante, fortificou-se e ampliou-se no convívio intellectual do velho mestre da Neuville-Vault. Essa amizade branca e socegada, distincta e laboriosa que o une ao autor de "Au de là des Grammaires", já seria o lastante para que Gahisto nos fosse sympathico, se não lhe devessemos o que lhe devemos. Entre os multiplos dominios que tem explorado em companhia de Lebesgue, a nossa litteratura deteu-lhe mais especialmente a attenção; os estudos que consagrou ás letras brazileiras já não se contam mais, pois Manoel Gahisto vem, desde muitos annos, seguindo passo a passo a nossa produção cooperando sempre com desvello na expansão da nossa litteratura em França, tendo, entre outros, traduzido o "Rei Negro", de Coelho Netto, em collaboração com Lebesgue. A mala da Europa trouxe-nos, no mez passado, mais uma affirmação da solida e benevolente amizade de Manoel Gahisto, em um bello e substancial artigo sobre a evolução da nossa lingua e alguns autores brazileiros que publicou a "Revue de l'Amérique Latine". Preocupado com o futuro da lingua portugueza no continente americano, Manoel Gahisto estuda aquelles dentre os nossos autores que julga mais representativos da syntaxe e do estylo brazileiros. Alberto Rangel parece-lhe um dos mais typicos e louva a seducção do "Inferno Verde", "de um exotismo directo, de uma sobriedade crua, que deve o seu effeito a um estylo extremamente pessoal, todo feito de palavras raras ou de alianças de palavras raras" "E' incontestavel, diz ainda Gahisto, que os processos deste escriptor contribuem para tornar mais intensa a evocação das paizagens amazonenses, que as sorprezas dos termos ou o esforço das construcções suggeram mais intensamente as violencias e as particularidades da terra e das aguas equatoriales do que o fariam longas descripções doces ás regras correntes". Referindo-se ao interessante livro do Sr. João Ribeiro "A Lingua Nacional", Manoel Gahisto lembra tambem as considerações de José Verissimo sobre "o que falta á nossa litteratura", nas quaes o nosso grande critico defende a criação de uma lingua nossa, libertada do velho molde portuguez e que corresponda mais intimamente com o nosso modo de sentir. O Sr. Monteiro Lobato, no dizer de Manoel Gahisto, destaca-se entre os novos com vigor e autoridade. "Observador clarividente, narrador preciso e saboroso, escriptor de merito, elle parece ser tambem o animador de um movimento que seria mal vindo se só visasse transformar a grammatica, e que se torna sério, concentrando as pesquisas dos exploradores, as observações dos geographos, os votos dos pedagogos, ameaçando a ficção das letras do desmentido dos homens de estudo, reunindo emfim, impressões e conhecimentos com a realidade brasileira para fazel-as escrever em linguagem brasileira. O cuidado, emfim, tanto na materia quanto na fórma." O Sr. Manoel Gahisto que razoavelmente nos pede para não exaggerar neste caminho que bem poderia deslatinizar-nos, termina observando como é curioso o facto de nem Verissimo nem Lobato terem na sua theoria feito lugar, ao "Grande homem", quando já são personalidades que se destacam das ambições de hoje e da discussão das palavras. Aquelles dentre nós que negam haver um problema da lingua, apontamos este curto esboço de Manoel Gahisto que vem provar, com a autoridade da imparcialidade, quão importante em resultados futuros elle ha de ser.

Um manuscripto de Kipling

Um dos primeiros manuscriptos inéditos de Rudyard Kipling, de cuja existencia talvez nem mais se lembrasse o notavel escriptor da lingua ingleza, acaba de ser offerecido á venda e até aqui o mais alto lance foi o do proprio autor. Esse manuscripto contém doze paginas e é intitulado: "A' boca da mina; Impressões pessoais de Ducan Parreness... Traduzidas do seu diario por R. K." Os possuidores actuaes do valioso manuscripto pedem 800 libras esterlinas. Trata-se de um trabalho escripto em 1884, quando Kipling era apenas um joven jornalista na India. A historia que essas doze paginas reproduzem é uma satyra á sociedade anglo-indiana e refere-se aos amores de um homem por uma senhora casada. Um dos contos do seu livro "Wee Willie Winkie" tem o mesmo titulo:

"A' boca da mina... , mas, com excepção da localidade, toda a semelhança entre este e o manuscripto valioso não persiste. Quando Kipling foi informado de que o manuscripto fóra comprado pelos alfarrabistas, que o querem vender agora, das mãos de uma mulher que ninguem conhece, quiz duvidar a principio da authenticidade da obra; mas, examinando-a, reconheceu-a como sua, embora só muito vagamente se recordasse dos incidentes que o inspiraram a produzi-la. Tem havido um verdadeiro trabalho da parte dos possuidores da obra para fazel-a publicar, mas Kipling, apoiado no facto de que se trata de um trabalho cujos direitos autoraes ainda lhe estão garantidos, por vigorar o registro feito, tem-se recusado terminantemente a permittir em tal. E a proposito disto, affirma-se que justamente para evitar a sua publicação é que Rudyard apparece agora como o maior offertante da sua obra.

Consagração dispensavel

O Sr. Jean de Gourmont, cujo merito maior está em ser irmão do prodigioso Rémy, informa-nos no *Mercure de France* de que um grande magazine francez, tendo proposto aos seus leitores de eleger doze marechaes das letras, os quatro primeiros escriptores eleitos foram, na seguinte ordem, Paul Bourget, Pierre Loti, Anatole France e Henry Bordeaux. O Sr. Jean de Gourmont, que um cansaço latente parece ter immobilizado na mais irreductivel indifferença, acha isso natural. E de facto é natural que um publico de magazine distribuia com esse criterio os louros da sua admiração plebéa; — o que não o pode ser é que um critico do *Mercure*, revista a que não falta independencia, ratifique tal "juízo" sem protesto. Isso nos mostra, — com que desesperadora evidencia! — que o publico francez, que tanto tem que admirar nos novos, está como o nosso a vinte annos atrás, parecendo não ter sentido, nem sequer de leve, o formidavel abalo da guerra, que quasi tudo varreu, inclusive os romancistas de salão como o Sr. Paul Bourget. Deixemos de parte o Sr. Pierre Loti, que, embora usado e desusado perante o novo espirito que surgiu das cinzas do mundo desmoronado, embora já se perdendo nas brumas de um passado litterario que não foi de todo despido de brilho mas não corresponde mais ao nosso modo de sentir e conceber a vida, foi um bello artista, um lyrico commovido, um pintor sensível, cujo *Ramuntcho* merece consideração. Mas não se pôde ver sem soffrer o nome de Anatole France figurar ao lado dos de Paul Bourget e Henry Bordeaux. O Sr. Paul Bourget, cujos romances se podiam supportar lá por volta de 1890, quando o triste seculo passado agonizava numa atmosphera de levandade banal e de scepticismo inglorio, morreu, morreu para sempre e duplamente, se assim se pôde dizer, com o seu *Démon de Midi*, em 1914 (pois a guerra o matou e os seus livros posteriores excederam consideravelmente a sua habitual mediocridade), e morreu não tendo existido já mais senão na imaginação das velhas baronezas do faubourg Saint Germain, das virgens burguezas avidas de saber algo da vida e das irrisorias subtilidades do amor *fin de siècle*, (pois o amor tambem evolue segundo o espirito das epochas) e da enorme legião daquelles que lêem como se fuma, para enganar o proprio tédio, que aliás não se deixa enganar assim. O Sr. Henry Bordeaux seria impagavel se não fosse sinistro. Elle merece o primeiro e não o quarto lugar na consideração dos Imbecis, suppondo-se que os Imbecis possam resistir á influencia soporifica irresistivel que se desprende das suas paginas sem cor, sem sabor, sem nada, cuja ineptia attinge ao transcendente, além da setima camada de que nos falou Zola, — se não foi Flaubert. Não se pôde explicar a presença de Anatole France ao lado destes dois tristes senão por um espantoso milagre. Foi pelo prodigio de uma obra que permanece acima de todas as epochas, não podendo já mais envelhecer, pelo feltço de um estylo cuja harmonia olympiana encanta até aos mais tapados brutos. — nova lyra de Orpheu, — que Anatole France vê hoje o seu nome admirado em todas as categorias de mentalidades, impondo-se a todos os espiritos, desde os mais elevados até o Sr. Osorio Duque Estrada, que occupa na escala litteraria o lugar do pithecanthropo na escala anthropologica. Não obstante o valor desta eleição, que revela uma victoria verdadeiramente universal, o grande Anatole France não precisava de tal consagração, pois sendo confundido com inferiores está arriscado a ser collocado no mesmo plano, quando domina em vez de insinuar-se, e, como reza o velho rito: antes só do que mal acompanhado.

O fim de um destruidor

Acaba de morrer em Paris esse louco alemão, que o mundo teve que supportar por tanto tempo: Max Nordau. A nossa imprensa não perdeu essa occasião de mostrar mais uma vez a sua ausencia absoluta de cultura, que costuma tão bem fundir com o seu furor pathologico de ruído frenetico: não vimos nós estampado em um dos nossos maiores jornaes que tinha morrido "o maior philosopho contemporaneo?" Para ser grande e glorioso, no nosso Brasil, basta ter felto muito barulho durante a vida. E que dizer do criterio dos nossos "criticos" que acham que o livre "As mentras convencionaes da civilização" de Nordau "lembra o grande Voltairc, pelo esprito, pelo sarcasmo, pela expressão philosophica." (!) Que adjectivo reservaria Voltairc para os nossos jornalistas, elle que chamava Maupertuis de nescio? Deixemos todos os nossos criticos de lado, isolando delles Severiano de Rezende que nos deu, na sua chronica, uma ligeira mas justa opinião de Max Nordau que foi, diz elle, "um máo propheta e um máo apostolo." Max Nordau não deixou nada. Atravessou a vida com uma raiva devastadora, insultando á belleza, ao genio, a tudo o que faz que o homem, atomo insignificante, possa ás vezes ser grande. Foi um destruidor perverso, um triste exemplar de nullidade invejosa e allucinada de odio e de fel. Nada construiu, nada edificou. Passou levando o brandão incendiario pelo mundo afóra. Não nos cabe, nesta breve noticia, estudal-o mais afundadamente. Max Nordau foi aliás, já ha annos, perfeitamente e profundamente stygmatisado entre nós por Elysio de Carvalho, no seu notavel livro *Barbaros e europeus*. Max Nordau, segundo Elysio de Carvalho é um caso de atavismo historico, que "por um luxo de despeito", "procurou reduzir a uma simples manifestação de vesania, e mesmo de perfeita loucura, a genialidade contemporanea" Leva nas suas veias o sangue ignobil "dessa raça eternamente enferma que é o povo de Israel", que, com raras excepções no dominio da arte, e isto ainda com a sua fraqueza peculiar, vem corrodando tudo em que toca, por uma fatalidade diabolica e nefanda. Esse judeu parece que incarnou toda a raça judaica, "cujo espirito sacerdotal, diz ainda Elysio de Carvalho, venceu Roma, a herdeira da tradição grega e do idéal aristocratico, o berço da raça mais forte e mais noble que tem vivido na terra", essa raça cuja odiosa missão no correr dos ultimos vinte seculos consistiu em retardar todo progresso intellectual, em apoucar, diminuir, roer sorrateiramente todas as bellas conquistas do espirito aryano, em envenenar ou contaminar toda criação victoriosa, em proveito do seu obscuro interesse e do seu perigoso idéal de dominio exclusivista, cuja floração ultima é o bolchevismo, obra dos judeus russos.

Max Nordau, representante typico desse espirito infernal, procurando fazer desaparecer da terra o culto da belleza e a flôr do genio hellenico, só merece execração.



O Fascismo no México

O México admiravel e idealista acaba de imitar o exemplo italiano e, para dar combate ao maximalismo que para alli se quer transmlgar, fundou o partido fascista, nos moldes de organização de Mussolini, que vai rebentando tambem na Hungria, na Baviera e na Allemanha. A Junta organizadora do fascismo mexicano, em nome da liberdade humana e dos altos principios do patriotismo, lançou um manifesto á nação, em que delineia o programma do blochevismo. E' um grito de liberdade esse do momento: liberdade religiosa, social, politica, de propriedade e de consciencia. Nesse anhele se constitue o fascismo mexicano, disposto a defender a lei, desde que seja no beneficio da nação e não espoliativa de uma ou mais classes, em beneficio de outras. Eis a synthese do programma dos fascistas mexicanos: "O fascismo mexicano foi constituido para velar pela applicação da lei em beneficio universal, porque não é ella attributo exclusivo de ele-

mentos privilegiados. O capital, o trabalho livre, o syndicalismo, a classe media, viciada, muitas vezes, da pugna entre aquellos dous grandes factores, os professionalistas, os empregados, os particulares, todos têm direitos e a todos incumbe obrigações que devem respeitar para que se conserve o equilibrio social. Não queremos, com isso, manifestar que seremos inimigos dos trabalhadores syndicalizados, nem que trataremos de levar por terra as vantagens legitimas que hajam adquirido os seus gremios, porém, manifestamos, sem dar lugar a duvidas, que, quando tratem quaesquer elementos da sociedade, de sobrepor-se, indebitamente, aos demais, de impor-lhes uma justificada dictadura, de florescer ás costas dos outros, estaremos sempre dispostos a combater com toda energia semelhantes abusos, para que não subsistam essas tyrantias que não têm razão de ser, nem foram reconhecidas em nossas leis e que são, em extremo, deprimentes para a communhão social."

A união dos povos latinos

Um dos ultimos numeros de "Le Monde Nouveau", de Paris, do qual são directores os Srs. E. Van der Vlugt e Gustave Louis Tautain, publica um artigo do S. Ferdinand Lop sobre "A união dos povos latinos". Desde o armistício, diz o autor, o choque economico entre as nações, e attingirá logo, se não tomarmos precauções, a uma terrivel acuidade. E então veremos o odio que se manifesta entre os aliados de hontem, o odio disfarçado em luta economica. E contudo, nenhuma nação faz um gesto para impedir que taes acontecimentos se produzam. Os povos assistem indifferentes a esse estado de coisas. Ha dous annos, em Julho de 1921, no Jardim do Palacio Real, em Paris, onde precisamente um seculo antes Camille Desmoulins lançou sobre os povos oprimidos o grito de liberdade, nesse jardim historico se inaugurava um monumento elevado á gloria do genio latino. Teria despertado a latinidade? A latinidade é uma força vinda do Oriente, é a propria civilização, é o reino da justiça e da liberdade. Roma, na sua gloria, deu a justiça ao mundo. A França, pela revolução de 1789, lhe deu a liberdade. A propria victoria é uma victoria latina, porque foi o genio latino que triumphara da mais odiosa barbaria dos tempos modernos. E no entanto, todos quantos constatarem o triumpho da civilização latina, verificam, com tristeza, a ausencia, em quasi todos os estadistas dos paizes latinos, de toda politica latina. Mas esses povos latinos não se contam entre os mais illustres da historia contemporanea, da Italia, de Portugal, de Hespanha. Como não perceber as immensas vantagens, os resultados beneficos que recolheria o mundo inteiro de uma tal orientação, para o hem da civilização? A França e a Italia estão particularmente indicadas para tomar a iniciativa de uma politica latina. O Mediterraneo deve ser um mar verdadeiramente latino. Entretanto, as tres entraças que lhe dão accesso, Suez, Gibraltar e Constantinopla, estão sob os canhões da Grã Bretanha. A França e a Italia são os dous campeões da latinidade: unidas intimamente e rodeadas das outras nações latinas, ellas deveriam formar o bloco poderoso na vanguarda da civilização dos tempos modernos, que se tornaria, no continente europeu, e no mundo inteiro, o "pivot" da paz universal. Actualmente, nós assistimos a uma recrudescencia de imperialismo economico. Apesar das difficuldades internas, a Inglaterra não cessa de desenvolver por todos os meios a sua potencia economica, assenhoreando-se dos mercados em que antes da guerra a Alemanha dominava. Isso, notadamente, nesses paizes latinos da America do Sul, onde a actividade economica latina e europea devia occupar o primeiro plano. As nações latinas deveriam fazer o mesmo. Por outro lado, a Alemanha, bafejada pela Inglaterra, procura retomar o seu lugar no mercado industrial, ameaçando entre outras a industria italiana. Não poderia a França auxiliar a industria italiana, e celebrar com a Italia um tratado de commercio? Não esqueçamos tambem o imperialismo dos Estados Unidos, que se estende economicamente, até a Europa. Se os povos latinos não se apercebem disso, serão logo inferiores, na ordem economica, ás nações anglo-saxonicas. Ao ver do articulista, é preciso que se faça uma união intima, uma verdadeira alliança, de ordem politica e economica, entre os grandes e pequenos povos latinos. Dessa alliança dependerá a sua independencia reciproca, e poderá essa liga la-

tina servir de base solida a uma vasta sociedade de nações, onde a França representaria o papel historico que sempre teve: o de campeão da liberdade humana.



Appello aos prosadores brasileiros

Amigos de Portugal, defensores do espirito e da cultura lusitanos, — que por uma aberração inqualificavel tem encontrado no nosso paiz um numero infelizmente elevado de baixos detractores, — é sempre desvanecidos que registamos os gestos cordeas que nos chegam, frequentes, da velha terra dos nossos antepassados. E' bom de vêr que os nossos amigos portuguezes sabem, embora afastados, discernir o valor exacto dos ataques que lhes são dirigidos, desprezando-os e permanecendo, sem rancor nem amargura, ao nosso lado pelo affecto e pela admiração. Não queremos delixar de agradecer hoje, em nome dos lusophixos da Academia Brasileira, que acaba de demia de Sciencias de Lisboa, que bem assim lançar em carta que nos dirigio, e bem assim a Academia Brasileira, um appello que deve ser correspondido pelos nossos prosadores, velhos e moços. Os escriptores brasileiros são pouco conhecidos em Portugal, diz Souza Costa, por não haver lá facilidade de os adquirir nas livrarias. Com o cambio actual o livro brasileiro fica hoje por um preço excessivo e além disso, os nossos editores não mandam sequer amostras aos livreiros portuguezes. No intuito de tornar os nossos editores, que elle admira, conhecidos do grande publico leitor de Portugal, Souza Costa teve a feliz idéa de crear uma bibliotheca, a "Leitura de hoje", publicação bi-mensal cujo preço será apenas de 50 centavos, pondo-o ao alcance de todos. E para tornar effectiva a sua iniciativa, que tão relevante serviço virá prestar ás nossas letras, Souza Costa pede aos nossos escriptores, por intermedio da *America Brasileira*, que lhe cedam o direito de publicar na sua "Leitura de hoje" uma novella ou outra qualquer curta produção. Este convite é dos mais honrosos. O nome de Souza Costa figura entre os primeiros nas letras portuguezas. Souza Costa, escreve o grande Julio Dantas, "possue a exuberancia, a vehemencia, a paixão; por vezes domina, persuade e arrebatava; dispõe de um notavel poder de expressão verbal que lhe permite atirar o maior partido das suas eminentes aptidões de observador dos aspectos e dos caracteres. Dos seus livros, *Fruito prohibido* é, acima de tudo, um romance de observação; *Sempre Virgem* é, determinadamente, um romance de acção; *Coração de Mulher* é, na sua perturbadora eloquencia, um romance de paixão." A estes romances que revelam um talento abundante, diverso e multiforme, convém acrescentar a novella *A Féra*, em que as qualidades de Souza Costa attingem a um maior grão ainda do que nas suas obras precedentes. E', pois, um padrinho prestigioso, esclarecido e grande que as letras brasileiras têm doravante em Portugal, e a *America Brasileira* promptifica-se a fornecer quaesquer outras informações.



O "Aleijadinho"

O Sr. Djalma Andrade, em artigo publicado na imprensa desta Capital, divulga interessantes notas acerca do *Aleijadinho*, o mais antigo e interessante dos nossos esculptores as quaes para aqui transportamos:

"As obras que tratam de historia e de arte apparecidas ao festejarmos a nossa independencia politica não fallam no "Aleijadinho", o mais antigo esculptor mineiro e uma das figu-

ras mais interessantes de artista. Apesar de mutilado pela molestia que o deformou tornando-o hediondo, Antonio Francisco Lisboa, o "Aleijadinho", trabalhou incessantemente e as suas obras em cantaria, ahi estão pelos templos de Minas a proclamar a genialidade do infeliz esculptor. Saint Hilaire foi a Congonhas do Campo, expressamente para ver os prophetas do antigo testamento esculpidos pelo "Aleijadinho" e, com o seu apurado espirito critico, affirmou: "Ces statues ne sont pas des chefs d'oeuvres, sans doute, mais on remarque dans la maniere dont elles ont été sculptées, quelque chose de large qui prouve dans l'artiste un talent naturel très prononcé"

Com a cultura restrictissima que possuía, sem dispôr do auxilio das mãos, aleijado, minado pela syphilis que o devastou, Antonio Francisco Lisboa, que viveu ha quasi dous seculos e que nunca sahio de Minas para desenvolver, pelo estudo, a sua vocação, não poderia nos dar obras mais perfeitas que essas que até hoje admiramos nas mais ricas igrejas do Estado. Nesses prophetas, não raro, o "Aleijadinho" conseguiu, num rasgo de superior inspiração, gravar uma physionomia de espanto, pureza, resignação e fé, dando ás suas estatuas feitas numa pedra aspera, sem a nobreza do marmore, guilado apenas pela intuição, nela espontaneidade do seu talento verdadeiramente notavel. A estatua de Ozéas está na sua attitude de resignação e obediencia, tão de conformidade com o texto latino que empunha, a provar a divina chamma que ardia no cerebro do infeliz artista que a esculpio. Não ha quem vendo essa estatua, não admire a habilidade do buril que soube dar ao bloco impassivel a expressão de resignação feliz, de obediencia ao conselho divino, de prazer, tão de accordo com a legenda que o propheta traz nas mãos: *Accipe adulteram, ait Dominus mihi: id exequor illa facta usor*. Nessa estatua, talvez a melhor das esculpturas do "Aleijadinho" em Congonhas do Campo, vê-se perfeitamente que o artista sabia dar expressão á pedra, illuminando-a. A physionomia de Ozéas é do homem agradecido a Deus, do homem feliz que vê na fecundidade da mulher que tomou por esposa a sua reabilitação moral.

E' lamentavel, pois, que não tenhamos, entre os livros apparecidos no "Centenario", a biographia do infeliz artista mineiro. E' estranho que nem um pintor de notoriedade se lembrasse de immortalizar, numa tela de grande valor historico, a figura inconfundivel e interessantissima do "Aleijadinho", o homem mais feio do seu tempo. A sua propria fealdade deveria causar pruridos nos pinceis dextros da nossa terra. O seu perfil está admiravelmente traçado por Rodrigo Ferreira Bretas, numa chronica existente no Archivo Publico Mineiro. "Antonio Francisco perdeu todos os dedos dos pés do que resultou não poder andar senão de joelhos; os das mãos atrophiaram-se e curvaram, e mesmo chegaram a cair, restando-lhe somente, e ainda assim quasi sem movimento, os pollegares e os indices. As grandes dores que de continuo soffria nos dedos e a acrimonia do seu humor choleric o levaram, por vezes, ao excesso de cortar-os elle proprio, servindo-se do formão com que trabalhava! As palmeiras inflammaram-se e permanecendo neste estado, offereciam á vista sua parte interior; perdeu quasi todos os dentes e a bocca entorpecou-se como succede frequentemente ao estuporado; o queixo e labio inferiores abateram-se um pouco; assim o olhar do infeliz adquirio certa expressão sinistra e de ferocidade que chegava mesmo a assustar a quem quer que o encarasse inopinadamente".

O perfil moral de Antonio Francisco Lisboa é tambem conhecido. Vivia irritadissimo, era de uma rudeza incrível. O horror do ridículo, do motejo, da zombaria impiedosa fazia com que o desventurado esculptor vivesse em continua luta com seus contemporaneos. Contam que fora um dia chamado a palacio pelo governador General Bernardo José de Lorena, que lhe queria incumbir a execução de certo trabalho. A principio negou-se com parecer á presença de tão alta personalidade. O seu temperamento rude e a sua natural misanthropia aconselhavam-no a afastar-se de quaesquer relações. Muito instado e afinal prevendo interesse, foi. Quando chegou á porta do palacio, o ajudante de ordens do General Bernardo de Lorena, Coronel José Romão, não podendo sonitar o seu espanto ante tamanha monstruosidade, exclamou, afastando-se: — Feio homem! Foi o quanto bastou para que o "Aleijadinho" sahisse precipitado para a rua arrependido de ter accedido ao convite. Mas a figura esguia de José Romão lhe ficou, pelo rancor, gravada nitidamente na imaginação e, no primeiro bloco de granito que trabalhou, esculpindo um *Judeu*, na ansia de se vingar, gravou na pedra, nivelmente, os traços physionomicos do aju-

dante de ordens do General Bernardo de Lorenna, imitando sem o saber, nesse gesto de desaffronta, o genio que, na pintura da capella sixtina, galhardoava os demonios com os traços fleis dos seus mais ferozes inimigos. Mas o monstro era bom, ganhando apenas uma oitava de ouro por dia (mil e duzentos naquelle tempo), dava metade dessa quantia ao seu escravo Mauricio, que tinha verdadeiro fanatismo pelo seu generoso amo"



R. Blanco-Fombona: **EL CONQUISTADOR ESPAÑOL DEL SIGLO XVI.** Ensayo de interpretación. Editorial Mundo Latino, Madrid, 1923. — Dentre os vinte volumes que constituem o cabedal literario do A., poemas, romances, contos, ensaios de sociologia e estudos historicos, é este, sem duvida, um dos melhores. Nelle encontramos as mesmas qualidades que caracterizam esse bom escritor, tão conhecido e estimado na Europa e na America do Sul, mas agora apresenta-se mais senhor de seu pensamento, de sua expressão e da sua cultura. Livro sereno, em que a unidade das idéas é tão perfeita quanto é harmonioso o estylo, Fombona tratou o assumpto com amor, com estremada preocupação da verdade e com aquelle entusiasmo constructivo que communica tão grande encanto á obra de Ghebart ou de Ferrero. A epopeia da conquista espanhola é estudada á luz dos methodos actuaes de interpretação dos phenomenos sociaes, e os proenitores das actuaes sociedades americanas apparecem revestidos de seus attributos, qualidades ou defeitos, integrados na sua função e rehabilitados perante a historia, cujo objectivo não é condemnar ou exaltar, mas simplesmente seleccionar valores. Depois de estudar em doze capitulos os caracteres psychologicos da raça, explica a personalidade do conquistador, a época a que pertence, o meio onde actuou e os resultados da sua acção, para concluir assim: "Gracias á ellos (conquistadores) pudo España crear lo que, bueno o malo, existió durante siglos y la raíz de lo que existe hoy y en lo futuro existirá. España, por su parte, dió lo que tenía. Pobre fué siempre en hombres de Estado, en hacendistas, en buenos e pulcros administradores de la cosa publica; fertil en burócratas inescrupulosos, en jueces de socalla, en oligarquias que puzieron su conveniencia por encima de la conveniencia de la Nación. Largas paginas se han dedicado en esta obra a comprobarlo. Lleguemos ahora a la conclusión de aquellas prolijas premisas: como iba a darnos España lo que no tenía? como culpar a los conquistadores de ser como por herencia, por educación, por tradición, por oficio, por época y por medio tenían que ser?". Fombona conclue, com razão, que o conquistador espanhol, como todo aventureiro, não é nem o bandido de Heine nem tão pouco um santo, mas simplesmente um expoente da época a que pertence, com as virtudes do tempo e os defeitos da nação de que procede. Aos estudiosos e aos letrados recommendamos a leitura da obra de Blanco-Fombona, interessante sob todos os aspectos e formosa lição da historia colonial espanhola, que se aprende com prazer e proveito. Principalmente por certa ordem de gente precisava ser lida e meditada, afim de que corrija a sua visão acerca da empreza formidavel realizada pelos portuguezes no nosso país. Então verlam os injuriadores de nossas origens se os castelhanos foram melhores conquistadores que os portuguezes.

Isaac Goldberg: **LA LITERATURA HISPANO-AMERICANA.** Estudios criticos. Versión castellana de R. Cansinos Assens. Prólogo de E. Diez-Canedo. Editorial America, Madrid, 1922. — O Sr. Isaac Goldberg é o que se chama um critico didactico. Objectivo e imparcial, dotado de um espirito positivo e possuindo o senso das proporções, assaz penetrante, fez obra util. O primeiro capitulo da obra do escriptor americano, ago-

ra incorporado a bibliographia hespanhola mediante uma tradução muito recommendavel, versa sobre a renovação modernista nas letras hispano-americanas, graças á influencia de Ruben Darío, José Enrique Rodó, José Santos Chocano, José María Eguren e Rufino Blanco-Fombona, que constituem o objecto dos demais capitulos do ensayo. O estudo sobre *La renovación modernista* está cheio de idéas, suggestões e observações dignas de serem divulgadas no nosso meio para que se conheçam as origens, o desenvolvimento e os resultados de uma das mais fortes manifestações do movimento literario ibero-americano dos fins do seculo XIX e começo do seguinte. Goldberg assignala o que deve a litteratura hispano-americana á influencia franceza e, em seguida, mostra qual o valor, a posição e a actuação de seus principaes precusores americanos, taes como Gutierrez Nájera, Casal, Martí, Silva, Diaz Mirón, Nervo e Martínez. Por ultimo, procurando saber se na America hespanhola existe uma litteratura propria, com peculiaridades, caracteres e finalidades definidos, distintos, differencias, conclue por affirmar que o americanismo literario é o precursor artistico de uma unidade politica. A segunda parte do livro não é menos interessante. O capitulo V, consagrado a José María Eguren, revela-nos a personalidade assaz curiosa de um poeta peruano inteiramente desconhecido no Brazil, e de quem diz o critico: "Hispano-america deberla oír más su nombre y España tambien". De Ruben Darío escreve no ensayo que vae de pagina 119 a 208: "Tal es la notable figura que de tal modo dominó una época que su nombre sólo sirve para caracterizala... Crystallizó en sus versos una época: transformó un lenguaje; infundió nueva vida a la muza castellana; conservó su propia personalidad a tiempo que se asimilaba y absorbía todas las corrientes que surgían durante su evolución; llega a ser, com hemos visto, una figura legendaria, aun en vida. Puede equipararse no sólo a los más grandes poetas que han escrito en lengua castellana, sino tambien a los maestros de la poesia universal...". O seu julgamento sobre Rodó é este: "Irradiación, serenidad, unas miras clarísimas apesar de su profundidad, sociologo clasico, combinado com um concepto dinámico de modernidad, juventud intelectual eterna: he ahí los atributos distintivos de un pensador cuyo influjo no deberia limitarse a la lengua española." Chocano, o cytharedo de *Alma América*, tem tambem um lugar distincto na galeria de Goldberg, que, embora lhe faça certas restricções e contenha o excessivo entusiasmo dos que o proclamam o poeta da America, o considera admiravelmente dotado para a arte. Acerca de R. Blanco-Fombona, Goldberg, no capitulo VI, que abrange as paginas 344 a 414, e é o ultimo do livro, externa conceitos que temos o prazer de verificar coincidiem com o julgamento que ha tempos formulamos aqui sobre o poeta, critico, romancista, sociologo e polemista venezuelano. "Fombona es una de las primeras figuras de hoy. Extraña figura humana: poeta de acción, poeta de pensamiento, complejo de alma lo mismo que de obra, muy del presente, no poco del pasado y algo del porvenir. Su vida está llena de erros, pero no menos llena de gloria. Vivió al minuto y vivió intensamente; a menudo se equivocó, pero nunca fué injusto a sabiendas. Amigos y enemigos supieron siempre cuál era su actitud: es francamente sincero... Es todavía hombre joven, aunque ha cambiado, naturalmente, apaciguando-se con el trascurso de los años. A inenos que acontecimientos futuros le obliguen a lanzarse a puros polémicos, parece destinado a crear poesia y novela de valor distintivo y perdurable." Este capitulo é imprescindivel a quem deseje melhor conhecer a robusta, singular e suggestiva personalidad de Rufino Blanco-Fombona. Ahí está una rapida noticia, em que consiste o livro de Isaac Goldberg, conhecedor profundo da litteratura hispano-americana, critico sizo e bem orientado, e escriptor que sabe o que diz e se exprime com grande poder de convicção. Terminada a leitura da obra do auctor norteamericano, lembramos com tristeza do estado de degradação ou de miseria em que cahiu a critica no Brasil, conflada a escribas sem letras e sem probidade.

Francisco Rivas Vicuña: **LAS GUERRAS DE BOLIVAR.** Primera guerra, 1812-1814. Formación del alma venezolana. Editorial Victoria, Caracas, 1922. O A. é ministro plenipotenciario de Venezuela no Chile e a obra, que

será segunda de um segundo volume, em que se estudará a formação da patria venezuelana, foi mandada publicar por ordem e conta do governo do general Vicente Gomez. A bibliographia boliviana é hoje assaz copiosa, e este volume de L. Francisco Rivas Vicuña é trabalho meritorio, sério e honesto que terá lugar distincto entre os innumerables livros, monographias e ensaios que se escreveram nestes ultimos annos sobre a extraordinaria figura de Simón Bolívar, promovedor da Independencia das republicas americanas de origem castelhana e formidavel dominador de povos. O autor da obra em questão pretende emprender um estudo em que o Libertador appareça "desnudo para que se vean sus cualidades y sus defectos, para que se aprecie al hombre que trazó rumbos de libertad y de unión americana, al que acarició ideales que entonces se llamaron locuras y que se van realizando gradualmente" Firmado nesse proposito e com a melhor vontade de não desviar-se de seu ponto de partida, o A. reconhece que a sua tarefa é ardua, difficil, sobremaneira delicada: "Hay errores en su obra y los manifestaremos para que no se incurra en ellos; hay grandes directrices morales y politicas y las acentuaremos para que sirvan de regla a los responsables que dirigen a los pueblos. La tarea Integral es ardua; debemos seguir el Libertador desde su alegre mocedad, casi libertina, hasta el abatimiento final en que la abandonó el cuerpo que dió al servicio de su causa y en que cayó en vértigos su espíritu ante el abismo de la mesquindad de los hombres. Iremos por sus huellas, paso a paso, midiéndole a cada instante de modo que las humildades de los días de preparación no influyan para juzgarle en las magnificencias de su mayor potencialidad. Trataremos de apreciar cada acto únicamente con las responsabilidades del momento, para que de este análisis se derive la enseñanza exacta que perseguimos. Ardua es la tarea, digimos, y hoy nos concretamos el estudio de las jornadas de 1812-1814 en las cuales el esfuerzo, el patriotismo, la ambición de Bolívar, si se quiere, fundieron el molde de algo que no existió antes de él". Com intelligencia com brilho e, até certo ponto, com imparcialidade, L. Francisco Vicuña conseguiu levar a cabo a primeira parte da sua tarefa, que é a de mostrar qual o papel de Bolívar na formação da alma venezolana. O A. sahiu-se, pois, galhardamente da empreza, o que faz augurar-lhe igual éxito para o segundo volume de sua obra, destinada á formação da grande republica, patria do Libertador. Trabalhos como *Las guerras de Bolívar* honram á cultura historica no continente.

Antonio Caso: **DISCURSOS A LA NACION MEXICANA.** Librería de Porrúa, Mexico, 1922. Figura das mais insinuantes da moderna geração. Antonio Caso é ao mesmo tempo um dos mentores mais acatados da "elite" intellectual mexicana, que tem nelle um guia esclarecido, seguro e cheio de fé. Reitor da Universidade Nacional do Mexico, membro correspondente da Real Academia Espanhola e do Instituto Internacional de Sociologia, até hoje publicou os seguintes livros: *Problemas filosoficos*, *Filosofos e doctrinas morales*, *El concepto de ley natural*, *La existencia como economia, como desinterés y caridad* e *Dramma per musica*. Os *Discursos*, mais talvez que qualquer outro de seus livros, dão uma medida da força do seu talento, extensão de sua cultura e de seus nobres, altivos e generosos ideaes. Antonio Caso é ao mesmo tempo um pensador e um homem de fé, e, principalmente, um reformador, optimista, e cheio de uma grande confiança na grandeza maior de sua patria. Falando á forte nação mexicana, é orientado por um nacionalismo são, abundo, generoso e constructivo. Neste livro, encontram-se discursos e estudos sobre a cultura latina e nossa America, o genio espanhol, o descobrimento da America, catholicismo, jacobinismo e positivismo, o bovarismo nacional, Justo Sierra — o amante, o sceptico e o historlador, educação, etc. Teremos aqui occasião de tratar mais longamente de Antonio Caso e de seu formoso labor philosophico e reformador.

Juan Ruiz de Alarcon: **LOS FAVORES DEL MUNDO.** Cultura, Mexico, 1922. É uma edição comedia do dramaturgo mexicano Alarcon, que, com Lope de Vega, Calderón y Tirro de Molina, representa o theatro classico espanhol, rico e artificioso. Nascido no Mexico em 1581 ou 1586, onde viveu até o

tal, que os Srs. Monteiro Lobato & C. editaram com sensível carinho e onde as mesmas qualidades de perquiridor e plasmador vigoroso de alma fixam com brilho curiosas creaturas que a vida sacoleja em fraquezas moraes, arrebatamentos e paixões doentes. De que morreu João Feital é a historia de um amor sem jubilo. E' a paixão de João Feital, um pobre funcionario, pela Gracinha, filha do velho Cezidio Casanova, tambem funcionario do Estado. Feital é tímido e emotivo, fraco e palerma. Gracinha namorava o bacharel Eleuterio Guerreiro, que um dia zarpa para Alagoas (o romance transcorre em Pernambuco) e a abandona. Augmenta a paixão de João Feital, que um dia a pede em casamento, vencendo a ambição materna, que só vê bom casamento com "moço formado". Feital tira a sorte grande, é promovido, enche-se de felicidade. E mesmo feliz é pusilanime, covarde, indeciso e molengo. A' propria noiva, a sós, pergunta um dia: "Quando nos casarmos consentirá você ao menos em que lhe beije? Os dias correm. Eis que aparece em Recife o Dr. Guerreiro, que suppunham casado já. Gracinha rememora o amor e a ingratição do bacharel e agarra-se-lhe de novo ao coração, sabendo-o solteiro ainda. João Feital vê que é um homem ao mar. Gracinha rompe o compromisso. Elle roja-se-lhe, pequenino, aos pés. Amargura-se, pensando de amor. O Dr. Eleuterio triumpho. Uma noite João Feital, por uma denuncia, vai surpreender, a deshoras, o Sr. Guerreiro e Gracinha, á janelia, em colloquio. Arremette contra Gracinha e o outro. Lucta, promove escandalo. Enlouquece. Foge uma noite do hospicio e da ponte de Santa Izabel atira-se ao rio, de onde "tres dias depois foram eu-central-o a meio da agua verde, inchado, deforme, olhos comidos, a face livida e horrivel". No decorrer do romance surgem almas curiosas como a da mãe de Gracinha, a do pai, coronel Cezidio; a do Jesualdo Fragata e do proprio Dr. Guerreiro. De que morreu João Feital é, finalmente, um bello romance, honrando a litteratura pernambucana e augmentando os meritos intellectuaes de Lucilo Varejão

LE LIVRE DES LIVRES.

Esta anthologia critica mensal das novas obras litterarias, de que cada numero contem a critica, a analyse e importantes trechos extrahidos dos volumes recentemente publicados em França, proporciona uma leitura variada, de actualidade e permite pôr-se rapidamente ao par das novidades e fazer-se a escolha com criterio. E' bem util uma tal revista em uma época em que tudo é tão caro. Recomendamos particularmente o *Livre des Livres* ás pessoas que não têm tempo para ler, nem mesmo percorrer os volumes novos e que não querem — ou não pôde compral-os e que se acham no emtanto, pela sua situação social, sua profissão ou seu simples desejo de entreter a sua cultura litteraria, na obrigação de conhecer convenientemente a produção contemporanea.

As assignaturas para o Brazil são de 16 francos por anno e 8 fr. 50 para seis meses, sendo, porém, provavel que este baixo preço venha a ser augmentado no correr do anno. Ainda restam algumas raras colleções dos 23 primeiros numeros, que são enviados para o estrangeiro mediante 32 francos; ellas contem a critica, a analyse e trechos de mais de 350 volumes recentes, na maioria assignados por escriptores cujas obras um letrado não pôde ignorar. Uma escolha de 12 numeros é remetida mediante 16 francos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Sr. Gaston Moussé, 8 rue du Marché des Patriarches. Pariz — Ve. — França.



REVUE DE L'AMERIQUE LATINE, janeiro de 1923, Pariz. Esta revista publica-se sob a direcção dos Srs. Ernest Martinenche, Charles Lesca e Ventura Garcia Calderon. O sumario deste numero é assás interessante. Nelle figuram, entre outros, um artigo de Garcia Calderon: *Sur l'esprit des lettres co-*

loniales e um estudo de Napoléon Pacheco, intitulado *Les courants littéraires de l'Amérique Centrale*. Dominique Braga occupa-se da *Démographie Brésilienne*, e Marios André continúa o seu ensaio sobre *Bolívar et la Démocratie*. Ainda a assignalar: *Le roman français contemporain*, de Pierre Mille. O noticia-rio é, como sempre, muito copioso e escolhido.

LE MONDE NOUVEAU, 1 de janeiro de 1923, Pariz. Esta interessante publicação, dirigida pelo Sr. Gustave Louis Tautin, insere em cada numero materia digna de leitura. No fasciculo em questão, destacam-se os seguintes trabalhos: *En Rhénanie*, de Jean Ajalbert, da Academia Franceza; *Comment doivent écrire les philosophes*, curioso inquerito organizado por Constant Bourquin, com as respostas de Pierre Lasserre, André Lalande e Frank Grandjean; *La question linguistique en Belgique*, por Elie Baussart; e *Le problème du féminisme*, por Fernand Merlin, etc. A quinzena internacional compõe-se de uma serie de chronicas politicas, artisticas e sociaes assignadas por J. Ernest-Charles, Paul Souchon, Henri Asselin, Raoul Monmanon e outros. Traz ainda como supplemento o romance inedito, fasciculo á parte, *La séparation des races*, de C. T. Ramur.

THE NEW WORLD, novembro e dezembro de 1922, Londres. O sumario deste numero contem: *Lloyd Georges downfall and the near cast*, pelo editor; *The conflict between England and Europe*, por Léon Joge; *An intercolonial policy*, por Albert de Pouvoirville; *The New America*, por Denis Gwynn; *Trade-unionism in Sweden and Dinamarca*, por Paul Louis; *The men of tomorrow in Italia*, por Montecitorio; e *Great-Britain and the Rhené*, por Paul Vinereu.

NOSOTROS, dezembro de 1922, Buenos Aires. E' esta uma das melhores publicações do continente, e o seu sumario é sempre variado, nelle figurando nomes dos mais representativos da litteratura e das sciencias sul-americanas. Destacam-se neste numero os seguintes trabalhos: *La filosofia de la historia y la biologia*, de Roberto Cabrea; *La nueva generacion literaria franceza*, de Nicolás Beaudouin; *Los nuevos pintores de Italia*, de B. Galindez; e *El hombre que habla*, de Francisco Romero. Traz varios poemas, uma interessante chronica da vida intellectual franceza por Francis de Miomandre, Ponce; *Alejandro Venegas*, de Armando Do-comentarios, noticias, etc.

REVISTA DE FILOSOFIA, novembro de 1922, Buenos Aires. O sumario deste numero é este: *Doctrinas de Levy Brühl*, de Anibal Pome; *Alejandro Venegas*, de Armando Donoso; *La sociologia de Ramos Mejia*, de Raul Orgaz; *Scalabrini y el comtismo*, de Victor Mercante; *La filosofia en el Ecuador colonial*, de Isaac Barrera; *Las revoluciones franceza y rusa*, de Gabriel Moreau; *Evolucion ideologica de Costa Rica*, de L. Felipe Gonzalez; e *Por la union latino-americana*, de José Ingenieros. Esta revista, dirigida por Ingenieros, é uma das mais brilhantes manifestações da actividade mental argentina.

LA PLUMA, dezembro de 1922, Madrid. Além de varias chronicas litterarias, assignadas por Mario Puccini, Paul Colin, Massó Ventos, Guillermo Jiménez e outros, publica este numero trabalhos ineditos de Ramon del Valle-Inclán, Diez Canedo, Luis Fernández Arnelán, Ramón Gomez de la Serna e Juan Jimenez, destacando-se o estudo de Rivas Cherif sobre a obra de Benevente e o premio Nobel.

A NAÇÃO PORTUGUEZA, novembro de 1922, Lisboa. Dirigida por Antonio Sardinha, esta revista de cultura nacionalista é superiormente redigida e orientada. Todos os mezes insere estudos, ensaios e artigos que se recomendam pela escolha dos assumptos, pela sua elevação ideologica e pela sua moderna orientação philosophica. Os melhores nomes da peninsula nella collaboram. Os principaes artigos do sumario do numero de novembro são estes: *Hispanismo y Nacionalismo*, de Angelina Palma; *El áutivo de Obidos*, de Marquês de Lozoya; *Estudios de filosofia*, de Avelino Soares; *A mulher e o sentimento do amor em Antero de Quental*, de Branco Chaves; *A questão Gomes Freire*, de Rodrigues Cavalheiro; e *Questões da historia*, de Antonio Sardinha. E' publicação que honra á cultura peninsular.



O presente da França á Academia

De pé, numa commovida emoção, os membros da Academia Brasileira de Letras, ouviram a communicação que lhes fez o embaixador de França, da offerta á doutissima companhia do *Petit Trianon*, com quasi todos os seus valores, os seus gobelins, os seus Sévres, as suas tapeçarias e moveis antigos, num valor de mais de dois mil contos. Finda a communicação, os immortaes saudaram effusivamente a França, o presidente Millerand, o Sr. Poincaré e o embaixador Conty, entre as mais vibrantes aclamações. O gesto de fidalguia da França é um motivo de alegria para todo o Brasil, que nelle vê uma homenagem á sua intellectualidade, que sempre exaltou a grande Patria, como o centro da cultura occidental, sobretudo do genio latino, que irradia como flôr maravilhosa da ilha de França. O formoso palacio da Avenida das Nações, que reproduz o *Petit Trianon* de Versalhes, abrigando a nossa mais alta corporação litteraria, será um symbolo da França generosa e fecunda, cujo genio tem sido orientador e guia de nosso espirito, bem como o vehiculo de nossa cultura, porque através de seu bello idioma temos formado nossa mentalidade, no contacto com o mais largo universalismo. O edificio doado á Academia de Letras reproduz fielmente o *Petit Trianon* de Versalhes, construido em 1766. Sua ornamentação interna obedece ao estylo do grande seculo e é um primor de graça, de finura e de bom gosto. Passamos a dar uma descrição do palacio, de suas colleções e preciosidades, afim de que se possa estimar a admiravel offerta da França ao Brasil, na entidade illustre de sua Academia de Letras:

"Este palacio contem em primeiro lugar, as colleções emprestadas pelas Manufacturas Nacionaes de Sévres e dos Gobelins, o Garde-Meuble National, a Imprensa Nacional e a Administração das Moedas e medalhas.

A Manufactura Nacional de Sévres, que foi fundada em 1738, adquiriu rapidamente, no 18º seculo, uma fama mundial.

Como peças desta época, figuram no palacio os grupos de 'Pygmalião e Galathéa' de Falconnet; 'Apollo e as Musas', 'O Amor e a Nympha', a peça central do 'Surtout' dos Peixeiros, de Boizot, e o 'Surtout' da Casa de Blondeau, segundo Ouduy.

A Manufactura de Sévres, que se tornou estabelecimento nacional desde 1871, é hoje o verdadeiro 'Conservatorio das Artes Ceramicas', como Alexandre Brogniat, queria que ella fosse. Entre as peças modernas emprestadas por esta Manufactura distinguem-se os grandes vasos de crystallizações cambiantes, as peças em vermelho de cobre, os biscuits e grés, taes como a 'Fonte das rãs', de Max Blondat, a 'Roda de creanças', de Dalar, o Terme de Jardim de Maignan.

A Manufacture Nationale dos Gobelins, fundada em 1662, está ainda representada, no palacio, por tres bellos painéis de Boudry.

O Mobilier National emprestou uma obra extraordinaria, que é a celebre tapeçaria 'A batalha d'Arbelles' que faz parte da celebre colleção das tapeçarias de Gobelins, representando a vida de Alexandre, trabalho de Lebrun. Além das obras emprestadas pelas administrações nacionaes, acima citadas, admiraveis mobiliarios, objectos de arte, gravuras e estampas foram emprestados graciosamente pelos seguintes colleccionadores francezes: srs. Guérault, Guiraud, Henry-Blanchon, Jansen, Jonas, Kraemer, Lacarde, Maya-Reinon e Arnold Seligmann.

Graças a actividade do sr. Donarche, secretario geral do commissariado, o sr. E. Viret ponde, com o concurso precioso dos srs. Jonas e Lacarde, respectivamente presidente e vice-presidente da Camara Syndical de Curiosidade e das Bellas Artes, e do sr. Mayer, presidente da Camara Syndical dos Editores e Negociantes de Estampas Antigas e Modernas, reunir em pouco tempo uma collecção unica, absolutamente, representativa da época do 18º seculo, que pôde ser admirada nos diferentes salões do palacio de honra.

Na grande sala da Exposição estão agrupados, principalmente, os trabalhos provenientes das manufacturas nacionaes. No grande salão estão reunidos, tanto quanto possivel, moveis e objectos de arte da época fim Luiz XV até ao meio da época Luiz XVI. Notam-se ahi, entre outros:

Dois moveis de marcenaria do professor Nicolas Petit.

Uma escrivantina do fim da época Luiz XV

Uma bellissima mesa em madeira esculpida e dourada do mais bello estylo da época Luiz XV

Uma mobilia de salão em tapeçaria real de Aubusson, composta de um canapé e seis poltronas. Os espaldares são ornados de pequenos personagens e os assentos representam fabulas de La Fontaine.

Uma maravilhosa tapeçaria dos Gobelins de mais puro Luiz XV, segundo os cartões de Vain, atelier de Cozette.

Uma bella tapeçaria da mesma época, com assumptos chinezes segundo os cartões de LePrince, que deve ser oriunda dos ateliers da Manufactura de Aubusson. Não deixaremos de assignalar uma pequena peça chamada "Bonheur du Jour", movel muito em voga nas épocas Luiz XV e Luiz XVI.

Ha ainda segundo refere Viret:

Dois retratos representando as duas irmãs de Maria Antonietta — Maria Christina e Maria Josephina; quatro garrafas crystal chinez; um busto em marmore de Voltaire e uma Diana em bronze obras de Houdon; um relógio Luiz XVI, Sévres; dois candelabros de bronze dourado, época Luiz XVI; um cofre de joias offerecido por Maria Antonietta a uma sua dama de honra; um consolo em vinhatico, trabalho de Weiswerller e Resenen; duas pequenas commodas, de Victor Lacroix; um consolo em madeira esculpida e dourada, de Lemarchand, época Luiz XVI; seis poltronas de madeira, assignadas Bove cobertas com uma tapeçaria de Beauvais.

O 3º salão está ornamentado com uma mobilia em laqué vermelho e coberta de uma tapeçaria feita á agulha, de assumpto de Téniers, assim como quatro bellos paineis em tapeçaria de Aubusson, e um delicioso retrato de homem por Drouais.

Uma grande parte dessas riquezas ficarão pertencendo á Academia que, graças á França, vae d'oravante pensar e trabalhar num quadro digno da sua augusta missão.

Academicos mortos

Os Srs. Luiz Pereira Barreto e Oscar Freire de Carvalho, fallecidos ha poucos dias, eram membros respectivamente da Academia Paulista de Lettras e da Academia de Lettras da Bahia. Na Academia Paulista era Luiz Pereira Barreto, o seu decano desde a fundação. Installada em 1909, a Academia perdeu até hoje nove de seus fundadores, entre os quaes o presidente, Barão de Brasília Machado, e o secretario geral, Dr. Joaquim José de Carvalho. Além da vaga de Luiz Pereira, acha-se tambem aberta a de Wenceslão de Queiroz, fallecido ha dois annos. Na Academia Bahiana, não estando ainda occupadas as cadeiras que pertenceram a Borges dos Reis, Torquato Bahia e Pacifico Pereira, é esta a quarta vaga que se abre.

ASSOCIAÇÕES SCIENTIFICAS & LITERARIAS

Varnhagen

A 17 deste mez o Instituto Varnhagen celebrará a data do nascimento de seu grande patrono, com uma sessão civica, em que o Sr. Celso Vieira fará uma conferencia sobre a obra do notavel historiador brasileiro, devendo o Sr. Rocha Pombo justificar então a existencia da nova sociedade de estudos brasileiros, que tomou o nome de Varnhagen, como symbolo dessa renovação de nossa cultura, em bases nacionaes, de que o visconde de Porto Seguro foi um dos mais insignes paladinos.

Francisco Adolpho de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, nasceu em Ipanema, no Estado de S. Paulo, a 17 de fevereiro de 1816, falleceu aos 59 annos, a 29 de junho de 1878, em Vienna da Austria, onde occupava o cargo de ministro do Brasil.

No monte Araçoiaba, ex-Ipanema, no qual desejava Varnhagen ser sepultado, existe uma cruz de ferro fundido com estas inscripções:

Na frente do pedestal:
*A' memoria de Varnhagen
Visconde de Porto Seguro
nascido na terra fecunda descoberta por
Colombo*

*Iniciado por seu pai nas coisas
grandes e uteis
Estremecceu sua patria e escreveu-lhe a historia.*

*Sua alma immortal reúne aqui todas
as suas recordações.*

Do lado opposto:
*Nasceu nesta fabrica
a 17 de fevereiro de 1816
Falleceu
a 29 de junho de 1878 em
Vienna d'Austria
onde repousam seus restos
mortaes.*

Essa cruz e essas inscripções foram collocadas em 1882, pouco depois da morte do illustre historiador, graças ao piedoso zelo de sua viuva e em cumprimento a determinações expressas do proprio finado. Apesar dos desejos de Varnhagen, tão patriota e tão bairrista, que se proclamava nos seus escriptos, á guiza de titulo honorifico "paulista de Sorocaba", os seus restos continuam na capital austriaca. Poucos annos antes do seu fallecimento, estando no Brasil, foi Varnhagen a Ipanema visitar o seu berço natal. Uma das primeiras preoccupações do novo Instituto, logo que tenha completado sua organização definitiva, é a de repatriar os restos mortaes do seu patrono, para o que envidará todos os esforços, contando com o auxilio de todos os brasileiros interessados nessa obra de culto aos grandes vultos de nossa terra.

Reproduzimos, a seguir, a noticia sobre a constituição do Instituto, que foi publicada na "Revista da Semana" e que é uma synthese admiravel das intenções de seus organizadores, postas em relevo pela penna de um dos mais notaveis escriptores modernos: "Acaba de fundar-se, elegendo a sua primeira directoria na sessão installadora realizada no salão nobre da Sociedade de Geographia, esta nova instituição dedicada ao estudo da historia patria.

O estatuto da nova agremiação erudita revela o criterio amplamente nacionalista a que subordinará a sua acção, esforçando-se por influir salutarmente no fortalecimento da consciencia nacional pelo conhecimento das origens e formação da nacionalidade, determinando que sejam brasileiros todos os seus membros effectivos e creando um Conselho Consultivo em que terão representação os historiadores nacionaes e estrangeiros cuja cooperação possa ser util á efficacia dos nobres objectivos da instituição. Aquelle bem-fazejo nacionalismo assim se caracteriza por um franco internacionalismo no dominio da cultura e por um patriotismo militante no aproveitamento e difusão dessa cultura, sem quaesquer ligações e sem possível confusão

com a monstruosa concepção de um nacionalismo xenophobo, que por ahi andou a agitar bandeiras jacobinas, hasteadas por alguns desvaírados.

A invocação do nome do seu glorioso patrono vale, aliás, por um programma. Nenhum historiador teve mais do que o autor glorioso da *Historia Geral* o sentimento penetrado do nacionalismo. Entretanto, Varnhagen era filho de um official allemão, contratado pelo governo de D. João VI para dirigir a primeira tentativa em grande escala da fundição dos metaes, e a sua vida decorreu em grande parte no estrangeiro, tendo exercido cargos diplomaticos em Lisboa, onde iniciou a sua carreira, em Madrid e em Vienna d'Austria. Accusado, uma vez, pelo eminente D'Avezac, de subordinar demasadamente a um criterio nacionalista a sua visão da Historia, Varnhagen respondeu triunphantemente que andaria errado se tentasse interpretar os acontecimentos historicos brasileiros com um sentimento diverso daquelle que havia originado e conduzido esses proprios acontecimentos. Elle considerava a formação da nacionalidade brasileira como uma obra portugueza e, esquecendo a sua origem allemã, tenazmente procurou sempre impregnar-se do sentimento da raça para lhe comprehender e exaltar os grandes lances.

De justiça seria que a nova academia de estudos historicos começasse por promover e dirigir a reedição annotada de toda a obra do seu illustre patrono, obtendo do eminente Capistrano que concluisse as annotações da edição definitiva da *Historia Geral*, paralisada no 1º volume, e diligenciando revelar o paradeiro dos manuscritos e da bibliotheca de Varnhagen, na qual se incluíam especíes archi-raras, como o exemplar da edição *princeps* da *Lettera* de Vespucio a Soderini, de que só existem, incluindo o de Varnhagen, cinco exemplares conhecidos.

Com excepção dos raros eruditos que se dedicam ao estudo da Historia, o Brasil desconhece quanto o nome do seu glorioso historiador é mundialmente venerado. Ainda hoje se reconhece impossivel escrever sobre assumptos da geographia historica americana sem citar o nome illustre de Varnhagen, e muitas das suas opiniões, ainda mesmo as que recentissimos estudos reconhecem erroneas, influem e dominam nas obras de sabios de renome universal como Vignaud, cuja ultima obra dedicada a Vespucio não é mais do que a consagração das doutrinas de Varnhagen.

Muito ha a esperar da nova instituição dedicada aos estudos da Historia, não só pelo patriotico espirito que a anima como pela directriz que orienta os seus fundadores, quasi todos influenciados pelas idéas que renovaram as concepções politicas nacionaes no decurso do ultimo decennio.

Dir-se-ha que o Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro constitue um gremio de gloriosas tradições, ha muito mais de meio seculo votado ao estudo da historia patria, e que a sua longa existencia, tão intimamente vinculada á nossa erudição historica, imprime um caracter de redundancia á novissima instituição. Porém a existencia simultanea de duas agremiações dedicadas a estudos congeneres, longe de ser prejudicial nos parece benefica, tanto mais que tudo parece indicar que o Instituto Varnhagen representará uma corrente de idéas mais penetrada do sentimento das novas gerações de letrados, com menos academismo, um espirito menos estatico e uma concepção social mais pratica dos estudos da historia. A verdade é que a influencia erudita e cultural do Instituto Historico não conseguiu neutralizar uma corrente de descrédito das nossas origens, que chegou ao extremo de glorificar a traição de Calabar e de generalizar a creença de que foi com rebotalhos de carcere que se creou a primeira população branca do Brasil.

E' com a mais benevola e sympathica expectativa que aguardamos a acção do Instituto Varnhagen, cuja primeira directoria, acclamada em assembléa geral, ficou assim constituída:

Presidente perpetuo, Rocha Pombo; 1º vice-presidente, Celso Vieira; 2º vice-presidente, Genserico de Vasconcellos; 3º vice-presidente, Ronald de Carvalho; secretario geral perpetuo, Elysis de Carvalho; 1º secretario, Renato Almeida; 2º secretario, Ribas Carneiro; thesoureiro, Theophilo de Albuquerque; bibliotecario, Jorge Jobim; chronista, Gustavo Barroso.

Bastaria que o Instituto Varnhagen pudesse influir na pessimista interpretação que da nossa historia retrospectiva geralmente se encontra nos manuaes de ensino — difundindo nas novas gerações um salutar orguho pela acção dos seus antepassados, como base opti-

mista de uma fecunda esperança no porvir — para que a sua obra merecesse incondicionaes louvores.

Instituto Archeologico de Recife

Commemorando o centenario da nossa Independencia politica, a *Revista do Instituto Archeologico de Pernambuco* publicou um numero especial, com 636 paginas, onde são registrados todos os acontecimentos importantes da historia de Pernambuco. O sumario dessa valiosa publicação é o seguinte: *Chorographia de Pernambuco*, por Mario Mello, com 143 paginas, trabalho em que faz uma summula historica de Pernambuco, trata da geologia, da orographia, de inscrições hieroglyphicas, da potamographia, da linographia, da Costa e suas fortificações, da historia militar, dos portos, da nesographia, do clima e salubridade, dos reinos mineral, vegetal e animal, das origens e graphias do nome "Pernambuco", das raças aborigenes das diretrizes e povoamento do solo, das phases administrativas (capitania a Estado), apresentando uma relação completa dos capitães generaes, presidentes de provincia e governadores das correntes immigratorias, dos limites da superficie, da população, da organização politica da historia judiciaria, das religiões, com uma lista dos bispos e arcebispos, da agricultura com uma relação dos engenhos e usinas da pecuaria, da industria, da viação, do commercio, das moedas, pesos e medidas, do regimen fiscal, da instrucção do estado actual da civilização em Pernambuco: seus homens notaveis e uma nomenclatura dos municipios, cidades, villas e povoados de Pernambuco; *Ethnographia*, por J. A. Corrêa de Araujo, com um estudo completo sobre os Indigenas de Pernambuco sua lingua, seus caracteres, organização politica, industria, agricultura, suas idéas moraes, costumes das tribus, etc.; *A religião dos indios e dos negros de Pernambuco*, pelo Abbade D. Pedro Roeser, com as credences populares dos indios, dos africanos e dos sertanejos; *Os quilombos dos Palmares*, por Manoel Aarão, com um estudo perfeito sobre a chamada Troya negra, sua organização, suas guerras e os feitos, através da lenda e da historia; *A revolução republicana de 1817*, por Vicente Themudo — synthese admiravel desse momento precursor da Independencia; *Apontamentos para a historia ecclesiastica de Pernambuco*, pelo Conego José Barata, estudos que abrange toda a historia catholica de Pernambuco e analisa a acção do clero durante 500 annos de nossa vida; *Religiões catholicas de Pernambuco*, pelo Professor Jeronymo Guelros, trabalho synthetico em que traça o movimento reformista, desde o periodo hollandez e analisa as igrejas protestantes do Estado e seu desenvolvimento; *Litteratura pernambucana*, pelo conego Xavier Pedrosa, estudo seguro sobre a vida litteraria de Pernambuco desde Bento Teixeira até nossos dias; *O theatro em Pernambuco*, pelo Dr. Samuel Campello, com peculiaridades sobre o apparecimento do theatro em nossa terra, estudo sobre as casas de theatros passadas e actuaes, sobre os amadores, os escriptores theatraes, os artistas que têm passado em Pernambuco, os que aquil morreram e episodios theatraes.



A arte brasileira em Paris

A arte brasileira, que tem nestes ultimos annos, começado a despertar em Paris o interesse que merece, acaba de receber uma nova consagração na pessoa de dous esculptores brasileiros, o Sr. Brecheret e a senhorita Adriana Wolkowyski-Janacopulos. O que é de notar mais particularmente, é que essa consagração não vem do "Grand Salon" da

arte official, em que os "pompiérs" acham sempre um lugar, quando apoiados por alguma recommendação de peso. E' no independente e vivo "Salon d'Automne" que os nossos patricios acharam um lugar para exporem suas obras. Sentimos não conhecer o Sr. Brecheret, cuja obra exposta, o busto de Mme. Z... "não é nem desprovido de firmeza nem de synthese no perfil, nem de intelligencia"; nem tampouco a senhorita Janacopulos, cuja esculptura revela um temperamento consciencioso de artista minuciosa e delicada, mas que não é atormentada por uma originalidade extrema", diz o Sr. Raymond Cogniat: Esperamos ver em breve aqui as obras desses dous artistas nacionaes, para lhes consagrar o estudo mais aprofundado que com certeza merecem.



Embaixador Souza Dantas

O embaixador Luiz de Souza Dantas tomou posse do seu novo posto em Pariz, e é-nos verdadeiro prazer ver a unanimidade com a qual a imprensa, toda a imprensa parisiense, sauda o nosso illustre representante.

Entre tantas bemvindas dadas ao novo embaixador na capital franceza, merece especial menção a da "Revue de l'Amérique Latine", cujo artigo se reveste de um valor particular, considerando-se a personallidade dos seus collaboradores. "Se o Sr. Souza Dantas, escreve espirosamente essa revista, quizesse parodiar Luiz XVIII, poderia, tomando posse do seu posto em Pariz, dizer como elle que isto não significa senão mais um parisiense na cidade. E' parisiense no sentido o mais largo, isto é, não só um "boulevardier" que todos cumprimentam entre á rua Drouot e a Concordia, como tambem um homem sensível á todas as manifestações da vida intellectual, um artista, um admirador da França, estimado, ouvido pelos nossos homens de letras, pelos nossos actores e tambem pelas nossas actrizes. O Sr. de Souza Dantas foi amigo de todos os que contam verdadeiramente em Roma, de Gabriele d'Annunzio entre outros: já o é em Pariz de toda uma elite intellectual. Posto que aquil gostamos das anticipações, é pouco arriscado predizer que o novo embaixador fará tão boa figura nos meios diplomaticos quanto no salão branco da comedia franceza ou no "foyer" da opera. Mas, dirão, a missão de embaixador será compativel com tantas actividades diversas? Como havia elle de sorrir da objecção, este romano de hontem, acostumado com todos os palacios patricianos da cidade Eterna, que colheu, durante a sua carreira, maior numero de resultados do que cem burocratas laboriosos! Deixou na Italla uma obra fecunda: um tratado de emigração cujas consequencias são importantissimas. A amavel indolencia aparente, nesse homem encantador, é um biombo atraz do qual elle trabalha com afinco, concebe com clarividencia e realiza sempre"

Não se pode caracterizar melhor, em tão poucas linhas, o que é o embaixador Souza Dantas que sabe, nessa época sem belleza, conciliar a elegancia tradicional do diplomata com a força realizadora do homem moderno.



A educação reformadora da raça

O Sr. Mario Pinto Serva, sob o titulo acima, publicou n' "O Paiz" um artigo sobre a interessante questão da educação physica da raça, que conclue assim: "No aparelho nacional de educação a crear, para lançar as bases do progresso do paiz, é preciso instituir todo um departamento de educação physica para orientar o desenvolvimento esthetico da nossa raça, tornando o Brasil uma terra de homens fortes e mulheres bellas. O Uruguay já instituiu no Governo nacional um Departamento de Educação Physica, porque na vizinha Republica se entende que nada é tão importante no paiz como a formação de uma raça forte e sadia. Quando é que, para nós brasileiros, o Governo começará a cogitar da unica cousa que valha a pessoa nossa, o nosso physico, o nosso corpo, a nossa saude, providenciando a formação de criações normaes e desenvolvidas? O fim ultimo, o Idéal superior de todo Governo deve ser constituir no Brasil uma raça de individuos fortes, bellos, sadios e vigorosos. Entretanto, isto é a unica cousa de que não cogita o nosso Governo, que deixa a nossa raça degenerar, deperecer, atrophiar-se, deformar-se, sem tomar nenhuma providencia, sem cogitar sequer da medida elementarissima de estabelecer um Conselho Nacional de Educação, que ha annos se reclama, que já em 1882 reclamava o conselheiro Ruy Barbosa. Entretanto, não falta no Governo Federal um departamento zootechnico para cuidar da melhoria das raças da especie bovina e cavallar. Cuida-se mais na administração federal de melhorar a raça de cavallos e bois que a nossa propria. E' o cumulo que o Governo nacional do Brasil gaste mais dinheiro com o melhoramento da raça bovina e cavallar que com o melhoramento da nossa propria raça humana, que em todo este vasto territorio nacional continua ha um seculo sob a acção do processo degenerativo que a vem atacando. Faz-se tudo pelo melhoramento, desenvolvimento e embelezamento dos bois e cavallos e nada pelo melhoramento dos homens e mulheres da nossa raça."



A missão militar

O Governo, renovando o contrato com a missão militar franceza, chefiada pelo illustre General Gamelin, recebeu a comprehensão nitida das necessidades nacionaes, organizando suas forças militares, sem propositos expressivos, mas com prudente visão dos interesses da defesa brasileira. A obra da missão franceza, como está na consciencia de todos, tem sido a mais meritoria possivel, renovando a mentalidade de nossos distinctos officiaes e dando aos varios corpos do exercito a eficiencia pratica, de que careciam. Graças a elle, o Estado Maior deixa de ser um aparelho burocratico simplesmente, mas se torna o cerebro do exercito e os officiaes, nas escolas technicas, se vão preparando para os commandos, os mais elevados, ou os mais especializados.

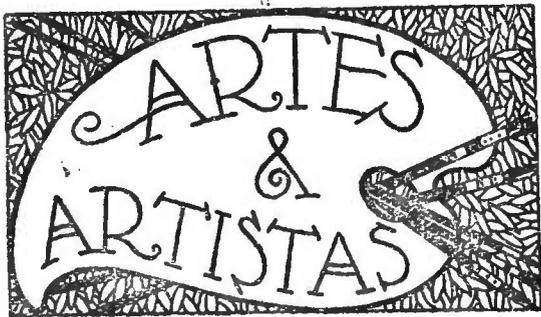
Os primeiros 4 annos, porém, embora proveitosos, não foram sufficientes e, dest'arte, a prorrogação do contrato por tempo igual, merece todos os louvores, pois garantirá o exito absoluto da missão, a cuja frente se encontra o General Gamelin, cuja alta competencia logo o impoz como mestre inegavel e organizador eminente. Com taes elementos, teremos completada a nossa reorganização militar.



4

Decadencia do "Bel-Canto"

O conhecido maestro Mascagni, em conversa com Mussolini, fez ver ao chefe do governo de seu paiz, que a opera italiana entrara em franca decadencia na America do Sul, cujas platéas preferem o drama lyrico allemão ou francez. Mussolini achou "que esse trabalho contra o teatro lyrico italiano constituia um verdadeiro crime". Mascagni discutiu a questão da concessão de passaportes aos artistas Italianos para o estrangeiro, encarecendo a necessidade de não se permittir a saída de mãos cantores. Mussolini disse-lhe desapprovar a ambição dos artistas Italianos de se exhibirem nas operas estrangeiras e de cantar peças em linguas estranhas, principalmente nas grandes cidades. O chefe do gabinete pediu a Mascagni que apresentasse um relatorio contendo propostas concretas para a protecção da opera lyrica italiana. Não parece que a questão deva ter esse aspecto, como economico, nem medidas administrativas nos farão preferir a *Tosca* ou a *Lodoetta* a *Siegfried* ou *Pelléas et Melisande*. O que ha, sem duvida, é uma accentuada decadencia da musica lyrica italiana, que, salvo uma ou outra excepção, permanece no *verismo* de Puccini e de Mascagni, de um enervante passadismo, hoje intoleravel. As longas arias, com suas *fermatas*, seus agudos e seus gorgeios, que faziam delirar as platéas de antigamente, muito mais incultas do que as modernas, em que pese a opinião em contrario do Sr. Ronald de Carvalho, já se tornaram enfadonhas e banaes, e ninguem mais as leva a serio. Preferimos a musica allemã, franceza ou russa, porque, nesses paizes, a musica evoluiu, de accordo com o seu tempo, e hoje é perfeitamente nova e actual. E' certo que, na Italia, ha musicos modernos, mas esses, por via de regra, são relegados para segundo plano nas temporadas officiaes, em que só nos dão o arsenal *verista*, com uma audacia imprevisita. Depois de Verdi o *bel-canto* se precipitou numa lastimavel decadencia e não ha de ser com medidas e providencias de secretaria de estado que resuscitarão essa "arte" envelhecida e detestavel para a emoção nova dos paizes americanos. Não é uma questão administrativa, mas de psychologia de gosto musical...



Dakir Parreiras

Sobre a exposiçào, que com grande exito está fazendo em Recife o joven pintor fluminense Dakir Parreiras, escreveu o seguinte o publicista e crítico pernambucano Sr. Anibal Fernandes:

"Dakir Parreiras abriu hontem no salão da Singer, á rua Nova, a sua annunciada exposiçào de quadros. E' um artista novo, cheio de audacia, dono de uma palheta rica, pintando largamente os aspectos que directamente o impressionam, sem contemporizações burguezas e sem o fito immediato do negocio e do lucro. O que se percebe de ante mão na sua arte é a honestidade de

seus processos picturaes. Elle podia lisongear o grande publico com os classicos crepusculos, feitos de encomenda, no "atelier"; com os chromos e trabalhos de uma exactidão quasi photographica deante dos quaes tanto se commovem os "gol-disants" amadores e "connaisseurs". A tudo isso preferio ser sincero. Pinta com ingenuidade, sem preocupações, sem rebuscamentos, attendendo principalmente á côr e á intensidade de vida. Por isso a maioria, se não todos os seus quadros, são "esquisses" e pochades. Mas ha nelles a frescura que logo denuncia o verdadeiro artista que elle é. Toda obra de Dakir é um "plein air" delicioso. São os espectadores que acabam os seus trabalhos. Elle fixa de preferencia a sensação perfeita do momento, simplificando-a e synthetizando-a o mais possivel. Nesse particular a sua "maneira" é ainda mais moderna que a do seu pai, o insigne paysagista Antonio Parreiras. E em que reside o character da moderna pintura se não na emoção?

— "Essa emoção, escreve Emilia Bayard, accusa um pensamento, um gesto. Um traço, uma mancha, bastam muitas vezes á sua expressão, onde a verdade, a côr, a luminosidade têm uma parte de encanto que desorienta a analyse, mas cujo sabor medito deve satisfazer." As paysagens de Dakir e as duas ou tres figuras expostas demonstram uma factura breve, pessoal, independente. Não se conclua dahi que elle adopte as extravagancias de um futurismo "snob". Nada disso. Póde-se deixar de lado o academismo "pompiet" sem se cair no exagero dadaista. Em resumo a exposiçào de Dakir revela-nos um talento vigoroso, digno de toda sympathia da parte culta da cidade. De resto, essa não lhe faltou, no entusiasmo com que accorre ao seu certamen tudo quanto Recife conta de mais representativo em questões de intelligencia e de bom gosto.

Oxalá que esse entusiasmo se traduza na acquisição das telas do artista, que junta aos seus talentos de pintor um encanto pessoal irresistivel."



Nova Gazeta da terra do Brasil

Numa das ultimas sessões da Academia Brasileira de Letras, o Sr. Afranio Peixoto apresentou a ultima e sabia obra do Dr. Clemente Brandenburger, que versa assumpto de historia, erudição e philologia, sobre "A Nova Gazeta da Terra do Brazil", um dos mais antigos documentos de nossa existencia civilizada. Data de 1515, a "New zeltung ansz Presillandt" e é de extrema importancia, como documento universal, e documento brasileiro. Graças á publicação agora pela primeira vez feita do original traduzido, grande cópia de preciosas induções historicas auffer nossa Historia. A cultura geral lucra uma sabia exposiçào sobre essas gazetas do Renascimento, de que sahirla a imprensa tão diversa, que veio ao nosso tempo, e tem como avatar, talvez mais proximo no cinematographo, tambem informativo. A parte philologica é compendiosa e altamente importante, pois a "Nova Gazeta", além de palavras estranhas de gyria de navegantes do tempo, contém palavras do alto medio e já moderno allemão, commentadas com sciencia e proficiencia.



Aos nossos leitores

Para alargar a influencia das nossas campanhas precisamos da collaboraçào de todos os nossos leitores.

Se querem auxiliar-nos, não basta comprar ou assignar a nossa revista. E' preciso tambem nos trazer novos assignantes. Para compensar os nossos leitores que nos ajudarem, resolvemos *dar gratuitamente uma assignatura de um anno da America Brasileira* a toda pessoa que nos trouxer quatro assignantes novos.

Se o leitor já fôr assignante, a sua assignatura será prolongada de um anno, ou poderá ser attribuida a outra pessoa que nos indicar.

Para as pessoas que nos angariarem oito assignaturas, remetteremos, — além da assignatura gratis — um exemplar da "Brava Gente" ou do *Brasil, potencia mundial*, as duas já celebres obras de Elycio de Carvalho, que têm recebido o applauso unanime da critica brasileira.

Toda correspondencia deve ser dirigida á "America Brasileira", 96, rua 1º de Março, 3º — Rio de Janeiro.

Reunir algumas assignaturas de 10 mil réis é cousa facilima e contamos com todos aquelles que se interessam pelo nosso patriotico esforço.

O premio Francisco Alves

Continua aberta, na Academia Brasileira, até 30 de Junho proximo, a inscriçào dos concorrentes ao premio de dez contos de réis, instituido por Francisco Alves. As obras a apresentar serão monographias sobre o melhor modo de divulgar o ensino primario no Brazil, ficando bem entendido que não se trata de livros didacticos sobre qualquer dos ramos do ensino primario e, sim, de exposiçào de meios adequados para que o referido ensino se possa diffundir o mais rapida e efficaizmente possivel. As monographias deverão ser entregues á Academia em tres exemplares identicos, impressos ou dactylographados, acompanhados de carta de seu autor, declarando que é candidato ao premio. As monographias pódem ser de qualquer época, deste anno ou de annos anteriores, e os seus autores de qualquer nacionalidade, contanto que as escrevam em portuguez. Os autores pódem imprimir ou dactylographar as suas monographias com seus proprios nomes ou pseudonymos. Neste ultimo caso, o concorrente provará a autoria da obra, para poder receber a importancia do premio. Obedecendo ás condições acima, já se apresentaram quatro concorrentes, do Amazonas, Bahia, Minas Geraes e Paraná. Além dos editaes publicados, a Secretaria da Academia fornecerá informaçõeas a quem as pedir.



LIVRARIA GARNIER

Rua do Ouvidor, 109

Caixa Postal, 618

Rio de Janeiro

PEÇAM CATALOGOS

COLLECÇÃO "AUREA"

(Paginas escolhidas dos maiores escriptores)

<i>Machado de Assis</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.	10\$000
<i>Os Poetas</i> — 2 volumes enc.	20\$000
<i>Contos Brasileiros</i> , Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.	10\$000
<i>Visconde de Taunay</i> , por Alberto de Oliveira e Jorge Jobim, enc.	10\$000
<i>José de Alencar</i> , por Mario de Alencar.	10\$000

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

Le Bon — <i>As Opiniões e as Crenças</i> , enc.	8\$000
" — <i>Psychologia das Multidões</i> , enc.	8\$000
" — <i>Psychologia dos Novos Tempos</i> , enc.	8\$000
" — <i>Psychologia Politica</i> , enc.	8\$000
" — <i>A Revolução Francaza e a Psychologia das Revoluções</i> , enc.	8\$000
Smiles — <i>Ajuda-te</i> , enc.	8\$000
" — <i>O Character</i> , enc.	8\$000
" — <i>O Dever</i> , enc.	8\$000
" — <i>A Economia</i> , enc.	8\$000
" — <i>O Poder da Vontade</i> , enc.	8\$000
" — <i>Vida e Trabalho</i> , enc.	8\$000

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, DICCIONARIOS, VOCABULARIOS, GUIAS, ESPIRITISMO, ETC.

UM LIVRO QUE TODO O BRASIL LÊ

E QUE SE DISCUTE NO ESTRANGEIRO

ELYSIO DE CARVALHO

Os Bastiões da Nacionalidade

Edição do ANUARIO DO BRASIL

Um volume de 400 paginas

Preço: brochura 6\$000 e encadernado 8\$000

A' venda nas principaes livrarias do Brasil

PEDIDOS AOS EDITORES

62, Rua D. Manoel

RIO DE JANEIRO

ACABA DE APPARECER:

ELYSIO DE CARVALHO

A Realidade Brasileira

ESTUDO SOBRE A PONTENCIALIDADE ECONOMICA DO BRASIL E A FINALIDADE DA POLITICA NACIONAL

VOL. 64 PAGES. 2\$000

A' venda em todas as livrarias do Brasil

PEDIDOS AOS EDITORES:

S. A. Monitor Mercantil

1.º DE MARÇO, 96, 3.º — RIO DE JANEIRO

BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

Casa Matriz: AMSTERDAM

FILIAES NA AMERICA DO SUL:

Rio de Janeiro --- S. Paulo --- Santos --- Buenos-Aires --- Santiago do Chile --- Valparaizo,
Na Allemanha --- HAMBURGO.

Capital autorizado..... Florins 50.080.000
Capital realizado e reservas..... Florins 22.680.000

*Fundado pela Rotterdamsche Bankvereeniging
Amsterdam -- Rotterdam -- Haya*

Cujo capital realizado e reservas montam em florins a 114.000.000

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO

II, RUA BUENOS AIRES, 13

TELEPHONES: NORTE 5356, 5357. E 5358

Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIEDADE ANONYMA

CAPITAL: FRs. 50.000.000

CAPITAL REALISADO:

Ações Frs. 50.000.000 e Obrigações Frs. 65.000.000
Fundo de reserva: Frs. 12.500.000

Emprestimo sobre primeira hypotheca a curto e longo prazo, reembolsaveis a prazo fixo ou por amortisações semestraes com direito de reembolso antecipado.

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento.

DINHEIRO PARA CONSTRUÇÕES
Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos mesmos e terreno.

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de immoveis, cobrança de juros sobre apolices, ações e debentures, guarda de valores, etc.

SÉDE SOCIAL EM PARIS:

39, BOULEVARD HAUSSMANN, 39

Séde de Operações e Direcção Geral:

44, AVENIDA RIO BRANCO, 44 -- RIO DE JANEIRO

Endereço Telegraphico-BRESIFONCI
CAIXA POSTAL 1307

TELEPHONES { Directoria N. 4.116
Secretaria N. 2.085
Expediente N. 3.750

AGENCIA:

24, RUA S. BENTO, 24 - S. PAULO